

O Romance dum Homem Rico de Camilo Castelo Branco

PRÓLOGO DA TERCEIRA EDIÇÃO

«– Este foi o mais querido dos meus romances».

C. CASTELO BRANCO, Prefácio da 2ª edição do *Romance dum Homem Rico*.

Quando Camilo Castelo Branco escrevia no seu livro dilecto esta sentença: – e o homem não acha em si os alívios da razão quando os vícios lha degeneram e, estava julgando a sua própria alma no tribunal austero da consciência.

Não vejam nisto censura, os melindrosos por conta alheia.

O romancista, se não é um armador de encomendas, um preparador de eleitos, um pintador de cenários, um arranhador de visualidades, se sente como escreve, ao menos quando escreve, encarnando-se nos seus personagens, reconhecendo em si as paixões que lhes reconheceu ou que lhes atribuiu, e com eles ama, odeia, chora ou blasfema, faz como o sábio, o mártir da medicina, que, para se convencer e para não falsear a ciência que professa, muita vez se envenena ou se dilacera.

Camilo era aqui o pensador, o filósofo, o analisador frio do seu excepcional espírito, ora embaciado, a ponto de não ver distintamente o objectivo da sua cogitação, ora transparente e brilhante, a dar-lhe lúcida a verdade, fosse onde fosse o esconderijo dela, fosse qual fosse a distância em que demorasse.

Se o romancismo é mestre, o escritor é artífice; se é arte, se é acto impulsivo, o romancista é poeta.

Quando Camilo Castelo Branco escrevia no seu romance mais querido: – «Não sei que haja ai outros incentivos que me chamem aos olhos as lágrimas do coração. Quem me quiser ver chorar e vibrar de não sei que veemente e religioso entusiasmo, conte-me casos da natureza daqueles; faça-me acreditar na existência de umas almas que vão entender-se com Deus por um raio esplendoroso da graça divina e, declarava-se não mesteiral mas poeta, e denunciava o género da sua poesia.

É como quem diz – o sintoma da sua doença.

Pois não têm sido apodados de – loucos – os poetas? Se loucura é a desconformidade de actos ou de sentimentos com as *regras da fria razão, pautadas e articuladas no código do senso-comum*, vamos, que não têm os poetas muito de que se molestem no conceito da grande maioria dos seus contemporâneos; e mesmo da dos vindouros, os que deixam de si algum rasto de fátua fosforescência na travessia longa ou curta da sua derrota.

Loucura *lúcida*, mas loucura incontestável; loucura impulsiva e incurável, nem sempre sem perigo para a sociedade, que os aplaude e os escarnece, conforme a altura em que lhe vai a digestão.

A loucura de Tasso denunciada em vida, a de Petrarca reconhecida agora, a de Camões sentida sempre, então e hoje, a de Chatterton que se mata, a de Dante que se vinga, a de Vítor Hugo que se contorce e conspira, a de Homero que mendiga e canta, a

de Jeremias que profetiza e chora, loucuras foram; por mais que os poetas de hoje queiram malsinar aqueles homens de ajuizados, na própria defesa, estulta, egoísta e cobarde.

Produziram prodígios, mas o prodígio é produto abortivo ou monstruoso; não cabe nas leis da normalidade.

Alguns têm conseguido furtar ao teatro anatómico da crítica os vestígios do corpo de delito é certo. Virgílio, por exemplo, e Horácio, que se constituíram rouxinóis de Mecenas e de Augustos, poetas cesáreos, – os Metastásios do império, um, inventando genealogias realengas:

«*Mecenas atavis aedite regibus.*»

outro, cantando apoteoses divinas:

«*Deus nobis haec otia fecit.*»

Era o utilitarismo, já então moderando a loucura do génio e segredando-lhe estrofes acomodáticas.

Desde sempre, e felizmente, andou o são juízo a enxertar-se no génio. Raras vezes pegou a enxertia; é certo.

O génio não é só o demónio Incubo dos poetas, e demónio recalcitrante ao exorcismo torna-se neles mais patente, porque, sob aquela forma, estrondeia, sem perigo de inerte, e luz, sem perigo de incêndio; ao menos – aparente. O génio expõe o sábio de qualquer género a todos os perigos; – Arquimedes deixa-se matar para não interromper a resolução de um problema Galileu ousa afrontar as letras sagradas e só consegue apagar a fogueira de um *auto-de-fé* por um *acto de fé*, ou de prudência; Giordano Bruno é queimado diante do Vaticano, exactamente onde hoje se lhe levantou um monumento;

Pasteur escapou da fogueira porque já nasceu no bom tempo, mas inoculando em si o *virus-rábico* expôs-se a morrer da pior das mortes Daniel Carrion inocula o sangue da verruga persiana para ver se era violenta a doença, e morre da experiência; Parkinson inocula o lúpus, expondo-se, – herói sem hinos! – à morte, pela humanidade; outro aproxima-se de uma cratera para devassar OS segredos da erupção vulcânica.

Quantos insensatos!

Se depois da loucura da ciência quiser alguém percorrer a da religião, – S. Macário, S. Simeão Estilita, Santo António, as alucinações dos êxtases em que se vê Deus e os Céus, o génio das profecias, a inspiração dos apóstolos, a coragem alegre dos mártires, que exuberâncias de loucura, que degenerescências patológicas, provadíssimas, incontestáveis, não está patenteando a ciência nos estudos da sua extensíssima sintomatologia?

E os impulsos irresistíveis que a honra e a glória inspiram!...

A glória! a honra... mas que são honra e glória? São também uns sentimentos, umas aspirações, uns sonhos, *umas loucuras*, umas desconformidades *com as regras da fria razão, pautadas e articuladas no código de senso-comum*. Produzem as monstruosidades de Alexandre no

Oriente, dos trezentos nas Termópilas, dos Gracos em Roma, de António em Filipes, de Henrique IV, de Crillon, da virgem de Orleães, em França; de Bonaparte na Itália, do Infante Santo em Fez, de Saldanha no Porto e em Montevideu, de Bartolomeu Dias, de Vasco da Gama e de Colombo, nos descobrimentos dos mundos, de Albuquerque e Almeidas nas suas conquistas, de Xavier no apostolado. – Deus, Família e Pátria! – O que estes motes produziram de loucuras!

E o amor... e a caridade! Quantos perigos, quantas abnegações, quantos desvios da razão e do senso-comum não produziram e não produzem! desses que espantam o mundo e se julgou, – ingênua simplicidade! – que honravam e enobreciam a espécie humana?

Tudo o que foi épico e se chamou grande e belo e mereceu cânticos e triunfos e apoteoses e história e monumentos e centenários e culto, através de séculos e milénios, tudo hoje é condenado pela sentença fulminante deste bom-senso burguês, comezinho, utilitário, prático, onnipotente e inexorável. A transformação parece completa: Sancho depôs Quixote, conservou o jumento e vendeu o rocinete; o judeu desenterrou o bezerro de ouro, não para o adorar mas para o negociar; o código depôs a história; a pirataria depôs o código; as notas e as acções bancárias colaram-se nas folhas da epopeia.

Cristo pregara a fraternidade, mandando levantar os humildes e abaixar os soberbos. Era justo e bom. Transtornaram-lhe a lição esqueceram-se do pedestal para levantamento da humildade e decapitaram a grandeza, tomando-a só por soberba. Não foi um nivelamento, – foi um rebaixamento; inútil por improfícuo. E será ineficaz enquanto a ciência, que já cura a raiva, não conseguir curar as loucuras que geram as grandezas, e com elas o desnivelamento sucessivo da humanidade, o crescimento e multiplicação das desigualdades sociais.

Aí estão elas – nas ciências, nas artes, nos descobrimentos de toda a espécie; mais humanos, mais profícuos talvez que os antigos, mas careceram deles; que não pode haver continuação sem princípio. Das pobres, poucas e ronceiras naus de Colombo, do Gama, de Magalhães e de Cortês, nasceram os milhares de transportes que cortam hoje, em rapidez vertiginosa, os mares do Levante, o Atlântico, o Pacífico, e rasgam e quebram até os gelos do norte e do sul; dos que descobriram os novos mundos nasceram os que andam a estudar, a povoar, a inflorar, a aproveitar para a humanidade; dos que bateram contra os istmos nasceram os abridores de canais; as *assoladoras* naus, que até escandalizaram Herculano, porque vomitaram metralha contra os povos sequestrados ao convívio dos outros povos do mundo, andaram, com graves perigos, nas sondagens dos mares, por cima dos quais hoje passa livremente o comércio, por baixo dos quais hoje se assenta o telégrafo.

Porém onde me levaria este incidente a respeito de loucuras do génio se não tivesse necessidade de volver os olhos ao livro do meu querido Camilo? Muito longe, decerto, porque me diz a consciência que tenho estado a fugir de colocar na classe dos loucos o nosso prezado romancista e poeta. É tão grave a conjectura, mesmo que só por conjectura eu tenha de o meter nesta companhia, que me vi forçado a provar-me que a companhia pode ser de gente desafortunada, mas é provadamente ilustre.

Nunca a fria razão, nunca o senso comum fizeram coisa que não fosse fria e comum. Excelentes caixeiros e guarda-livros do comércio, excelentes fornecedores, OU chefes de administração militar, na guerra, excelentes officias da fazenda, na marinha, professores, sacerdotes (para cónegos, não para missionários), juizes, magníficos ecónomos e descobridores de pechinchas – o espírito conservador – os Vixnu da sociedade, os bagageiros da marcha. Importantíssimo, imprescindível serviço faz à humanidade esta gente de são juízo e razão fria, mas, por conselho dela, nem a mãe defenderia o filho contra a fera, nem o bombeiro voluntário defenderia o inválido contra as chamas, nem o barqueiro salva-vidas defenderia o naufrago contra as ondas. Temperatura igual e morna; – a selvajaria tropical, primitiva, tendo Sancho na presidência e o velho de Camões no conselho de estado.

O senso-comum até, por concessão transitória, – sagaz bom-velho! – já criou, para

iludir e desnortear poetas e romancistas, uma literatura; em ódio às artes, uma arte; em ódio ao génio, engenhos. Louvável empenho na verdade. Vê doenças graves e pretende curá-las; vê enxamear a loucura, a mais grave das moléstias, e com ela esgota a sua terapêutica. Benemérito desejo! Mau será se a cura for pior que a doença.

De muito dizer-se ao teórico: – sê prático! – faz-se dele às vezes um ladrão, às vezes um assassino, às vezes tudo isto, com prendas variadíssimas.

De muito se acusar o sentimentalismo de Lamartine e o romantismo de Chateaubriand, nasceram Baudelaire e Zela; – um grande poeta e um grande romancista... contrafeitos; e com eles – o satanismo e o naturalismo; porém – naturalismo – de mesa de autópsia ou de laboratório químico.

«Faz-me tristeza pensar, – escreveu Camilo num dos prefácios do seu *Amor de Perdição*, –faz-me tristeza pensar eu que floresci nesta futilidade da novela quando as dores da alma podiam ser descritas sem grande desaire da gramática e da decência. Usava-se então a retórica de preferência ao calão. O escritor antepunha a frequência de Quintiliano à do *Colete-encarnado*. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! quem me dera ter antes desabrochado hoje, com os punhos arregaçados para espremer o pus de muitas escrófulas à face do leitor! Naquele tempo, inflorava-se a pústula; agora, a carne com vareja pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcizar num espelho fiel..... Já não verei onde vai desaguar este enxurro que rola no bojo a Ideia Novíssima. Como a honestidade é a alma da vida civil e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruirão ao mesmo tempo por efeito de uma grande revolução rigolboche.» –A república das letras, tão ilustrada e ilustre, histórica, porque é feminina, e devendo ser

democrata, porque é república, faltavam o tom e o vocabulário ultra ou infra-humanos da sem-cerimónia. A grande dama era talvez um tanto preciosa e afidalgada; pois bem; para se mostrar acomodática, ao arrancar-se dos altos coturnos, entendeu que o melhor era ficar sem meias como na Grécia e na Judeia, e não lavar mais os pés; imitação de Santo António, segundo o testemunho de Maudsley.

Não se modificou – transfigurou-se; o que, longe de provar juízo prova só mais uma degenerescência patológica da mesma doença.

Para que tentar esta cura? Se não fosse inútil seria prejudicial. Na *Pedra* pôs Platão na boca de Sócrates: – «os maiores bens são produzidos por um delírio inspirado pelos deuses». – O – *Est Deus in nobis*, – que traduz, senão a loucura do génio? De Cristo escrevia S. João: – «Ele é possesso do demónio e está fora do senso-comum, para que o escutais?»

Feliz culpa esta do desvario genial, quando pode, em bem, em honra ou em glória da humanidade exaltar a fantasia, depurar os instintos, aprimorar os sentimentos, impulsar o estudo, agitar, excitar e electrizar a atmosfera social, varrendo dela os miasmas pútridos desse positivismo absorvente e sufocante que paira e pousa sobre os povos como as névoas densas da palude.

Tremenda culpa, se, nascido no charco, atrai, como os nenúfares, pela sua beleza, e, simulando em volta de si chãs floridas e aromáticas, toma, enreda, enlaça e asfixia a descuidada gente que se lhe aproxima.

Para alguma coisa fez Deus as flores dos campos e as aves dos arvoredos. – A música, os perfumes, os matizes, a transparência do éter, as alegrias e as saudades; tudo tão sem cotação nos mercados, sem aplicação culinária nem apropriação inventariável! E contudo, património de todos.

Num livro adorável de Octávio Feuillet, livro que se dignou traduzir para português o nosso grande romancista, diz uma velha fidalga a uma rapariga nervosa que

pretendia simular de positivista: – «De mim digo que nunca me vangloriei de ser pessoa muito romanesca, mas folgo de crer que ainda há na terra almas capazes de sentimentos generosos. Creio no desinteresse, creio até no heroísmo, porque tenho conhecido heróis. Além disso *apraz-me ouvir chilrear os passarinhos no meu caramanchão e também me apraz edificar a minha catedral nas nuvens que passam*. Tudo isto pode ser que seja ridículíssimo, minha formosa menina, mas ousou lembrar-lhe que estas ilusões são os tesouros do pobre; que este senhor e eu não temos outros e que temos a singularidade de nos não lastimarmos.» –

Conheço bem os risos com que me estão lendo os moços da escola novíssima. Sei-os de cor, pois com as suas críticas me têm por vezes honrado. Nunca me ofenderam, nunca me defendi e nunca tentei redarguir, que nunca lhes quis mal.

Tinha pena de ver grandes talentos só cultivarem nos seus jardins as *flores do mal*; tinha pena! menos por eles, que andavam embandeirados em triunfos e iluminados em glórias, que pelo bem que podiam fazer e não faziam. Enquanto se afastavam de mim admirava-os eu; e se os não aplaudia era por ver o desdém com que tratavam assuntos que eu tinha a ingenuidade de julgar sagrados.

Camilo Castelo Branco deixava o coração ditar os seus livros, e daí o segredo da popularidade que adquiriam. Fazia chorar e rir, indignar ou amar. Cobria as suas lágrimas com um véu de cepticismo que o mostrava mais viril, e deixava em vacilação os espíritos fortes sobre a verdadeira essência da sua índole de escritor.

Cepticismo embrionário; dúvida da própria dúvida.

Desesperança formal nunca eu lha conheci.

Quando vacilava respondia a si próprio, depois de ler o livro do padre Álvaro Teixeira: – «A poesia está aqui!... Aqui, devem vir os lutadores invencíveis da má fortuna ungir os braços para saírem de novo à arena. Aqui restauram-se os alentos do espírito, extenuado por perdas do seu sangue, que é a fé, a fé perdida dos pusilânimes, que apoucam a obra de Deus a uma guerra brutal entre o forte e o fraco, entre a criatura manietada, desvalida e vil e a besta-fera em toda a pujança dos seus músculos de ouro, da sua impavidez e soberba».

– Deus – era o astro que procurava na noite das tribulações; e se não era a sua crença mais íntima e familiar, era o seu mais ardente desejo, a mais constritora ânsia da sua alma.

Quem há-de valer aos que delinquiram se não houver uma justiça paternal, – a da caridade? – «A solidão sem Deus não serve para infelizes maus» – nos diz ele no seu livro de consolações – *O romance de um homem rico* – onde pretendeu exaltar, acima de todas, a virtude da resignação:

– «Queria ensiná-lo a ser paciente, quando for desgraçado... Paciência é a arma, é o triunfo; é a porção divina do homem, é a bem-aventurança. A padecer é que os olhos da alma se destoldam e encontram os de Deus.»

E quando, a sabor do seu íntimo sentimento lhe corria a pena inspirada, ergueu a cabeça e observando o mundo através da janela do seu gabinete de trabalho, que a fantasia lhe transportara para uma cela de Vairão, acudiu com estas palavras prudentes:

– «Temo que me chamem milagreiro e tomem este livro como aditamento à e Flor dos Santos» de Ribadeneira. Não quero semelhante nota.»

– E também lhe não cabia a nota de adverso ao naturalismo. Alto espírito como ele é, não podia desconhecer que a verdade da representação das coisas, a exacção, é suprema perfeição nas obras da arte: – «Rien n'est beau que le vrai». – Por isso ele nos diz: – ...«Hei-de ir indo assim, despendendo-me pouco em imaginações de que me sinto alcançado, e pondo as melhores tintas e pincéis na cópia da verdade.» –

Mas há naturalismo e naturalismo, segundo a escolha do assunto ou a índole do artista que o reproduz.

O choro é real; o riso, também; o afecto, a paixão violenta, existem, e dão de si a heroicidade ou o crime. Se a obra literária ou obra de arte que se funda nestes afectos, sentimentos ou mostras externas de sentir, é romântica, forçoso é confessar que o romantismo existe na natureza.

Não desconheçamos porém que também é real o monturo, a podridão, a devassidão, o antro, os crimes, a sordidez, a blasfémia, a praga.

Compreendo que seja conveniência da literatura e das artes ir procurar revelações e inspirações por todos esses teatros em que a humanidade se exhibe, no intento de que o mal se emende e o bem se vigorize; (como isto cheira a velho!) procurar unicamente o mal, o hediondo, o repugnante, agravar mesmo a sua hediondez para bem lhe fixar a caracterização e dá-lo por único realismo, é falsificar a verdade, é caluniar o que é belo e grande, é derrancar o bom gosto e danar os costumes. É envenenar as fontes! que se a literatura não é educadora, não é nada e para nada serve.

Se a família, o indivíduo, as tendências, os costumes são só aquilo que nos dizem os chamados naturalistas, refugiem-se nas grutas, como os eremitas do passado, os que foram formados noutra escola com outros princípios e outras aspirações.

E como devem ser infelizes, a serem sinceros, aqueles que tais impuridades espremam dos bicos das suas penas!

Verem a cútis fina e transparente de uma mulher formosa e em vez de sentirem desejo de a beijar, cuspirem-lhe! Devassarem-lhe, não com enleio e prazer, as veias azuis, por onde corre um sangue generoso, mas, com asco, a futura escrófula, os herpes, a lepra e, já ante-mostrando-se sob aquela mal empregada transparência, o verme roedor da sepultura! – chamar-lhe à maceração poética, de namorada mas virginal insónia, – Siflais de cansada lubricidade! Desconhecer que há virtudes, achar na flor só veneno, achar na bondade só hipocrisia, na heroicidade e na abnegação cálculos interesseiros e mais nada, no lar só o vício e o crime, é um naturalismo pessimista e, como tal, falseado logo na origem e pouco agradecível nas tendências.

Estas questões são velhas e estão dirimidas. Já nem se discutem. A propósito chovem uma vez por outra umas chufas sobre os que não aceitaram a nova lei sem restrições nem condições, e de quando em quando Camilo escreve a *Corja* ou o *Eusébio Macário* e Zola escreve o *Sonho*. Passos dados para a concórdia senão para a unificação das escolas, coisa por ora difícil mas não impossível, num próximo futuro.

Há na *Brasileira de Prazins* uma última, talvez definitiva, feição literária de Camilo Castelo Branco. Ali encontram-se primorosos quadros copiados exclusivamente do natural, o preparativo de um assassinato encomendado e ajustado, o carregar da clavina, a saída furtiva do assassino por noite escura e a reza da mulher e das filhas ante o crucifixo, até que elo volta do seu malogrado intento, dando lugar ao júbilo, em acção de graças, da miseranda esposa, que julga ter obtido o milagre pela intercessão das suas lágrimas e das orações de suas filhas, são primores de arte dos mais subidos quilates.

O mercado de bentinhos, rosários, medidas de santos e livrinhos de orações, à porta do templo onde funcionam os missionários, e a murmuração dos vendilhões e mercadores, alternando-se no sacrílego bazar; depois ainda, o processo monstruoso, insistente e asfixiante, dos exorcismos aplicados à pobre histérica, sobre serem painéis de genuína e tremenda verdade, revelam um estudo minuciosíssimo dos procedimentos inquisitoriais e do abastardamento e falsificação dos textos sagrados, postos à disposição de um fanatismo intransigente ou de uma hipocrisia revoltante.

Ali, sim, pode estudar-se o verdadeiro, o possível realismo, num romance de costumes. Ir além, só com filiação no niilismo da arte.

Camilo Castelo Branco, o visconde de Correia Botelho, vê que os seus duzentos volumes começam a disputar-se com recrescente ansiedade e vão sendo a mais e mais, reproduzidos, já em edições luxuosas, já em edições populares. É certo que os contemporâneos do grande escritor se acham empenhados na sua glorificação em vida. Aclamado em plebiscitos – primeiro escritor português da actualidade, – honrado pelos poderes públicos, à porfia, procurado por todos aqueles que os combates da imprensa traziam dele distanciados, a unanimidade congrega-se em torno dele, no unísono de uma apoteose sem exemplo.

Portugal do século XIX resgata assim nobremente os crimes de passadas ingratições.

Ele o reconhece agradecido, aguardando, numa ansiedade dolorosíssima, ver-se restituído ao estudo e ao trabalho – sua religião e seu conforto.

Teve de abandonar a lida, o heróico triunfador. Águia que desafiava os deslumbramentos do Sol achou-se de repente envolta em trevas caliginosas, colheu as asas, amordaçou o grito, e sente-se despenhai- no insondável abismo de uma escuridão a cada instante mais densa.

Como ele espreita, procura, esquadrinha um raio, uma réstia, um relâmpago, ténue que seja, de claridade onde vislumbre uma esperança!

Eu tenho assistido a essa luta que mais parece uma agonia.

A medicina acode-lhe desvelada; ensaia os seus prodigiosos meios de acção, mas pede-lhe paciência! e o homem que escreveu este livro, que soube dar tantos conselhos e oferecer tantos exemplos de resignação, não pode resignar-se.

Como todas as casas lhe dão trevas, foge de todas as casas, de todas as terras, e até de todo o convívio, – porque ouvir, somente, – aqueles que o procuram, é ter multiplicados testemunhos da cegueira, que mais, dia a dia, vai julgando incurável.

Sabe que a sua ansiedade o prejudica, mas o irrequietismo da nevrose pode mais que a sua razão; e dilacera-se no ergástulo.

Alguma vez, de longe em longe, um raio de luz furtiva e efémera, dá-lhe fugidia esperança; e ele pensa então e fala nas *Crónicas das duas rainhas* que trazia em laboração e tanto deseja concluir. A medicina promete-lhe, com intima fé, a regeneração dos seus olhos, e ele escuta, provoca a demonstração, compreende-a, espera! Esperança fugidia como o relâmpago que lhe cruzara pela retina! A descrença volta inexorável e com ela o inferno e as tratos do *sempiterno horror*.

Então a ânsia do suicídio toma-o de novo e ele alaga o revólver, como seu último recurso.

Tristíssimo.

Assim vive, – se é vida esta dilaceração angustiosa mil vezes pior que a morte, – o nosso grande romancista, à hora em que escrevo estas linhas. Muitas vezes sufoca-o a dor, e ele pede em júbilos que a morte lhe venha num espasmo. Os seus raros e curtos sonos trazem-lhe pesadelos aflitivos; por isso pede muita vez que o não deixem dormir. Acorda em gritos lancinantes, estendendo convulsivamente os braços a procurar mão valedora...

Meu pobre amigo!

Contudo a ciência luta e espera e com a ciência espera, solicita, a amizade. Só ele não quer, ou não pode acreditar, sequer, nesta esperança.

Vive hoje em Benfica, em pais primaveral numa casa cheia de confortos e de luz, do seu e meu amigo Barjona de Freitas. Ali o visitam os seus mais íntimos, esperando a cada momento vislumbres da nova luz que lhe faça esquecer tão fundos e tão prolongados tormentos.

Quantas vezes tem ele repetido:

– «Que eu veja! pouquíssimo embora! o absolutamente indispensável para poder trabalhar, e encerrem-me, por toda a vida, no cárcere onde escrevi *O romance de um homem rico!*»

Carnaxide, 1 de Julho de 1889.

Tomás Ribeiro.

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Este foi o mais querido dos meus romances; e, se o vaticínio, que aventurei sobre o meu futuro de escritor, me sai exacto, este romance prevalecerá a quantos a minha imaginação já desluzida, e como à força, der de si. Com tristeza sincera confesso que no que fui já mal me reconheço. As rugas da fronte empecem ao coar daquela flama, que me aquecia a fantasia, e dentro me alumia, como em lâmpada mágica, lances da vida exterior, uns de riso, outros de lágrimas. E eu entrava em espírito e coração neste interior inundo, e lá me sentia viver, sofrer e amar. A isto não ousaria eu chamar inspiração; mas, sem modéstia de vaidade, podia chamar-lhe feliz capacidade para engenhar obras de um dia, leituras de duas horas, recreio a ócios de quem os não sabia gastar melhor e mais aproveitados.

Como se foi amortecendo a luz da minha mocidade, e aquele incansável amor ao trabalho, lânguido a ponto de já agora deixar cair a fronte esfriada e dorida sobre o papel em que escrevo? Acabou-se como tudo que principia, e mais depressa que o depercer comum das faculdades inventivas. Esta é a sorte imerecida daqueles que não puderam ou não quiseram poupar o vigor do coração em vantagem do vigor da inteligência. A mais ardente cabeça de homem empedrou debaixo da mão glacial da desfortuna.

Foi este romance escrito nas cadeias da Relação do Porto em 1861.

Quem dirá que tenho saudades daqueles dias negros e daquelas noites solitárias? Devo supor que vim aparelhado para os máximos infortúnios, quando o experimentá-los levemente me incomoda, e o lembrá-los me esperta uma quase saudade! Penso que não é isto saudade da desgraça: deve antes ser pena de ver murcharem-se as quimeras que me infloravam de lá, este árido pragal, que vou trilhando agora.

Ao menos, lá e então, aviventavam-me uma grande dor e uma grande esperança; hoje, nem sequer as amarguras do fel nem a prelibação dos bálsamos doces.

Este silêncio dói mais que o estridor dos ferrolhos. Esta paz, em redor do meu espírito, é uma quietação de sepulturas.

Viveram no meu ergástulo da Relação do Porto, comigo, noite e dia, o padre Álvaro deste romance, e Maria da Glória e Leonor, e a santa de Vairão; e Teresa, e Mariana, e meu tio desterrado do outro livro chamado *Amor de Perdição*. Viveram comigo aqueles ditosos pares que eu casei, e o público hospedou alegremente, com o livro *Doze casamentos felizes*.

E eu tenho saudades deles, e das noites em que os via sentados em volta do meu leito. Cá fora, à luz em cheio do Sol, não os encontro.

Belas, 19 de Maio de 1863.

Camilo Castelo Branco.

INTRODUÇÃO

As tribulações dos santos são enigma: uma coisa parecem, e outra são e significam: parecem misérias da fortuna, e são conselhos da Providência Divina, e sinais da felicidade eterna.

P. M. BERNARDES, *Silva de Vários Ditames Espirituais*

Na Primavera de 1859, comprei, na estação de Santa Apolónia, um bilhete da via-férrea para a Ponte da Asseca. Saudades do campo, ânsias de sorver do seio da natureza um hausto de ar puro; e, acima disto, o meu dorido amor a quantos sítios guardavam para a minha memória do coração vestígios da infância, que tão depressa passara com as flores doutra mais formosa Primavera... A que vem isto?!... E a saudade, leitor! Se a sente, se a já sentiu, recorde-se, e perdoe-me.

Entreí numa das mais flácidas carruagens do comboio.

Vejam a egoísta e brutal natureza do homem-corpo! Nem quando a alma padecia tanto, se dispensou a ignóbil matéria dos regalos das almofadas! A angústia lamentosa de Lamartine era sincera; creio: mas em que recâmaras de asiática opulência se lamentava ele! Que requintes de luxo para o corpo, e anelos de glória para a felicidade do espírito lhe não infloravam ao poeta de Elvira a dupla existência, quando ele escrevia:

*Héritiers des douleurs, victimes de la vie,
Non, non, n'espérez pas que sa rage assouvie
Endorme le Malheur,
Jusqu'à ce que la Mort, ouvrant son aile immense,
Engloutisse à jamais dans l'éternel silence
L'éternelle douleur!*

E Petrarca, tanto ano a chorar sonetos, aposentado no palácio dum doge, rodeado de servos, e de amigos, e de admiradores, naquela feiticeira Veneza, tudo a expensas da República!

E todos os outros mestres de bardos melancólicos? Que muito enganados andamos nós com os poetas lagrimantes!

Eu ia a cismar nisto, quando me deu na vista um homem, companheiro de carruagem, o qual estava pendurando o chapéu no arame, e vestia a veneranda calva com seu barrete de troçal preto.

Cortejei-o, na hipótese de que ele me tivesse já cortejado, e eu não correspondesse, de abstraído que ia a pensar no corpo e na alma, coisas disparatadas, que o leitor pode ver mirificamente descritas em Santo Agostinho, e melhor ainda, em Xavier de Maistre; no primeiro, quando se confessa; no segundo, quando viaja à roda do seu quarto. O santo bispo chama ao corpo «bruto» e o conde francês chama-lhe «besta» – ao corpo entenda-se, e não ao bispo. Para mim tenho que o corpo é ambas as coisas, e muitas outras.

Se entro a desvariar, o leitor passa ao capítulo segundo, e isso é que eu não queria, porque os meus romances começam todos pelo princípio, e este primeiro capítulo deve ler-se.

Cortejei o padre. Parece-me que ainda não disse que era padre o meu

companheiro. Dava-se logo a conhecer por tal naquele apostólico semblante, se o não dissesse a volta e a sotaina, e o sapato de fivela de aço reluzente.

Correspondeu ao meu gesto com muita afabilidade, tirou-me da mão o chapéu para pendurá-lo, e ofereceu-me rapé, depois de bater quatro vezes com os nós dos dedos na tampa da sonora caixa de tartaruga, marchetada de madre pérola.

– Pode fumar à sua vontade, se fuma – disse-me ele.

Agradei o agradável consentimento, e ofereci-lhe a minha charuteira, que ele não aceitou.

Recaí no meu letargo. Agora era diversa a tese: meditava nesta palavra MORAL, e nesta outra VIRTUDE, e lembrou-me Bruto. Todos sabem que Bruto, no último instante de vida, dissera que a virtude era apenas uma palavra. Por isso é que eu ia conversando com o sanguento fantasma do heróico inimigo dos tiranos.

– A moral! – dizia eu só comigo, depois que a imagem de Bruto se vaporou – a moral é que não é meramente uma palavra. Aqui vai quem poderia dizer-me o que é a moral. Este homem tem um rosto lúcido e inteligente: como que estou vendo por ele uma boa alma.

Fitei os olhos suaves do sacerdote. Estava ele com os dedos enclavinados e as mãos postas sobre o peito. Dava ares de profundo recolhimento, se não tristeza. Gostei de o ver assim naquela postura, a mais artística e significativa de paz, e conformidade vencedora dos maus e dos males da vida.

Comparei-me com ele. As minhas dores surdas, disfarçadas num sorriso convencional, e timorato do escárnio dos insultadores! O contentamento interior daquele homem, revendo-lhe ao rosto, em suave tristeza, contra-senso se quiserem, mas expressão leal de alma pura e sem temor! Aos olhos de um observador inexperiente, qual de nós dois seria o feliz?

Saiu-se o padre do seu absorvimento, e disse-me:

– Serei indiscreto, perguntando-lhe onde tenciona ir?

– A Santarém.

– É um passeio aprazível! O «vale» é um paraíso, povoado de saudades, que chamam sempre o espírito de quem lá teve uma hora de felicidade. Uma hora, digo, porque a felicidade deste mundo, e só deste mundo, não dura mais que urna hora. Há quantos anos eu lá não fui!... – continuou o padre no tom magoado de entranhada saudade. – E já agora é tarde... é o anoitecer da vida...

– Parece-me tão fácil de satisfazer esse desejo! – interrompi eu.

– É fácil, diz bem; mas é que há saudades, que desabafam nas lágrimas; e outras, que se embebem delas. A saudade do objecto, existente a distância, converte-a em delícias a aproximação; porém, quando a saudade de um sítio é a dor repercutida de vidas que lá viveram, e não podem reviver com a nossa, essa não tem alívio.

– Creio que tem – disse eu. – E ver e amar essas vidas em Deus, chamá-las em espírito ao lugar onde as amamos, e conversá-las na linguagem das lágrimas...

– E da oração... – disse o padre, e prosseguiu, depois de breve silêncio: – Prouvera a Deus que todos os que sofrem de afeições perdidas tivessem o desafogo de buscá-las no Céu...

E calou-se de súbito, cerrando as pálpebras, e encruzando as mãos longas e ossudas sobre o peito.

Estávamos no Poço do Bispo. Pesava-me a ideia da separação, cuidando que o padre sairia ali. E que já o estimava, cativo de sua linguagem e semblante. Eu sou assim com todos os homens, se me eles parecem inteligentes e desgraçados.

– Fica no Poço do Bispo? – perguntei.

– Não, senhor; vou para os Olivais.

– A passeio, ou é de lá?

– Vivo lá: tenho ali arrendada uma vivenda, umas ruínas pitorescas, em que me sinto bem. Estou ali como encasado naquelas paredes abaladas que parecem estar-me dizendo, todos os dias: quando cairemos nós contigo?

Abriu um sorriso de extrema tristeza, e ajuntou:

– Se o senhor vier aos Olivais alguma vez, e quiser hospedar-se na humilde casa, que lhe ofereço, e sentar-se à mesa em que há sempre o *riso e vaca* de frei Bartolomeu dos Mártires, pergunte pela Quinta do Canavial, e procure o padre Álvaro Teixeira. Raras horas no ano estou fora do meu quarto, ou dos arredores da casa. Encontra-me sempre, salvo se algum vizinho lhe disser que o pobre presbítero passou a morar noutra residência onde as pessoas que me visitarem terão a caridade de pedir a Deus o descanso da minha alma.

Disse isto o padre sem o menor trejeito beatífico. Naquelas palavras doridas sorria a consolação da esperança, e a jovialidade do justo que se não teme das contas finais de sua alma com Deus, e da memória, que de si deixou, com a justiça humana.

– Espero ir encontrá-lo com muita vida, senhor padre Álvaro Teixeira, e não será muito tarde. A sua povoação está às portas de Lisboa; mas, ainda que muito longe fosse, eu iria passar uma hora com o homem comunicativo e estimável, para quem o coração me está fugindo com a palavra «amigo».

– Agradeço-lha, e afago-a; respondeu, e estendendo-me a sua mão – Que o sentimento generoso sai espontâneo do coração, sem consultar o raciocínio; ao passo que frequentemente as melhores qualidades do homem, que tratamos longo tempo, não vencem a descaridosa antipatia de um primeiro encontro.

– Como se chama?

Disse-lhe o meu nome. O padre repetiu-o três vezes pausadamente, sílaba por sílaba, e depois exclamou de repente:

– Não me engano. É o mesmo. Eu conheço o seu nome há onze anos. Entre os meus livros estão vinte páginas da sua infância literária. Nem, talvez, já se lembre delas! Pois não deve esquecê-las... Eu lhe cito o título: O CLERO E O SENHOR A. HERCULANO.

– É a verdade; são minhas. Classificou magistralmente a coisa: vinte páginas da minha infância literária, felizmente esquecidas...

– Mas não as esqueça em si o homem de coração, que deve prevalecer ao homem de estudo. Foi temeridade assentar-se à beira do caminho, por onde passava triunfantemente o primeiro sábio de Portugal; mas, *feliz culpa*, ditoso atrevimento o do rapaz, que não tinha exauridas ainda todas as lágrimas da compunção. Atrevimento repreensível fora o da porção do clero, que desenrolara do púlpito abaixo o sudário da sua ignorância, disputando à ciência o que era da ciência, e arriscando a causa da verdade às vaias de ingenerosos adversários, os quais, não podendo ombrear com o historiador doutíssimo no sólio da ciência, e castigar de lá os ignorantes, entenderam que bem mereciam do mestre apanhando-lhe a lama do chão das suas botas, e atirando-a à cara dos padres. No folheto do meu amigo não havia polémica nem ciência; mas sobejavam conselhos aos parciais do clero, que porfiavam em levar vantagem de injúria aos inimigos. Não se corra de ter, um dia, escrito que o padre é ignorante porque o não ensinam, e que as verdades santíssimas de Jesus não podem ser menosprezadas pelas argúcias da razão filosófica, nem pela rude e escura hermenêutica dos mal aviados defensores da exclusiva razão do catolicismo...

Nesta esteira foi navegando o padre, a todo o pano da sua muita crítica e erudição. Pedem os leitores que os poupe às conferências do levita, e eu de melhor vontade os dispense de ouvir-lhas, mesmo porque me era preciso saber tanto como ele, para o não

desprimorar da eloquência com que me aligeirou em instantes a hora decorrida até os Olivais.

Parou o comboio, e o padre suspendeu o discurso numa conjunção.

– E portanto... – disse ele. – Adeus, meu amigo, não há tempo para mais.

– E portanto – disse eu – não o dispenso de concluir o seu discurso. Eu é que digo por hoje adeus ao vale de Santarém, e fico nas pitorescas ruínas dos Olivais.

– Fica! – exclamou ele com alegria. – Pois bem haja!

Saltei, dei a mão ao padre, e apresentei o meu bilhete ao condutor.

Merece crónica um episódio de instantes que se deu entre mim e o condutor nesta estação. O meu bilhete designava a Ponte da Asseca e o condutor formalizado dizia-me que eu não podia deixar de ir à Ponte da Asseca. Num breve discurso tentei debalde provar ao funcionário que a companhia não era prejudicada com o receber mais oitocentos e tantos réis acima da minha passagem para os Olivais. O homem, que era belga, não entendia o meu vasconço de Poitou. O padre, encostado ao cunhal da estação, arquejava de riso; o belga relanceava os olhos envinagrados, avinhados é mais exacto, dele para mim e de mim para ele, julgando-nos ambos cúmplices na logração. Afinal soou, segunda vez, a campainha, e o hábil empregado lá foi fazendo de mim um mau conceito. Isto prova que bem-avisado andou o governo, colocando o inteligente belga no lugar onde podia fazer tolices algum português estúpido. E, se não provasse isto, provaria a embriaguez do homem, e ainda assim a boa escolha.

– Ora vamos lá – disse o padre Álvaro Teixeira, encostando-se ao meu braço. – Temos dez a doze minutos de caminho. Vamos pisando este chão que é como sagrado para mim. Repare nestas flores das ribas e valados, que eu vejo há trinta anos, sempre com o mesmo viço e a mesma cor em cada Primavera. Há na natureza um aspecto de indiferença que exacerba a dor dos infelizes, se é que todas estas boninas não renascem para chorar comigo. Um poeta diria e pensaria isto. Quando alguns traços do passado se me varrem da memória do coração, e, depois, acerto de encontrar-me com a madressilva, com a margarita, com a flor do rosmaninho, revivem as lembranças todas, umas pungentes, outras doces de saudade; mas nenhuma de esperança... Esperança! Não se ri desta palavra na boca de um velho, que cairia extenuado se apressasse a corrida após de uma esperança, aquém da sepultura?...

– Porque não? A esperança de encontrar mais um amigo, e depurar alguma alma empestada pelas más paixões, não é tão digna de si, e dos seus anos!? E além de que o senhor padre Álvaro não é velho.

– Veja se me lisonjeia, meu amigo. Olhe se faz com as suas palavras a maravilha da fábula: rompa naquela pedra a fonte da juventude do corpo e da alma. Remoço o achacoso velho que já conta... diga lá, quantos anos me faz?

– Cinquenta e seis, ou sessenta, quando muito.

– Não, senhor: tenho quarenta e seis.

Contemplei-o com assombro e piedade. Quarenta e seis anos aquele homem, que me ia pesando no braço, e se abordoava à grossa bengala que lhe oscilava na mão! A luz dos olhos serena, mas quase apagada. Os vincos da testa escavada encruzados e fundos, travando-se em miúda rede ao redor das órbitas. As faces arregoadas, lívidas, e flácidas. As cordoveias do pescoço repuxadas pelos tendões descarnados. O dorso recurvo, e as extremidades trémulas e morosas nas articulações dos joelhos. Quarenta e seis anos! Que fogo voraz se retrai no coração deste homem, quando o invólucro assim se fende e estala febra a febra! Foi a mão de Deus, que me guiou a ti, filho da dor, para me humilhar diante da tua paciência!? Fala, fala, ensina-me a compor dos meus gemidos, o hossana da vitória, sobre as agonias, que me vergam, quando eu mais me afadigo a despontar-lhe os espinhos com a rebelião insofrida. Diz-me através de qual fibra ilesa e

invulnerável te vem do espírito aos lábios esse teu sorriso! Dá que eu prove o fel de cada lágrima, que enxugaste com o punho da batina nas tuas faces aradas! Não caias, árvore bendita, sem que eu colha frutos de bênção dessas majestosas frondes, que se abaixam até ao raso da minha miséria. Se adivinhaste um infeliz no homem, que deixou em tua memória as vinte páginas do coração juvenil, deixa-o sentar-se à tua beira, a meio caminho da vida; aponta-lhe daqui o trilho menos escarpado da sepultura; ensina-o a converter cada espinho em flor; cinge-lhe os rins com o cilício que revigora a alma; dulcifica-lha com o travor das lágrimas penitentes; dá-lhe a força de homem, e reserva para Deus a tua essência de anjo.

Este era o seu refúgio, e o seu descanso.

FREI LUÍS DE SOUSA, *V. do Arc.*

A tristeza das ruínas é uma tristeza particular, da qual nem todas as almas se magoam. Já observei vezes sem conta isto mesmo no semblante das pessoas que foram comigo a visitar um palácio derrocado, ou as alpendradas dum convento, ou algum lanço empenado de muro de castelo.

No convento de franciscanos, cerca de Viana, relíquias santas em cujas abóbadas credes ouvir ainda o ciciar da oração dos frades contemplativos, estava eu, por uma tarde de Estio, com um amigo, que escrevera muito sobre a poesia da cruz. Subimos a um teso donde se avistavam descampadas e fertilíssimas várzeas. A fronte do meu amigo pareceu-me alumiada do sacro lume do estro. Esperei, com reverente silêncio, a estrofe inspirada pela soledade, e esmaltada dos matizes do sítio, que eram poesias feitas para um génio que as bem soubesse ler. Entreabriu o poeta os beiços, como flor matutina o cálice ao primeiro beijo do sol, e disse:

«Se fosse meu tudo isto, que vejo daqui, ia viajar num vapor meu, comprava um palácio em Milão, outro em Paris, outro em Londres, e havia desbancar quantos luxos orientais o Byron inventou para o seu Sardanapalo!»

Não respondi, de triste que fiquei, e de triste que já estava.

Outra vez, fui com outro amigo ao castelo de Palmela. Desci às masmorras em que não seria custoso com uma enxada trazer à flor da terra as ossadas dos que ali morreram há cem anos emparedados à ordem do conde de Oeiras. Refugi com o pensamento deste laivo sangrento da história, e fui em cata de glórias aos séculos primeiros daquele baluarte da nossa independência de Castela e da mourisma. Enleavam-me estas meditações, quando o meu amigo, cabisbaixo num ângulo dum bastião, resmoneou:

«Fizemos uma crassa tolice em não trazermos de Setúbal um pedaço de carne assada e duas garrafas do Cartaxo, que era óptimo vinho, e havia de saber-nos aqui que nem o néctar dos deuses.»

Ora, este poeta era amantíssimo de ruínas, quando as poetava no seu gabinete, em artigos, a um tempo, de saudade do que fomos, e fulminação contra os governos bárbaros, que deixavam ao camartelo iconoclasta demolir os vetustos moimentos da nossa extinta grandeza.

Outro caso:

Nos arrabaldes de Lisboa, há um espaçoso jardim abandonado, junto de uma casa esburacada de balas, e aberta em largas fendas, desde o cerco de 1833. Por entre ervas e arbustos silvestres rompem algumas hastes enfezadinhas de raríssimas flores, que teimam em refflorir na sua estação, como se a esperança lhes não morresse ainda de voltarem aos cuidados da mão delicada, que as semeara e amimara ali, com o coração em flor também. Quem se lembra ainda da formosa jardineira que descia com o sol a colher ao seu jardim os mais gentis enfeites dos seus cabelos? A formosa passou, e a rosa-de-toucar floreja ainda ao pé do mirto, à sombra da anémola e da romãzeira, abafada pelas moitas das papoilas, que são o efémero adorno das sepulturas. Que triste eu cismava nisto, quando o meu amigo, autor de idílios que faziam amar a botânica e adorar as flores, rompeu nesta canção:

«Este jardim, aqui às portas de Lisboa, se o dono o pusesse a couve-lombarda e feijão-carrapato podia render vinte e tantas libras anuais.»

Disse, e perguntou-me se iríamos jantar ao *Mata*, ou à *Taverna Inglesa*.

Por estas e outras, pus eu que a tristeza das ruínas é uma particular tristeza, da qual nem todas as almas se magoam.

Eu de mim, liberalmente dotado de dores minhas e íntimas, já fujo de ir onde está a solidão lamentosa, porque nunca me ela deu o remédio que deu a muitos, malferidos do mundo. E de ruínas é que fujo mais esporeado pela lembrança das más horas, e peçonha para muitos dias que tenho trazido de lá, em vez do bálsamo, que a meu ver, só é salutar nas almas golpeadas, se a consciência não se dói com elas.

As únicas ruínas de que tenho saudosa memória são as da vivenda do padre Álvaro Teixeira, nos Olivais.

A casa tinha claros vestígios de palacete. Os cunhais estavam em pé, amparando alguns lanços de parede, recortados em escaleiras desiguais. Através de nove janelas das catorze da fachada coava-se o azul do céu, apenas interceptado por algumas vigas e ripas empenadas e torcidas pelo calor. Nas padieiras e cornijas amareleciam fetos e outras ervagens ressequidas que deixavam realçar o verde da hera. Esta marinhava do interior das paredes para os batentes e couçoelas das janelas, sem portadas, e nalgumas enredava-se em urdidura tão agradavelmente tecida, que disséreis ser a natureza tanto mais de ver-se quanto mais desalinhada é da esquadria da arte.

Entrámos num largo portal, que abria para um pátio espaçoso, alcatifado de relva, nos pontos de junção entre as lárjeas. As paredes circumpostas eram ladrilhadas de tijolo azul e apainelado, figurando passagens mitológicas e campestres. No rebordo superior deste ladrilho, corriam em toda a roda argolões feluginosos, que deviam ter sido as prisões dos cavalos, nas tardes calmosas, quando os antigos senhores, refestelados nas suas cadeiras encouradas, vinham, do patim iminente ao pátio, gozar-se do espectáculo dos murzelos e alazões rinchando, escarvando, e folgando em airosas upas.

Subimos a escadaria do patim, e entrámos numa sala pouco alumada e muito extensa. De relance vi que o tecto era de castanho e profundo, com artesãos grosseiros, e um brasão de extraordinário tamanho e lavor no centro. Deste pendia uma corrente de arame e um grande lampadário, através de cujos vidros afumados, a custo uma tocha lograria coar o seu clarão. Ornato nesta sala não vi algum, a não serem dois escanos de castanho, de altíssimo respaldo, com a pintura duplicada a ocre das armas do tecto.

Segui o padre ao longo dum comprido corredor ladeado de quartos, à imitação de dormitório claustral. A maior parte destes quartos não tinham tecto, nem portas, nem pavimento. Na extrema do corredor estava uma velha sentada, quando apontámos à outra extrema. Levantou-se então, e forcejou por tirar do cinto duas chaves encambadas num atilho, operação não fácil, porque o atilho se lhe enredara nas camândulas, e estas no fuso, e este no fiado.

– Não se impaciente, senhora Eufémia – disse o padre. – Ande lá de seu vagar, que nós não temos pressa.

– Valha-me Deus! – disse a velha afreimada. – Este berzabum do negalho parece que tem coisa má! Não querem ver isto? Olhe onde o rosário se foi imbelinhar!

A senhora Eufémia já suava, e cada vez embrulhava mais as coisas, a tempo que o padre, tomando-lhe das mãos a tarefa, ia desdobando a meada, sorrindo e gracejando com a velha, que não pudera sair-se daquelas dificuldades, por ter dois dedos da mão esquerda inutilizados numa grossa pitada de simonte, que resfolegou, em quando o padre pacientemente desenredava a cambulhada.

Dali passámos à porção mais reparada e habitável do palacete, e residência do locatário. Era uma sala, e dois quartos contíguos. Num destes estava a cama e livraria do padre; o outro era devoluto para hóspedes. A sala tinha mobília, que fora sumptuosa no começo do século passado: eram tremós dourados, cadeiras de estofos estreitas com

espaldar alto e douraduras floreadas, mesas lisas orladas de embrechados a ouro, com fechaduras de prata rendilhadas, jarrões indianos com reluzentes matizes de escarlata e azul. Das paredes, cintadas de florões a óleo, pendiam os retratos de D. João V, e o de D. Pedro III e D. Maria I num só retábulo. Outros retratos inominados, afora o do ministro da Justiça no reinado de D. Miguel, João de Matos Vasconcelos Barbosa de Magalhães, oriundo de Barcelos, e morto no desterro, adornavam, a grandes intervalos, as quatro paredes da sala, cuja limpeza abonava o cuidado da senhora Eufémia.

Abriu o padre Álvaro a vidraça do seu quarto, e eu fui à janela examinar os contornos da casa. Vi em baixo uma pequena parte de um grande jardim cultivada e retalhada por meandros de murta e alecrim. O restante estava abandonado. Feixes de erva mirrada afogavam um cisne de púrpura, o qual se levantava sobre um pentágono de granito, no centro de uma bacia de mármore de todo seca, e esborcinada. Árvores de densa copa e muita grossura de troncos formavam, emaranhando-se, a enorme sebe do antigo jardim. Através das clareiras interpostas aos troncos entrevi um paul, relíquias do que devera ter sido um vistoso lago. Rebalsavam-se no charco alguns patos, e saltitavam e ralavam as rãs como à competência com as cigarras.

Defronte, a duzentos passos, vi uma casa nobre, toda ladrilhada de amarelo, com as suas três chaminés pintadas de azul, e brasão de armas, retocadas de novo, no triângulo em que remata o frontal do edifício.

– Quem vive naquela bonita casa? – perguntei eu.

– Aquela casa é de um comerciante de Lisboa – respondeu o padre. – Foi dos que foram donos desta em que vivo...

Observei no semblante do padre mudança de cor, e muita tristeza no olhar para uma das janelas do palacete. Dava a cuidar, pela insistência com que fitava a janela, que devia alguém aparecer ali; mas tanto aquela, como todas as mais, estavam fechadas, e nenhum sinal de vida, senão o chilrear das andorinhas ao longo das cornijas da casa, podia responder à observação atenta do meu amigo. Não era observação, era absorvimento, por motivos que o leitor saberá oportunamente.

Como de golpe, saiu o padre do seu transporte, e, voltando-se risonho para mim, disse:

– Vamos ver se o meu amigo se conforma com a mesquinha hospedagem que lhe dou. Venha daí.

Segui-o ao quarto vizinho, onde estava a senhora Eufémia toda azafamada a desdobrar lençóis para a cama. Era esta um grande leito liso de pau-preto com as quatro hastes do pavilhão. Completavam o adorno da câmara duas cadeiras e uma banquinha, e lavatório de ferro, onde já se via a fina e alvíssima toalha. Na parede estavam doze estampas enquadradas em ébano, as quais representavam a vida de Barnabé Chiaramonti, com referência a Napoleão, segundo a conta Beauchamp na *História dos Infortúnios e Cativo de Pio VII*. A alfaias mais rica do meu quarto era um festão de trepadeiras, com flor escarlata, que ensombrava a metade superior da vidraça. A limpeza, a frescura, o perfume, e a doce melancolia daquele recinto não podiam invejar pompas, se as há, que mereçam comparação com as do meu saudoso e lindo quarto das ruínas dos Olivais.

– Já sabe – disse o padre – que tem de fazer aqui penitência da irreflexão com que se fiou da minha hospitalidade.

– Como isto é gracioso senhor padre Álvaro! – disse eu sem simular o entusiasmo.

– A poesia está aqui!

– A poesia dos profetas de Jerusalém; atalhou o levita – a poesia das lágrimas...

– E a da esperança, que é tão formosa, tão do Céu e dos desventurados neste mundo! – acrescentei eu, enlevado no meu rapto de cinco minutos. – Aqui, devem vir os

lutadores invencíveis da má fortuna ungir os braços para saírem de novo à arena. Aqui, restauram-se os alentos do espírito, extenuado por perdas do seu sangue, que é a fé, a fé perdida dos pusilânimes, que apoucam a obra de Deus a uma guerra brutal entre o forte e o fraco, entre a criatura manietada, desvalida, e vil, e a besta-fera em toda a pujança dos seus músculos de ouro, da sua impavidez, e soberba. Mal daquele, que foge o mundo, e se refugia em si: é um engano; é render-se o homem às garras do dragão que encerra, e nutre com a peçonha que a desgraça lhe vara no seio. O homem, desfavorecido dos acasos de que depende a felicidade, o bem, e a fortuna, não pode nada consigo, nem deve estar lacerando-se com as suas próprias unhas para extirpar com o sangue a raiz do mal. Fora de si é que está a salvação. Em Deus é que...

– *Em Deus* – interrompeu o padre. – É essa a palavra, onde eu o estava esperando, meu amigo. Não se contradiga. Disse aí que «a felicidade, o bem, a fortuna são dependências do acaso». Quem isto sente, não acha absolutamente necessária a intervenção da vontade divina nas contingências, meramente casuais, desta vida. Oferece-se-me cuidar que o meu amigo não meditou no desconcerto dos seus princípios com as consequências. Se a felicidade – a da consciência, entendo – é obra do acaso, o acaso é a lei de Deus na ordem do mundo. O paradoxo salta! Não serei eu quem peça a Deus o milagre de fazer-se absurdo por meu respeito, até ao ponto de pôr à minha disposição uma cadeia de acasos felizes. O bem-viver, meu amigo, é tão rigorosa consequência do bem-fazer, como a luz o é daquele astro, que ali está no céu, protestando contra a sua teoria dos acasos. O homem não acha em si os alívios da razão, quando os vícios lha degeneram. A razão depurada dos sedimentos da antiga culpa, no crisol do Evangelho, é Deus. Deus não é somente puro amor, é pura razão também. E, se não, veja que os bem-aventurados neste naufrágio da vida são aqueles que, rebatidos dum vaga contra a outra, emergem à flor de cada escarcéu, abraçados à razão, tábuas de infalível salvamento. O embriagado da sua falsa fortuna, cuidando-se, um momento, domador das tormentas, pode sorrir de desprezo ou mofa, vendo quão dissaboridos e minguidos passam os dias do justo. Aquele dirá que o acaso próspero lhe bafeja a si, e o funesto ao outro? Dirá; no entanto, meu amigo, será tudo escuridade à volta deste fátuo dos seus bens exteriores, quando a roda do acaso desandar. O *eu* interior, a quem me socorro desconfortado, é a minha razão. Se as paixões me apagaram esta luz bendita, a quem pedirei eu a esmola doutra luz, se não a Deus?

Disse bem, meu amigo: «mal daquele que foge o mundo, e se refugia em si.» Não andaria melhormente avisado o náufrago que, escapado do mar alto, entendesse que o salvar-se estava em ser revessado contra os penhascos das costas. Antes prolongar a agonia na esperança dum vela salvadora que nos pode chamar e reanimar para maior esforço. Antes esvaziar o cálix da injustiça humana, sem o repelir, esperando que o Senhor dos mundos se amercie dos seus répteis, ocasionando-lhes um dos imprevistos encontros, que lá estão delineados na sabedoria divina. A solidão, sem Deus, não serve para infelizes maus. Os bons, os absolvidos por sua consciência, refrigeram-se, convalescem, e saram no ermo; bom é, porém, que não venham aqui *ungir os braços para saírem de novo à arena*. O proveitoso, o melhor, o sobre-excelente é que os *lutadores invencíveis da má fortuna* não façam timbre em se degladiarem com ela, e deixem a arena aos vencedores laureados de uma hora, e aos vencidos manietados da hora seguinte. Dito isto, meu amigo, pergunto-lhe eu se tem horas de jantar acostumadas.

Este remate, posto com um riso de graça, fez-me rir também. Como eu respondesse consoante mandava a cortesia, fomos para a mesa, que era próxima da cozinha, e ficava longe, em outro pequeno lanço habitável da casa, para onde passámos, sobre um passadiço de tabuões fincados nas soleiras de duas portas.

No has visto más?... Vuelve a la pradera, hijo mío, porque hay en ella cosas mas dignas de tu atención Dios estaba en medio de los campos. No le has visto? A él debe la pradera su belleza; las miradas de Dios animaban la claridad del sol No has oído más que el murmurio de los arroyos, el gorjeo de las aves, y el viento que mecía las ramas de los árboles? Vuélvete al bosque, hijo mío, porque tus oídos percibirán cosas mucho más grandes...

ILDEFONSO MIRANDA, *Himnos de la primera edad.*

Passaram três dias sem me eu lembrar que era delicadeza, se não dever, despedir-me do meu gasalhososo amigo: tão dulcificante me era aquele remansoso descanso do corpo e sossego de espírito.

A minha vida aligeirava-se a conversar, meditar, e ler, toda instrutiva e de proveito, sendo que poucas horas bastam à alma para se nutrir em colmeia copiosa, como era aquela, do mel que ao depois edulcora os azedumes de largos anos.

Tinha o padre umas horas da manhã, e sobre tarde, em que evitava delicadamente a minha companhia, e se fechava em seu quarto. Na terceira tarde, estava eu à beira da lagoa onde se rebanhavam os patos, e, por entre as frondes do arvoredado, vi o padre à janela do seu quarto, com o rosto entre as mãos, e os cotovelos apoiados no peitoril, e os olhos imóveis e fitos na casa fronteira do negociante de Lisboa. Naturalmente, e não sei se até curiosamente, relancei a vista para a casa, e vi, como sempre, as janelas hermeticamente fechadas. Estive neste reparo até ao toque das Ave-Marias. Padre Álvaro levou então ambas as mãos à cabeça, tirou o solidéu, e afastou-se da janela, já com as mãos erguidas.

À hora do chá, a mais taciturna e recolhida do padre, disse-lhe eu:

– Vossa senhoria de certo não reparou ainda no meu apego às suas ruínas; creio que não, porque é bom, e sente o bem que me vê gozar. Não obstante eu devia já ter dado por concluída a minha visita, sem contudo julgar esgotada a hospedeira bondade do meu prezado amigo. Não me culpe a mim, condene a sua afectuosa convivência, e o mundo também que me não dá outro amigo como o senhor padre Álvaro...

– Onde vai dar consigo nesse arrazoado? – atalhou.

– Era o prólogo da despedida e do agradecimento que eu estava fazendo.

– Pois fique no prólogo; e se, de força, quiser entrar no discurso, reduza-o à simples confissão de que está aborrecido, e quer ir espaiar nos «cafés» de Lisboa.

– Seria a primeira injustiça que o meu amigo fizesse, pensando tal de mim.

– Então, deixe-se estar mais oito ou quinze dias. Se quiser ir à caça, eu arranjo-lhe os petrechos; se quiser dar passeios mais largos, também lhe arranjo cavalgadura; se tem precisão de ir a Lisboa, vá e volte; se está bem e quer estar assim, não se despeça nem me agradeça, que o mesmo é lembrar-me que sou eu o obrigado.

O venerável velho pusera-me então a mão no ombro, e eu respondi beijando-lha. Chorei, e sei dar a explicação destas lágrimas. Lembrou-me meu pai, cuja face eu beijei no esquife há vinte e sete anos. As últimas palavras amoráveis dum homem de cabelos brancos, meu pai mas dissera. Depois, não ouvi outras, senão as do sacerdote. Aí está a razão das lágrimas, que o santo homem viu, e me galardoou com um abraço.

No dia seguinte, saímos pela fresca da manhã, e subimos uma ladeira de olivedos, que no topo se espalmava em ervecida chã, assombrada de grandes árvores. Em nosso alcance, saiu a senhora Eufémia com o almoço, e retirou com ordem de nos trazer ali o jantar.

Daquela eminência iam os olhos a muito longe buscar a suave melancolia que levanta o espírito. Enlevavam as lezírias com as sua manadas de gado, os grupos alvejantes de casas, as granjas dispersas na esplanada, os pomares de laranja, os olivedos, e o rumorejo confuso e indistinto das aves, dos regatos, do brando ramalhar das árvores, e da toada de vozes distantes nas veigas, que se espriavam ao sopé e em redor do nosso outeirinho. Estavam entre as árvores umas pedras musgosas convidativas de repouso. O acaso as talhara à feição de escabelo com seus encostos. O padre sentou-se na menos cómoda, e disse-me:

– Almoçemos aqui. O meu mais longo passeio, há vinte anos, é até este ponto do *mapa-mundi*. São estas as belezas únicas, que eu mostro aos meus raros hóspedes. Esse álamo, a que o senhor encosta o ombro, plantei-o eu em 8 de Junho de 1832. Tem vinte e dois anos.

Reparei noutra árvore próxima, e vi duas iniciais: *L. A.*, quase ilegíveis pela sobreposição da casca.

– E estas letras escreveu-as também o senhor padre Álvaro?

– Também.

Obrigava-me a discreto silêncio a brevidade da resposta, e o recolhimento visivelmente magoado do padre. Tomei do cabaz as provisões do almoço, e acomodei-as sobre a pedra que melhor se ajeitava. Fiz o chá e servi o padre, dizendo chistes, que me ocorreram, tocantes aos cenobitas, moradores das brenhas, estômagos fortalecidos por frutos silvestres e raízes, os quais não sabiam sequer da existência do chá *hysson* nem do açúcar, nem da manteiga de Cork, ignorada até do próprio Teócrito, Columela, e outros amantes da natureza e do leite. Se o leitor não acha sal nestes ditos, o padre também lho não achou. De instante a instante fez-se noite naquele aspecto, um quarto de hora antes claro e aberto ao contentamento interior.

– Que tristeza é essa?! – perguntei.

– A tristeza do homem, que não pode ser anjo – respondeu ele, trabalhando por reprimir as lágrimas.

De maneira dizia ele estas breves respostas, que eu não sabia replicar, nem consolar.

Aqueles minutos do almoço correram assim tristonhos, e terminaram, tirando o padre do fundo do cabaz dois livros: um era o breviário da sua reza, o outro era um romance... Um romance! e, demais, um romance denominado VOLUPTÉ. *Voluptuosidade!* isto oferecido pelo homem de Deus, pelo vaso de eleição, pelo santo, cuja mão eu beijei ontem com o fervor de um catecúmeno inflamado por um raio de graça, que a oração do justo me trouxera do Céu! A *voluptuosidade* de Sainte-Beuve, aqui, neste sítio, ao pé do livro de Job, do rei penitente, dos ditames do Espírito Santo!...

Aceitei o livro, e li, no prefácio, estas linhas:

.....
«Entende o editor desta obra que as pessoas nimiamente escrupulosas, acaso espavoridas pelo equívoco título que ela tem, pouco perderiam, em verdade, não lendo um escrito cuja moralidade, por mais grave que ser possa, só diz respeito a corações menos puros e menos despreocupados. Ao revés, pelo que toca às pessoas, convidadas justamente pelo título que repele as outras, essas, não achando no livro o que desejam, não há que temer o derrancarem-se.»

Fui folheando e salteando os capítulos, e os relanços da obra que mais brevemente podiam ensinar-me o enredo da história. Compreendi-a toda em trinta minutos de leitura. E um homem que amou, e cobriu com a mortalha de levita a mulher que amara e perdera. E a análise minuciosa e pungente duma paixão; e poderia também ser instrutiva a análise, se o espectáculo das agonias dum naufrágio fosse causa a gelar de terror os

futuros navegantes e deixar rugir o oceano sozinho com os seus furores.

Fechou o padre o seu livro, e eu continuei a ler.

– Sainte-Beuve escreveu esse livro em forma de carta a um amigo – disse o padre.
 – Se o senhor tivesse em mim um amigo, capaz de escrever com profundidade e graça, e me pedisse conselhos, eu mais quisera ter-lhe escrito este romance que o *Manual de Epicteto* ou a *Imitação de Cristo*. Aí verá o filósofo, o sábio, o mundano, o penitente, o cristão, e o mártir, se quiser. E sobre ser tudo isto, é ainda mais, é o HOMEM. Quão raros são os livros que bem definem o HOMEM, a não ser o de Job: *Homo natus de muliere..., repletus multis miseriis* («homem, nascido da mulher, acervo de misérias sem conto»).

– Poderei fazer uma pergunta, sem preâmbulos, que me desculpem? – atalhei eu.

– Porque não? faça.

– Entre o senhor padre Álvaro Teixeira e este homem que veio cingir os rins num claustro das margens do Tejo há uma dor comum, não há?

– Há uma dor igual, um mesmo calvário – perdoe-me a profanidade –, mas as veredas muito diferentes.

Após o silêncio de alguns segundos, que eu não ousei quebrar com alguma pergunta melindrosa, o padre, erguendo a face inflamada, com a luz dos olhos estranhamente viva, disse num ímpeto de espírito:

– Hei-de mostrar-lhe algumas datas que tenho assentadas num livro. Não é autobiografia, nem romance simulado com supostos nomes, nem «memórias» ambiciosas de futura vulgaridade. São cautérios aplicados à chaga insanável... Há-de ler os meus papéis.

– Mereço eu tanto?! – disse, sentindo-me vaidoso da confiança, e lisonjeado na minha cobiçosa curiosidade.

– A leitura do meu livro não paga merecimentos de quem quer que seja, nem sequer é uma lição nem um bom exemplo: é a parte dum dia, menos fastidioso, que eu dou ao meu hóspede. Lerá esta tarde.

Esteve-se em meditação o padre, sem desfitar os olhos do álamo e das letras, e continuou depois deste teor:

– Se a não tivesse escrito, contava-lhe a minha vida. Tinha precisão deste desafio. Digo-a a cada noite que Deus manda com os seus silêncios para me ouvir. Repito-a a cada aurora, que se aclara, não já para mim, que só espero vê-la despontar além da sepultura. E natural este desejo de infelizes que se querem lastimados na sua dor. Esse mesmo desejo tenho submetido ao jugo de todos os outros. Nunca falei do homem que foi aos que a mera curiosidade tem aqui trazido a ver o homem que é, em sua mesma obscuridade, um segredo estimulante de ociosos. A parte essencial da minha vida sabem-na muitos, e eu não sei quantos romances por aí correm à conta dos meus sofrimentos. Sei que os velhos da minha criação me chamam «romântico» ou «tolo», que monta o mesmo. Desses alguns não quiseram envelhecer ainda, e a cada passo os encontro em Lisboa, como os lá deixei há vinte anos, gentis, perfumados, galãs, viciosos, e salvando-se da irrisão com o pouco cabedal que fazem da sua mesma dignidade. Outros avelhentou-os o mesmo vício, e de crer é que me julguem por si, ao verem-me assim encanecido. Haverá algum que me leia no coração e desculpe das injustiças dos outros; esse, porém, não me perdoa o feio invés em que eu espontaneamente voltei uma vida, que principiara mostrando uma face agradável, e esperançosa de todos os bens que se tomam em conta de melhores neste mundo. E assim é que tenho vivido e morrido só comigo, e afeiçoado aos que me lastimam e aos que me escarnecem. Uns e outros erram sem vontade. Na sociedade, em que eles medram e se acreditaram, sou e devo ser aquilo que de mim pensam: um esquisito, que se

goza das suas singularidades; ou um mártir excruciado por sua infeliz e dissociável imaginação. Hipócrita é de presumir que me não taxem, porque a hipocrisia tem neste mundo a sua ganância, e eles bem sabem que eu nada tenho ganhado, nem solicitado. Isto, que vou dizendo, tem sombras de defesa própria, não tem, meu amigo?

– De defesa, não me parece, senhor padre Álvaro! – respondi. – Quem é que o acusa? Escarnecer ou lastimar não é acusação. O que eu entendo das palavras de vossa senhoria é que perdoa aos baixos espíritos, que se querem levantar para avaliá-lo e resvalam à lama.

– Não tanto – replicou sem embiocar a caridade. – Sejamos generosos e até piedosos com as almas remissas e afrouxadas na trabalhosa fábrica das posições, das honrarias, dos bens da fortuna, da imortalidade e da perpetuidade dos seus nomes na riqueza e glória herdada à sua descendência. Entre estes, que muito é ser eu olhado como inútil, como o menos providente dos três a quem o Senhor distribuiu os talentos? O sacerdócio é havido como ofício, e o sacerdote que não cura sequer de agenciar uma murça, ou uma abadia rendosa, é um inábil, que retrocedeu pela estrada obscura ao tempo escuro da religião. Que há-de dizer a gente iluminada, segundo o tempo, dum homem, que foi abastado, que se fez padre antes de ser pobre, e que empobreceu, e não cuidou de voltar a si com artes infalíveis o bom rosto da fortuna, e nem sequer escassamente soltou uma palavra de queixume contra os ingratos?

– Deve dizer – respondi comovido – que homem, que tal fez, é um dos escolhidos de Deus, um exemplo, e uma glória da espécie humana.

– A espécie humana não dá fé de glórias tão baratas, meu amigo. Eu tive alguns anos de homem social e amoldado ao feitio vulgar. Pois saiba que se a mim me perguntassem então o que eram glórias da espécie humana, eu apontaria César, Alexandre, João de Castro, Colombo, Vasco da Gama, Camões, e os outros que escreveram para sempre os seus nomes no padrão dum mundo novo descoberto, na página dum livro, ou na lâmina duma espada. Se me lá fossem dizer que aqui nos Olivais vivia um padre, que nem sequer escrevera os sermões de Vieira, ou as *Orações Fúnebres* de Bossuet, eu de certo responderia com um sorriso desdenhoso à admiração de quem me viesse falar em tão pecas glórias da espécie humana.

A conversação prolongou-se neste sentido até horas de jantar.

Jantámos.

Não quero que o leitor diga que ninguém sabe o que comem e quando comem os heróis dos meus romances. Eu tenho a sinceridade de fazer comer, com vulgar sem-cerimónia, não só os heróis de más manhas, mas ainda os santos, como o padre Álvaro.

Ibit homo in domum aeternitatis suae.
(irá o homem para a casa da sua eternidade).

Ecles., 12, 5.

Na tarde daquele dia, chamou-me o padre para junto de si, diante da mesa em que escrevia. Abriu uma das quatro gavetas da escrivaninha, e tirou um grosso volume de papel almaço, encadernado em papelão, sem alguma outra cobertura.

– Aí tem – disse entregando-me o livro. – Leia, como quem lê um romance de história autêntica, escrito por pulso não vezado a escrever novelas. Aí vai o coração do seu amigo, a cinza das flores de vinte primaveras, flores que se abriam já queimadas, porque o bolbo de cada uma rebentava já doentio da venenosa rega das lágrimas.

Lembra-me que recebi das mãos do sacerdote o livro com o respeito do acólito ao receber o evangelho das mãos do celebrante. Pode ser que na minha reverência houvesse menos cerimónia de ritual e mais religiosa devoção.

Recolhi-me ao meu quarto, e juro que me tremia a mão, quando abri o livro. Na primeira página, li este ditame de Isaías:

Ingrederere in petram, et abscondere in fosso humo.

Quer dizer:

ENTRA NA SEPULTURA, E SOME-TE NA TERRA DESSA COVA.

E mais abaixo o verso do salmo 117:

Non moriar, sed vivam, et narrabo opera Domini.

Pode assim trasladar-se em vulgar:

NÃO MORREREI; TEREI VIDA PARA NARRAR AS OBRAS DO SENHOR.

A forma da narrativa é em divisões de anos, meses e dias. Alguns capítulos estão incompletos, e destes vi uns poucos suspensos em conjunções, ou numa vírgula. O dizer é singelo, familiar, mas correcto e sempre puro na linguagem. Rara é a página com emenda ou entrelinha. De ver é que falava o coração, e que as suas primeiras palavras eram as mais expressivas, e respondiam fielmente ao pensamento.

Na primeira tarde poucas páginas li: tão detidamente as ponderava e relia. Entrei por noite alta com a leitura, e apaguei a luz, já quando a do sol me dispensava da outra.

Conhecia já Álvaro Teixeira de Macedo desde os dezesseis até aos seus vinte e sete anos. Isto me bastava para eu não poder sujeitar à modéstia do levita os raptos da minha admiração, que melhor se entendera por idolatria.

O escrito dispensava os comentários do autor. Não pedi elucidação, nem pormenores. Era tudo claro e minudencioso como história escrita de hora a hora, entre lágrima e lágrima, com o coração na humanidade, e a consciência em Deus.

Ao oitavo dia, fechei o manuscrito, e fui restituí-lo ao padre. Não cheguei a dobrar o joelho, quando me ele tomava das mãos o livro; mas o coração pesava-me como para cair e humilhar-se aos pés daquele justo. Conheceu-o ele, e abriu-me os braços, e

apertou-me ao seio, balbuciando comovido do meu embaraço.

– Tem o meu segredo: não abracei ainda outro seio que o tivesse. Diga-me agora: que aproveitou?

– Aprendi a conhecer a majestade do último ser da criação. Assim, sei agora, o que não pudera ainda perceber na sagrada escritura: «que Deus fizera o homem à sua imagem e semelhança.»

– E viu que o barro do homem se recoze ao fogo da desgraça...

– E dessa depuração a fogo lento, vi eu também que saía o anjo...

– Pouco aprendeu... – replicou o padre. – Eu queria mais que tudo isso... Queria ensiná-lo a ser paciente, quando for desgraçado. Não lhe posso dizer mais singelamente o resumo de tudo que leu, nem lhe darei, se me pede, e mesmo se me não pede, mais encarecido conselho. Paciência, é a arma, é o triunfo, é a porção divina do homem, é a bem-aventurança. A padecer é que os olhos da alma se destoldam, e encontram os de Deus. Padecer é a quebra, a falha irremediável e comum; resignar-se é a perfeição. A virtude, que todos alcançam, se a querem, é dar largo e por igual a amigos e inimigos, uns o seu ouro, outros as suas luzes, outros o seu braço, e o seu descanso. A virtude dos raros, a máxima virtude, a mais edificativa, é sofrer sem amaldiçoar, no asco da pobreza, no desamparo do descrédito, na ignomínia de não ter um amigo. Isto ninguém o vê, o admira, ninguém o vulga aos respeitos públicos. E que vai nisso? Basta-me Deus. Não posso duvidar que Ele me está vendo. Sinto-o no repouso da minha consciência. O coração está passado de dores, o espírito conturba-se de angústias, a noite não acaba no termo de vinte anos. Assim é; mas que importa. Basta que a consciência me diga: «não devias padecer, porque és bom.» Quando o homem que sofre se diz isto a si, é Deus que lhe diz. Esta é a altíssima rocha que vê em baixo as tormentas a fremir-lhe na base. Este é o berço providencial do menino, lançado às ondas, e mandado buscar por Deus, para contar ao mundo os seus primeiros dias. Esta é a arca do justo, a caverna dos leões inofensivos, o *post tenebras spero lucem* de Job.¹

Vá o meu amigo escutando com boa sombra estes «Exercícios Espirituais» com que eu principio a ensaiar a sua paciência. Isto lhe há-de acontecer mais vezes, porque é vezo padresco entrar de vontade pelas homilias, quando o auditório lhe não dá campo para pregar, e até para passear desassombradamente.

Veio a senhora Eufémia cortar-me a resposta. Trazia ela uma carta chegada de Lisboa. Padre Álvaro enfiou ao lê-la; mas a palidez habitual voltou, passados instantes. A perseverante desgraça já lhe havia dado pulso de ferro para soffrear os ímpetos do sangue.

– Vou hoje de tarde a Lisboa – me disse ele, plácido e triste. – Se quer ficar, e esperar, meu amigo, cá fica a boa Eufémia para cuidar de si. Se quiser vir também, e lá ficar, fique; e, se prefere tornar para as ruínas, mais contente voltarei.

Fui com o padre para Lisboa. Sem ele, a solidão dos Olivais ser-me-ia dolorosa.

Separámo-nos no Rossio, onde apeámos do carro que nos transportou de Santa Apolónia. O padre disse-me a sua pousada, e eu fui para a minha hospedaria. Procurei-o no dia seguinte: estava ele a ponto de sair para o convento de religiosas de Santa Marta. Oportunamente saberá o leitor o que ele ia fazer duas vezes em cada dia ao convento de Santa Marta.

Vinte dias, ou mais seria, acompanhei padre Álvaro Teixeira até ao pátio do convento, e dali a sua casa. Neste breve termo, o semblante do homem das dores declinou rapidamente para a lividez e magreza cadavéricas. As últimas idas ao mosteiro lê-las de sege, e aí mesmo tinha síncope que o extenuavam a ponto de uma vez o levarmos em braços da sege a uma grade, onde o esperava uma senhora muito idosa, de

¹ Espero a luz, depois das trevas, cap. XVII, v. 12).

venerável aspeito, a quem o padre chamou priora. De relance, vi que esta senhora estava soluçando e limpando as lágrimas, quando entrámos na grade.

Saí logo com o boleeiro, que me ajudara a amparar o meu amigo; mas ainda ouvi estas palavras da religiosa: «Acabaram-se os seus trabalhos.»

Ao toque de Ave-Marias fui chamado pela porteira do convento, e esta me disse que o senhor padre Álvaro me pedia a esmola de lhe ir dar o meu braço para se ele encostar. Maravilhei-me da reanimação em que o achei; mas conheci logo que era excitação de febre. Nada lhe ouvi durante o trânsito. Levava, como da primeira vez que o vi, as mãos encruzadas sobre o seio, e as pálpebras descidas como se quisesse esconder de mim as lágrimas, que eu bem via estancadas nas rugas, à semelhança das que regem na face de um cadáver.

E eu, que não podia enganar-me no motivo daquela aflição, tão absorvido ia, e tamanha parte quinhoava nela, que não tive uma palavra só de lenitivo, que lhe dissesse!

Parou a sege.

Saltei para amparar o padre na descida.

– Tenha a bondade – me disse ele, sem mover-se – de subir ao terceiro andar, e dizer ao dono da casa, que tenha a paciência de vir aqui falar-me.

Subi, e desceu comigo o dono da casa, ao qual o padre disse o seguinte:

– Meu amigo, não tenho mais que fazer em Lisboa. Vou para os Olivais agora mesmo, se o boleeiro quiser fazer a jornada de noite. Escuso dizer-lhe que está com Deus a pobre senhora. Agora é erguermos as mãos em acção de graças aqueles que a conhecemos. Eu cá me vou avizinando das minhas ruínas como o réptil, ferido de morte, da conhecida caverna, onde se quer sozinho com as suas agonias. Dê-me a sua mão de amigo, e adeus.

Voltou-se para mim, e disse-me:

– Quando eu lhe escrever, a pedir a sua companhia, vá ter comigo, se o puder fazer sem custo.

– Pois não me quer consigo agora?! – atalhei.

– Não, por ora não. Estes primeiros dias não podem ser repartidos nem consolados por ninguém.

Beijei-lhe a mão, que transpirava um suor rescaldado.

– Queira perguntar ao boleeiro se me leva aos Olivais – ajuntou ele. Levei-lhe a resposta afirmativa, e a sege partiu, a passo rápido.

Fiquei conversando com o amigo do padre.

– Não o tornaremos a ver – disse-me ele consternado. – Padre Álvaro não vive muitos dias; o senhor verá. Eu dantes, quando o via desconfortado e com sinais de pouca vida, dizia-lhe: «lembre-se daquela infeliz, que não tem mais ninguém no mundo.» Parece que isto lhe dava alma nova! Agora, não há nada que o prenda à vida, senão o sofrimento...

– Mas eu cuido, interrompi, que o padre Álvaro há-de achar sempre na sua vida ocasiões de ser útil a muitos outros desgraçados, embora se ofereçam com títulos menos valiosos à sua beneficência. Enquanto houver um homem que lhe peça conselhos, esmolas, ou intercessão com Deus, o padre, qual ele é, não pode julgar terminada a sua missão neste mundo.

– Essas conjecturas são conceituosas, e de bom juízo – redarguiu o sujeito – mas os negócios do coração alheio correm de modo muito diferente das nossas razões, pensadas, a espírito sossegado, embora nos doam os infortúnios do nosso amigo.

E ficámos concertados a mandar no dia seguinte saber novas do nosso amigo.

O portador não nos trouxe resposta à carta. A senhora Eufémia hesitara em levar-lha à câmara, onde se ele fechara; fora por fim; mas voltara sem resposta, ou promessa

de responder, quando pudesse.

Decorrera uma semana em esperanças, até que um dia o amigo do padre me procurou para me dizer que a velha Eufémia lhe escrevera, dizendo-lhe que o seu amo estava em perigo de vida. Dali partimos no mesmo ponto para Santa Apolónia, e de lá para os Olivais.

Estava o sacerdote sentado numa poltrona, junto à janela que olhava para o palacete fronteiro do negociante de Lisboa. Deu-nos as mãos, que cada um de nós aproximou dos lábios. Respondeu a esta reverência com um sorriso, e estas palavras pausadamente pronunciadas:

– O martírio, que se alcança com as paixões da terra, tem também a sua santificação. Os meus amigos igualam-me nos seus respeitos a um S. Francisco de Sales ou Vicente de Paula...

– Esse sorriso abre-se em luz de esperança para os seus amigos, senhor padre Álvaro – disse-lhe eu.

– E eu me congratulo na esperança dos meus bons amigos. Também vejo a luz, que ilumina e abrasa... *Ardere et lucere...*² Padei muito, e esperei muito destas horas finais. Misérias e opressões de uma longa vida aqui se acabam: *Miser factus sum ego, et cuivatus sum usque ad finem.*³ Curvado o corpo, sim, que o desconcerto total desta frágil máquina é a repelões de dor; mas a alma folga, e sorri no extremo dia: *Ridebit in die novissimo.*⁴

Estas vozes extenuaram-no como se fossem um desafogo veemente. O meu companheiro disse abundância de palavras que, a seu juízo, deviam refrigerar o afogo febril do enfermo. Eu não tinha alguma fé nas consolações dele, e menos ainda nas minhas. Assisti silencioso à perdoável verbosidade de um, e ao recolhimento ofegante do outro.

Falou-se em ir buscar médicos a Lisboa. O padre sorriu-se, encarando no amigo, que propusera a consulta.

– Médicos!... – murmurou ele. – O caixão... Mortalha cá está esta...

Dizia, tomando em ambas as mãos convulsas as abas da batina. Ao fim da tarde, pedimos que se recolhesse à cama, e ele respondeu, fitando os olhos no céu:

– Daqui vejo melhor a pátria; mas a hora não chegou ainda. Já era muito esperar... O Senhor é piedoso com os que não desesperam, e com os pacientes. Espero... e, posto que padei muito, não direi como o néscio: «minha alma, descansa, que possuis muitos bens».⁵ Eu espero tudo da misericórdia divina.

Prosseguiu falando a intervalos, e até alta noite não consentiu que fechássemos a janela.

Pernoitámos ao seu lado, e vimo-lo dormir duas horas serenamente. Palpei-lhe o pulso, e senti-o refrigerado e sem ponta de febre. Cobrei esperanças, contra o parecer do meu companheiro de vigília.

Ao repontar da aurora, o padre olhou em nós ambos, e disse em tom compadecido:

– Caro tributo paga a amizade!... Vão deitar-se, meus amigos. Estou melhor. Digam à minha criada que vá chamar o pároco.

Fui dar as ordens, e voltei ao quarto, donde saí, quando entrou o prior.

Durante o dia conheci que as minhas esperanças eram desmentidas por desfalecimentos e agonias passageiras do enfermo. A criada chorava alto a cada

² S. João, 5, 35.

³ Salm. 37, 7.

⁴ L. dos Prov. cap. 31, 25.

⁵ S. Lucas, 12, 19.

acidente, e eu via, no semblante contraído do meu amigo, quanto o punham aqueles gritos. Pedi à criada que reprimisse o choro, e ela respondeu-me:

– O senhor talvez não saiba que eu criei aos meus peitos esse santo que está a morrer!... – E lançou-se de joelhos a orar em voz alta. Curvei-me diante desta dor, e adivinhei as angústias daquela mulher através dos últimos vinte anos.

Ao fim da tarde, foi ungido o moribundo. Quisemos então quase de força passá-lo à cama: não o conseguimos.

– A morte é suave em toda a parte. Aqui adormecerei. *Dulcis est somnus operanti*⁶ – disse ele.

E, fitando no azul do céu os olhos embaciados, continuou:

– O céu da minha mocidade! Assim era naquelas noites de tanto e tão puro amor! A serenidade da natureza, e as agonias da criatura! Só o homem se dói do homem, e Deus de todos. As criações sublimes do universo olham todas para o seu Criador, e não sabem como morre o réptil, nem quando despega da árvore a folha seca.

Vinham ditas com cansaço e violência estas palavras. Pedimos-lhe que não falasse, e ele apoiou a barba no seio, e cruzou as mãos, murmurando vozes imperceptíveis.

As onze horas da noite, estremeceu o agonizante na cadeira, e estirou os braços convulsivos. Pensei que era o extremo estertor. Volveu, porém, à sua quietação, e viu-me de joelhos, com as mãos apoiadas nos seus joelhos. Pôs-me no rosto a mão, e disse: – *Beati qui lugent.*⁷

Soaram as doze horas num relógio de parede. O padre parecia contá-las, por um movimento nervoso dos lábios. Tinha caído a última pancada, e ele disse:

– *Media autem nocte clamor factus est: ecce sponsus venit.*⁸

Ergueu as mãos em oração, inclinou a cabeça para o espaldar da cadeira, e suspirou. Cuidei que ele ia adormecer, quando vi caírem-lhe lentamente as mãos por sobre os braços da cadeira.

Era aquele glacial dormir, que espera novo dia anunciado pelo anjo do último juízo.

Ajoelhei de novo, e disse:

– Santo! pede a Deus por mim, e por todos os infelizes.

FIM DA INTRODUÇÃO

⁶ É suave o dormir a quem trabalhou.

⁷ Felizes os que choram.

⁸ Ouviu-se à meia-noite este grande clamor: é chegado o esposo. S. Mateus, 25, 6.

I

Grande, très-grande révélation. Ce n'est pas ici un vain spectacle d'art et de sensibilité, simple volupté du coeur et des yeux. Non, c'est un acte de foi, un mystère...

MICHELET, *La Femme*.

Álvaro Teixeira de Macedo nasceu, em Lisboa, no ano de 1813. Foi seu pai um comerciante rico, bastardo dum fidalgo da corte.

Cresceu Álvaro, e nunca seus lábios proferiram a palavra mãe, nem tinha o coração memória dela. Entrou num colégio. Aí ouviu de seus companheiros aquela dulcíssima palavra, como grande parte e incentivo das saudades deles. Dizia um «minha mãe recomenda-me, que estude muito, que me há-de levar à feira do Campo Grande»; outro, repartindo confeitos ou amêndoas pelos condiscípulos, dizia: «foi minha mãe que mas mandou»; este escrevia a sua mãe, pedindo-lhe que o mandasse buscar no sábado; aquele chorava e adoecia de saudades de sua mãe.

Álvaro devia acreditar que a sua tinha morrido; mas ninguém lho dissera; nunca seu pai, nem sequer sua ama lhe falaram em mãe.

Estava de férias em casa, e tinha nove anos, quando perguntou a Eufémia, sua ama de leite, porque não lhe tinha falado nunca de sua mãe. Eufémia, atalhada pelo repente da pergunta, tartamudeou algumas palavras, que exprimiam o embaraço dela, suspeito à precoce esperteza de Álvaro.

– Vou perguntar a meu pai – disse ele.

– Ora! – acudiu a ama – para que há-de ir o menino fazer essa pergunta a seu pai?!

Não queira saber dessas coisas.

– Então que tem?! – tornou Álvaro, cada vez mais enleado, e curioso como criança. – Eu havia de ter mãe por força, não é assim?

– Isso é; mas...

– Mas quê?

– E se ela morresse!?!...

– Se morreu é outra coisa... Então diga-me que morreu. Morreu ou não?

– Está bom, menino; deixe-se de querer saber o que não lhe importa – disse, em conclusão, a perturbada ama, fugindo a novas perguntas.

Manuel Teixeira, pai de Álvaro, queria do coração ao seu filho único. Amimava-o naquela idade como no berço. Parecia crescer o amor à proporção que as feições do menino se iam compondo, retrato fiel das suas.

Nesse mesmo dia de inquietação para a boa Eufémia, estava o menino sentado nos joelhos de seu pai, que lhe anediava os cabelos, e aparava as unhas.

– O papá – disse Álvaro com um gesto carinhoso –, a minha mãe já morreu?

Manuel Teixeira ficou por um pouco tempo suspenso; mas continuou a aparar as unhas do menino, e disfarçou a resposta com algumas perguntas concernentes ao colégio.

Estava Álvaro a ponto de sair do gabinete de seu pai, e, como levado de providencial impulso, retrocedeu, e disse:

– O papá não me disse se a minha mãe morreu...

– Morreu – disse secamente o pai.

Foi o primeiro gesto de enfado que viu Álvaro no rosto dele, sempre de riso e meiguice.

Contou o menino este caso à ama, e esta, profundamente magoada, disse-lhe em ar de repreensão:

– Não lhe disse eu que não fizesse tais perguntas?

Tornou Álvaro para o colégio, e contou inocentemente a um dos mestres, que mais seu amigo era, o que passara com a ama e com o pai. Ficou o mestre admirado do acontecimento, e entendeu de si para si que Álvaro era filho natural do capitalista, e pode ser que da própria criada, a quem ele chamava ama. Estas desconfianças não eram boas para serem comunicadas aos nove anos do colegial, e calou-se com elas o mestre. O menino, porém, não falava noutra coisa, e instava por esclarecimentos, até que uma vez o mestre, mal-assombrado, lhe disse:

– Estude, Álvaro; não lhe importe saber o que não lhe é necessário.

O aluno mais estudioso do colégio fora Álvaro até àquele dia. Maravilhava o pai e os mestres com o seu adiantamento, e cuidado em aproveitar o natural engenho. De repente, com igual admiração dos mestres e do pai, o mais descurioso e desleixado do estudo era Álvaro; mas também, ao mesmo tempo, o mais triste e recolhido dos seus condiscípulos.

Manuel Teixeira, informado disto, sentiu a tristeza do filho e deu medíocre apreço ao desgosto dos mestres, no tocante a estudo. O negociante não queria que seu filho seguisse as letras, nem se gloriava de procriar um talento. O que ele desejava era dar-lhe um verniz de boa sociedade, e habilitá-lo para casar com uma sobrinha sua, morgada rica, da linha paterna, menina que teria dez anos nesse tempo. Entrava nisto por muito o orgulho do bastardo, que pelos degraus da riqueza conseguira ombrear com os filhos legítimos de seu pai, e acudir-lhes, por orgulho também, nas crises fidalgas em que se eles viam apertados, no dia imediato à noite do jogo, ou do baile, ou dos casamentos e natalícios da corte.

Decorreram três anos. Quis Manuel Teixeira, neste espaço de tempo, por muitas vezes, tirar o filho do colégio, à conta de magreza, de fastio, de doença, e de mil causas que inventa um pai extremoso. Álvaro resistia à ternura paternal, pedindo que o deixasse estar no colégio, onde se afeiçoara ao seu quarto, aos seus mestres, e a alguns condiscípulos, de quem o separar-se lhe seria muito penoso.

Tinha Álvaro já doze anos. Os três últimos, mal aproveitados nos livros, frutearam temporãos em discernimento e porte varonil. Dentre os professores, aquele que muito o estimava e conversava tinha-o em conta de homem, e como a homem lhe falava. Por vezes, em íntima prática, lembravam aquela instância de um, acerca de sua mãe, e a resposta enfadada do outro. Notou, porém, o mestre que estas recordações traziam tristeza mais sombria para o aluno, e abstinha-se de revivê-las. Que montava isso, se Álvaro não podia esquecê-las nem o mestre desconhecer a origem da melancolia do discípulo!?

– O senhor Álvaro está homem no espírito – disse-lhe um dia o seu afeiçoado mestre de inglês –; vou dizer-lhe o que não quis explicar à sua ignorância dos nove anos, quando o senhor me pedia esclarecimentos acerca de sua mãe. Presumi eu naquele tempo que seu pai tinha alguma forte, ou pelo menos desculpável, razão para não lhe dizer quem era sua mãe. Bem podia ser que o menino fosse filho de uma das criadas de seu pai, ou mesmo ainda de uma senhora, cuja reputação corresse o risco de ser manchada. Creio que me compreende...

– Manchada... porquê? – disse Álvaro.

– Por ser sua mãe.

– Por ser minha mãe!... Não entendo!...

– Assim me quer parecer; mas eu lhe aclaro a escuridade. Honram-se de serem mães, e o mundo honra aquelas mães, que estão ligadas por um sacramento aos pais de

seus filhos. Agora de certo me entendeu.

Álvaro fez um gesto afirmativo, e disse:

– E minha mãe não estava assim ligada a meu pai?

– Era isso que eu cuidava; mas, estimulado também da sua curiosidade, pedi informações, que obtive logo, e já pudera ter-lhas revelado, se as julgasse de alguma utilidade, há mais de dois anos. Vou agora contar-lhe o que sei de sua mãe. Conheço a causa da sua tristeza: é ela. Esse seu amor vago de filho tem influxo do Céu. Alguma coisa quer Deus que se esconda nesse amor; e a minha consciência manda-me falar. Seu pai casou há catorze anos com uma senhora de rara formosura e rica, filha dum negociante português em Macau. Maria da Glória é o nome de sua mãe.

Os olhos de Álvaro reluziam, e a púrpura do rosto inflamava-se à medida que o professor ia rompendo o véu que, para assim dizer, lhe velava um novo mundo de afetos, de sentimento, de esperanças, e um destino imprevisto.

Continuou o mestre:

– Seus pais viviam extremamente felizes, e o menino nasceu ainda na época da felicidade. Tinha Álvaro alguns meses, quando sua mãe saiu da companhia de seu pai, para, volvidos alguns dias, entrar num convento da província do Minho, onde vive agora. Não me peça esclarecimentos que não posso dar à sua idade, nem os daria ao seu pundonor, se o senhor Álvaro, em vez de doze, tivesse vinte e quatro anos. Fique sabendo que sua mãe é viva.

Foram as breves e últimas palavras que o mestre lhe disse a tal respeito.

Álvaro não respondeu, de confuso que devia naturalmente ficar. A educação, a convivência de moços como ele inocentes, a ignorância das novelas que ensinam o espírito a tirar, por comparação, os vícios reais da desnudez dos vícios imaginários, eram causa a serem de todo o ponto misteriosas para Álvaro as razões que haviam levado sua mãe a um convento, de modo que seu pai a tinha em conta de morta, e queria que seu filho assim a julgasse.

Foi Álvaro, de vontade sua, passar alguns dias a casa. Fez espécie em Manuel Teixeira a extraordinária vivacidade do moço. Folgou com a mudança, e foi agradecer aos professores, e especialmente ao mais amigo de seu filho, as melhoras do pequeno. De feito, Álvaro estava preocupado de uma ideia que lhe dava novos espíritos.

Estava ele, um dia, em conversação acintemente promovida com Eufémia, e encaminhada ao ponto de lhe dizer:

– Quem me dera ver um retrato de minha mãe!

Eufémia fitou os olhos nele, abraçou-o, beijou-o, como quando o tinha ao peito, e, entre lágrimas e soluços, balbuciou:

– Se a visse!...

– Ela de certo morreu, minha Eufémia? – tornou ele, acariciando-a. – Fale a verdade... Não minta ao seu Álvaro!...

– Para que me faz essa pergunta, menino?! Valha-me Nossa Senhora dos Remédios! Deus me não salve, se eu sei o que lhe hei-de dizer...

– Diga a verdade, que é o mais agradável a Deus. Eufémia quis fugir; Álvaro susteve-a pela saia, e acrescentou:

– Venha cá, sente-se aqui, e responda-me, se é minha amiga: Por que está minha mãe num convento?

– Santo nome de Jesus! – exclamou Eufémia, levantando as mãos à cabeça. – Quem lhe disse isso, menino?

– Que lhe importa a vossemecê saber quem mo disse? É isto verdade? E, sei que é; o que eu lhe pergunto é a razão por que minha mãe não está nesta casa.

– Senhor Álvaro, se continua a perguntar-me coisas assim, eu vou-me embora

desta casa – replicou a ama com resolução feita de sair.

– Está bom – redarguiu Álvaro – não se aflija, que eu não falo mais nisto; mas prometa de não dizer a meu pai nada.

– Eu, menino! Eu caía lá nessa! Tomara eu que ele nem por sonhos se lembre de que o senhor Álvaro me disse tais palavras!...

Num dos próximos dias, Manuel Teixeira de Macedo tinha saído apressadamente, e deixara aberta uma gaveta cuja chave nunca lhe esquecerá.

Álvaro entrou no escritório, e reflectindo disse entre si:

– Não haverá aqui alguma coisa que me fale de minha mãe?

E diz ele no seu livro, por estas ou consentâneas palavras, que ouvira uma como voz do Céu que o mandava abrir a gaveta da escrivaninha.

A tremerem-lhe as mãos, abalançou-se o moço ao que nunca se atrevera a fazer. Viu uma caixa de veludo encarnado, com fechos de prata. Abriu a caixa: era um retrato de mulher, sobre marfim.

– Será? – disse ele. – «Senhora de rara formosura» me disse o mestre; e esta é tão formosa!...

Entrou de golpe Eufémia no gabinete particular de seu amo, e, como visse Álvaro ao pé da misteriosa gaveta, com um retrato na mão, correu para junto dele dizendo:

– Que está a ver o menino?

– É de minha mãe este retrato? – respondeu ele sem turbacão.

Eufémia, apenas lhe relanceou os olhos, exclamou:

– E, é; mas, pelo amor de Deus, não esteja aqui, meta o retrato na gaveta, de modo que seu pai não dê fé. Venha, venha comigo, menino!

– Não vou – disse ele com firmeza. – Nesta gaveta é que está o segredo que a Eufémia não quer contar-me. Hei-de procurar entre estes papéis alguma carta de minha mãe.

Eufémia espantou-se e assustou-se da gravidade inabalável daquela resposta.

– Feche a gaveta, que eu prometo contar-lhe tudo – disse ela. – Venha depressa, que eu ouço passos... É o paizinho que vem...

Não era; mas o medo figurava horrores na cabeça da pávida mulher.

Álvaro saiu, depois que repôs o retrato no seu lugar, com tal cautela, que não podia denunciar mão estranha.

– Conte-me agora o que souber – instou ele com a ama.

Eufémia oscilou ainda; mas, obrigada por um gesto de justa severidade com que Álvaro censurava a hesitação, disse o seguinte:

– A razão por que sua mãezinha foi para o convento... ainda que eu lha diga, o menino não a entende.

– Mas diga, e depois me explicará, se eu não entender.

– Olhe, o seu pai foi a Macau receber a herança de sua mãe, que era de lá...

– Já sei.

– Sabe?! Quem lho disse? Credo! Aqui parece que anda bruxaria!

– E depois?

– Seu pai, quando voltou, passados dias mandou sua mãe para um convento...

– Na província do Minho, já sei também; mas isso não é o que lhe pergunto: o que eu quero é saber porque foi.

– Foi porque assacaram uma calúnia à sua mãezinha. Agora já sabe... Deixe-me, menino, por piedade lhe peço que me deixe.

– Calúnia! Que calúnia!?... Então é isso o que me prometeu, Eufémia?

– Sabe que mais, senhor Álvaro... quem lhe disse o que sabe, que lhe diga o resto...

Eufémia saiu da beira de Álvaro, e foi, a correr como doida, refugiar-se no seu quarto, e pedir a Deus que trouxesse depressa o patrão para casa.

Álvaro dirigiu-se placidamente ao gabinete, abriu de novo a gaveta, e tirou ao acaso um macete de cartas dentre muitos sobre que assentava a boceta do retrato. A tempo foi isto que se ouviu o toque conhecido da campainha: era Manuel Teixeira. Álvaro, tão senhor estava seu, que meteu na algibeira o macete de cartas, fechou a gaveta, e saiu do gabinete.

Manuel Teixeira trazia o pensamento na chave esquecida. Apenas entrou no gabinete, correu à gaveta, e examinou-a; tornou a fechá-la, e não suspeitou levemente da curiosidade do filho, nem dos criados, que, salvo Eufémia, nunca entravam naquela recâmara.

Álvaro, a hora segura da noite, quando todos estavam recolhidos, deslacrou o macete das cartas, e leu-as e releu-as sofregamente como se as houvesse recebido da primeira mulher amada, naqueles dias de santo amor, de luz celestial, e de flores sem espinhos, em que tudo nos vem fadado do Céu, e as cartas mesmo as cuidamos ditadas pelos anjos.

A primeira, conheceu logo que eram de sua mãe as cartas, escritas do Convento de Vairão, em 1820, quatro anos depois da sua reclusão, e cinco anteriores àquela data.

Todas elas expressavam a mesma súplica, não de perdão nem de piedade; mas a esmola de um beijo de seu filho, esperança única de que se alimentava e vivia a mãe infeliz. Os termos carinhosos do amor maternal, e comoventes rogos ao pai inflexível da criança, iam crescendo de ponto, segundo o silêncio desprezador com que as cartas de Maria da Glória eram recebidas. Na última, que leu Álvaro, dizia ela que já não tinha forças para rebelar-se contra a vontade da Providência, e receava muito que a confiança na divina justiça a desamparasse. Terminava emprazando o seu algoz, e protestando pela sua inocência, diante de Deus.

Na seguinte manhã, Álvaro disse ao pai que ia para o colégio, e não viria um mês a casa, porque se ia entregar todo a uma tradução de um livro inglês. Quis o negociante dissuadi-lo do trabalho como nocivo à sua saúde; mas o moço, com afagos, e promessas de não fatigar-se, obteve licença de estar no colégio um mês.

Daqui passou Álvaro a ter com Eufémia este diálogo:

– Vou ver minha mãe, Eufémia.

– Que diz, menino!?! Está doido!?!

– Já lhe disse que vou ver minha mãe: o pai não vem a saber nada, porque pensa que estou no colégio.

Eufémia replicou amontoando razões que não puderam nada com Álvaro, sendo a mais forte de todas esta:

– E o menino cuida que se pode ir ao convento sem dinheiro? Olhe que são sete ou oito dias de jornada para lá, e outros tantos para cá. Quem lhe dá o dinheiro?

– Há-de emprestar-mo a Eufémia, para eu ir ver minha mãe; e, se mo não emprestar, vou a pedir esmola.

A ama abraçou a chorar o seu filho, como ela lhe chamava, e daquele lance em diante não lhe negou dinheiro nem conselhos a fim de realizar-se o intento. Ela mesma, à tarde desse dia, ajudada por um seu irmão, foi alugar cavalgadura, e ajustar criado que acompanhasse o menino a Vairão, guardando nestes passos tal recato que não ficasse alguém sujeito às iras de Manuel Teixeira, se a desfortuna os descobrisse.

Foi Álvaro ao colégio, e contou ao seu mestre predilecto a ida a Vairão. Tão digno e respeitável achou o mestre o arrojo do moço, que nem sequer lho tentou impedir com reflexões. Abraçou-o com veemente admiração de tão enérgica e nobre alma em tal verdura de anos, e prometeu por sua parte mentir piamente ao pai, caso acertasse de

encontrar-se com ele. Aos outros professores disse Álvaro que ia passar um mês nos Olivais com seus tios, onde costumava ir às temporadas.

Na madrugada do próximo dia, saiu de Lisboa o filho de Maria da Glória.

II

Começa o céu a dilucidar-se.

GOLDSMITH, *O Vigário de Wakefield.*

Maria da Glória, depois que leu em tremuras uma carta que recebera do correio de Vila do Conde, correu transportada à cela da sua amiga Cecília, e lançou-se aos braços dela, chorando de alegria.

– Que é, filha? – exclamou a religiosa alvoroçada.

– É a primeira alegria que Deus me dá em onze anos de martírio. Olha, vê esta carta da Eufémia... deixa que eu leio...

E leu Maria uma carta em que a sua criada lhe contava miudamente as conversações que tivera com o menino, até àquela hora em que o foi achar a contemplar o retrato de sua mãe.

– Oh meu Deus, meu Deus! – clamou a enlevada senhora, ajoelhando ante o oratório de Cecília. – Bem haja a vossa mão que até hoje me oprimiu para que eu sentisse o imenso prazer desta notícia! Falai, meu divino Jesus, falai ao coração de meu filho, e dizei-lhe que sua mãe, se foi culpada, já deliu com lágrimas de sangue as nódoas do coração, para receber dignamente a vossa misericórdia, e o amor de seu filho!

Esta curta e arrobada prece foi seguida do desfalecimento. De crer é que o espírito quebrantado da penitente não tivesse força para vibrar longo tempo abalado pela felicidade. Cecília tomou-a nos braços, e reanimou-a, comunicando-lhe as visões de futuros gozos que a vinham resgatar, pelo amor do filho, e talvez pelo remorso do pai.

Esta nova correu logo os dormitórios, e todas as freiras se alegraram, porque Maria da Glória era amada de todas, e respeitada das mais escrupulosas por sua resignação e conformidade. Encheu-se de gente o seu quarto, a dar-lhe os parabéns, como se no ânimo das mais virtuosas senhoras preluzisse o vaticínio de começar dali a desenredar-se a trama que a desgraça urdira à inocência da reclusa, nos melhores anos de sua vida.

Passou a febril mãe algumas horas da noite escrevendo ao filho e à criada. Eram páginas sobre páginas levantadas em amor e júbilo, como um hino de acção de graças, a carta que ela escreveu a Álvaro. Todo e tanto amor, onze anos retraído, e sem desafogo no próprio seio da religião, dilatou-se ali em termos de sorte amoráveis, que nunca a imaginação apaixonada do poeta os achou assim.

Passaram três dias nesta abrasada ânsia de outras notícias. Ao quarto, Maria da Glória recebia nova carta de Eufémia, escrita na ocasião em que andava alugando cavalgadura para a jornada do menino a Vairão.

O ambicioso coração daquela mãe não esperava, nem sequer sonhava tanto. Soçobrou-a o transporte de alegria; e as formidáveis angústias nunca puderam tanto. Quiseram as amigas, e sobre todas a inseparável Cecília, modificar os sobressaltos da esperança em contentamento sereno. Não puderam. A veemência das pulsações denotava febre, e já as tímidas senhoras se arreceavam mais da felicidade imprevista, que das flagelações de onze anos de saudade.

Maria caiu de cama; e, ao terceiro dia, depois da última carta, malogrou-se-lhe o desejo de levantar-se. Agora já a enfermava também o receio de que as tenções do filho fossem estorvadas por algum dos mil sucessos que a fantasia escaldada lhe antepunha. A bondosa abadessa, a fim de sossegá-la, prometia-lhe, chegando o menino, abrir-lhe a

portaria, contra o estatuído na regra beneditina, e dar-lhe quarto ao pé de sua mãe. Disséreis que Álvaro era o bem-vindo de todas as monjas, e para a festa da chegada se apostavam todas, com ofertas e mimos, e um ar comum de festa, como se estivesse à porta o soleníssimo dia do patriarca, cujas filhas eram.

Que folgazãs, e não sei se, ao mesmo tempo, santas, eram aquelas criaturas do mosteiro de Vairão, onde, nesse tempo, florescia em dons do espírito e primores do coração a secular que depois esposou um dos maiores talentos de Portugal, o inimitável poeta António Feliciano de Castilho Com que amor e enlevo se liam então ali as riquezas balbuciantes do bardo de *Eco e Narciso* e os maviosos regorjeio daquela *Primavera* em que ainda hoje o espírito inverniço do leitor se pode sentir verdejar aos bálsamos das flores que lá estão em perpétuo viço e aroma na grinalda do então e hoje, e sempre juvenil poeta!

É vinda a hora da acção, e frouxo há-de ser o traslado não à conta de o termos escassamente debuxado na ideia mas é que o desenho de Maria da Glória, ao dizerem-lhe que entrara o filho no pátio do mosteiro, não o faz a linguagem, e só o pincel de artista de sentir delicado o tiraria a limpo.

Chegou Álvaro ao pátio do mosteiro.

Foi Cecília a da nova, e depós ela vinham todas, alvissareiras, a esbofar de cansadas.

Maria sentou-se de ímpeto no leito, e abraçava, vertiginosamente, quantas entravam ao pé da cama, onde todas vieram. Até a prelada, menos gotosa que nos outros dias, regamboleava a perna, revel à própria sineta de matinas! A mãe de Álvaro pedia os vestidos, e todas à porfia lhe davam os fatos em duplicado para se vestir, chilreando destoadamente uma inglesia de que as próprias noviças estavam como pasmadas. Já Maria saltava do leito meio vestida, quando entrou a dona abadessa, e a obrigou brandamente a recolher-se à cama, que assim o mandara o médico, e não se fazia mister ir buscar nos braços quem ali vinha ter por seu pé.

A este tempo, correu a chusma das noviças à porta da cela, como ouvissem de longe o rangido de botas nos sonoros corredores dos dormitórios. Vinha Álvaro com a madre porteira, com a madre escritã, e com a madre que estava de semana no encargo de acompanhar os facultativos às celas das suas doentes.

O filho de Maria da Glória quando viu um grupo de treze noviças, com os seus véus brancos e as toucas graciosas, onde enquadravam rostos mais encarnados que seráficos, não formou ideia de todo horrorosa do cárcere de sua mãe. O interior dum mosteiro era-lhe novidade; e posto que, naquele tempo, a frequência das grades monásticas era Uso e moda das boas famílias, Álvaro nunca vira freiras, e julgava delas pelas que via macilentas e magras nos retábulos das igrejas.

As noviças, como já não coubessem no quarto de Maria da Glória, agruparam-se no corredor a um lado da porta, abrindo passagem ao hóspede e às três senhoras. No limiar da cela estava a prelada, que tomou a mão do menino, e o guiou ao pé do leito. Maria, quase a resvalar da cama, recebeu o filho nos braços, e apertou-o contra o seio em silêncio de sôfregos beijos, e, a rápidos intervalos, o afastava de si e contemplava com olhar frenético, e trejeitos convulsivos como os da loucura.

– É o meu filho! – exclamou ela circunvagando os olhos mais soberbos que maviosos pelas religiosas que choravam. – É o meu filho! E a minha riqueza! tenho vivido em tormentos de onze anos para este instante... Deixem-me desabafar, que a felicidade sufoca-me...

E bracejava, atirando a repelões as tranças soltas para as costas.

Álvaro contemplava a mãe com ar de assombro. Tinha visto um retrato, como ele, naqueles anos, poderia imaginar um anjo. A mulher, que ali via, era magra, lívida, e

com as rugas da velhice precoce nos rebordos macerados dos olhos. Raros vestígios das feições antigas conservava a infeliz aos trinta e quatro anos, idade em que o toque mórbido e desmaiado da beleza é muitas vezes mais de cativar que o viço dos vinte anos.

– Não me esperavas assim ver tão velha, meu filho? – disse ela, correndo as mãos no rosto de Álvaro.

– Faz muita diferença do seu retrato, que lá tem o papá – disse o menino a custo, de apertado que estava nos braços da mãe.

– Quando eu tirei aquele retrato, meu filho, era feliz, e tinha dezesseis anos. Não sabes que me foste arrancado, há onze anos, dos meus braços, Álvaro? Onze anos a pedir a Deus este dia, meu querido filho!... Onze anos!... E Deus sabe se tornarei a verte!

Maria da Glória debulhou-se em lágrimas, e rompeu em gritos. Todas as freiras a um tempo lhe disseram palavras consolativas e de esperança. Álvaro, vendo que sua mãe ia cair exaurida de forças para o espaldar do leito, tomou-a para si, e submeteu o ombro ao rosto pendido e gotejante de suor.

A prelada mandou sair as religiosas, que pejavam o quarto mal arejado. Abriu-se a pequena janela, e Maria tornou a si, sentindo a mão do filho afastar-lhe da face os cabelos já passados da copiosa transpiração.

A discreta abadessa também saiu, cerrando a porta.

– Sinto-me vigorosa... – disse Maria. – Olha, meu filho, entra naquela cela, e espera-me lá.

Álvaro passou à espécie de antecâmara que sua mãe tinha, com serventia interior, por graça especial da prelada, e porque lhe sobejavam recursos para as mal denominadas regalias do convento.

Viu Álvaro neste recinto, pequeno, mas bem assombrado e até bonito com asseio de adornos, uma livraria, que tomava um dos quatro lados, e alguns retratos, que eram os de seus avós maternos, e outros painéis de devoção. Sentou-se à banca onde sua mãe escrevia, e relanceou os olhos por sobre os papéis espalhados nela. Entre estes estava aberta a última carta, que Eufémia escrevera a sua ama. O pequeno não adivinhou a delicadeza de furtar os olhos ao estímulo da curiosidade. Leu a carta, e entendeu a prontidão com que lhe foram abertas as portas do mosteiro, onde a sua ama lhe havia dito que não era permitido o acesso, salvo às grades, e um momento na portaria, se sua mãe solicitasse o prazer de abraçá-lo. Maravilhou-se do segredo que Eufémia velara dele, ocultando-lhe as suas relações epistolares com a mãe. Sentiu-se mais obrigado a estimar a virtuosa mulher, que para escrever à encarcerada, de todo o mundo se escondia, temendo ser repelida da casa, onde estava o filho da mártir, e ela, a alma única de quem podia a mãe fiar as suas queixas, e receber palavras que lhe temperassem as desesperadas saudades.

Maria da Glória, vestida em desalinho, entrou no quarto, onde Álvaro estava.

Sentou-se numa cadeira de espaldar, e achegou de si o filho, que parecia tomado de melancólico espasmo.

– Estás tão triste, Álvaro?... E a vista de tua velha mãe que te entristece?

– Não, minha senhora; é o pesar que eu tenho de a não ver em nossa casa. Porque está aqui há tantos anos, minha mãe?

Maria empalideceu, e balbuciou por entre beijos, em que parece que desabafava a veemente opressão da inocente pergunta

– Tu não me entenderias, se te eu dissesse a causa desta minha desgraça, filho do meu coração. És muito menino ainda para compreenderes a calúnia de que sou vítima.

– Mas – atalhou Álvaro com intervalos de suspensão, que denunciavam mais a inocência de sua ignorância das calamidades da vida –, o pai não pode ser tão mau que tenha aqui presa sem alguma culpa a minha mãe... Diz a Eufémia que ele fora muito seu amigo, e o meu mestre de inglês também me disse que eu nascera na época da felicidade.

– Cala-te, cala-te, meu filho – exclamou Maria, afogada em soluços.

– Não chore assim, minha mãe – acudiu o menino, a chorar com ela. – Escreva ao papá, peça-lhe que a tire daqui; talvez que ele tenha pena de si agora. A mãe já não lhe escreve como há quatro anos?

– Quem te disse que eu lhe escrevia, filho?

– Eu li as cartas, às escondidas do pai, e trago-as comigo, porque não tornei a encontrar aberta a gaveta donde as tirei. São todas de 1820. A mãe não escreveu mais algumas?

– Não, porque teu pai nunca me respondeu a elas.

– Escreva-lhe agora, sim? Escreva-lhe quando eu já estiver em Lisboa...

– Que farias tu, meu querido filho, que importaria escrever eu a teu pai?

– Eu pedia-lhe que tivesse compaixão da minha mãe...

O diálogo durou assim até à hora em que Maria da Glória e seu filho foram chamados a jantar em casa da abadessa.

Todas as religiosas e noviças foram comensais no banquete dado pela prelada ao filho da senhora, querida de todas. Álvaro ficou sentado entre sua mãe e a abadessa. Defronte estava uma religiosa de anos dilatados, a qual, desde muitos meses, só na sua cela e no coro se encontrava. Não tinha sido convidada, em respeito à sua austera soledade e continuada oração mental em que praticava com Deus. Foi ela mesmo que se ofereceu para o jantar, dizendo que não podia faltar àquela honra feita a um anjo de dor e de paciência. Isto, dito por soror Joana das Cinco Chagas do Senhor, impressionara fundamente o ânimo de algumas senhoras para quem a inocência de Maria da Glória era uma piedosa hipótese. Durante o jantar, a santa, que nesta conta era tida e assim denominada a decrépita monja, falou algumas vezes com Álvaro, já perguntando-lhe se desejava ficar com sua mãe, já queixando-se de que a sua vinda fosse o prognóstico de ela ser brevemente furtada às suas amigas do convento.

A este dito, respondeu Maria da Glória que a vinda do seu filho era uma felicidade, que ela devia às orações de soror Joana, e doutras virtuosas senhoras, suas dignas companheiras na Terra e no Céu; acrescentava, porém, que não esperava ser restituída a seu filho e à sua dignidade de esposa.

Viram todas erguer a religiosa o braço descarnado, e abrir a mão como quem impõe silêncio às palavras de dúvida, e contraditórias com as do espírito divino que lhe falava. Deu-se um religioso silêncio, tal que nem as respirações se ouviam.

Estas foram as palavras de soror Joana das Cinco Chagas do Senhor:

«A mãe será restituída ao filho, e a esposa ao coração de seu marido, e aos respeitos do mundo.»

Porque é que os cabelos estremeceram, e o calefrio vibrou os nervos de quantas pessoas ouviram o tom profético da virtuosa anciã? De feito, havia instinto do Céu naquelas palavras, o som delas tinha a um tempo a força eléctrica de que o ouvido se estremece, e a unção suavíssima que banha a alma de luz da fé.

Maria da Glória mandou o filho beijar o hábito da religiosa. Álvaro foi, tão passado de devoção e como alheado na santa poesia do lance, que lhe tomou de joelhos a mão.

Soror Joana deu-lhe a beijar a mão trémula, fez um jeito de levantá-lo da postura humilde, e, assentando os dedos afilados sobre as faces descoradas do menino, disse

com um ar de graça maviosa como se nos lábios lhe abrisse Deus um sorriso de sua misericórdia:

– O anjo do resgate veio enfim; e não veio tarde, porque chegou à hora em que Deus o mandou chegar.

Os ânimos ficaram tão absorvidos nesta afectuosa cena, que só volveram os risos e os gracejos depois que, findo o jantar, a santa se retirou encostada a duas religiosas, que haviam sido suas discípulas de noviciado, e contavam para mais de setenta anos.

Duas horas depois do jantar, foi Maria da Glória com seu filho visitar soror Joana. Encontraram-na em oração, e iam retroceder, quando ela fez sinal de ficarem.

– Que pena tenho eu – disse a freira com muito alegre semblante – de não ter nesta minha pobre cela um mimo que dê a este menino, para se lembrar da velha que viu no mosteiro de Vairão!

– As suas palavras gravam-se para sempre no coração, minha senhora – disse Maria da Glória, beijando-lhe o escapulário.

– Ora, deixe estar – tornou a religiosa – hei-de ver se o não deixo ir sem uma lembrança minha... Quando vai embora o menino?... não deve demorar-se muito...

– Eu desejava estar mais tempo – disse Álvaro –mas não tenho remédio senão ir amanhã, que não vá o papá dar fé da minha falta.

– Amanhã! – exclamou Maria – pois já me deixas amanhã!?

– E deve ir amanhã – respondeu soror Joana com impressiva firmeza, como se desse ordens.

– Quando tornarei a ver-te, ó filho da minha alma? – tornou debulhada em pranto a mãe de Álvaro.

– Mulher de pouca fé... – murmurou a santa, com brando sorriso, e um meneio triste de cabeça. – O menino – ajuntou voltando-se para ele, e tomando-lhe as mãos entre as suas – saiu de madrugada, sim?

– Sim, minha senhora, se a minha mãe deixar.

– Sua mãe deixa. Pois às quatro horas, antes do toque a matinas, venha dizer-me adeus. Vá agora menino, vá com a mãezinha para as outras senhoras que hão-de estar saudosas dela.

E saíram ambos com sobrenatural alegria de esperanças no coração. Vieram-lhes ao encontro nos dormitórios, na claustra, na cerca, as freiras, as noviças, e as criadas a felicitem-se com ela do termo dos seus males, jurando todas no vaticínio da santa. Maria já não duvidava. Recebia os parabéns como se a promessa lhe descesse directamente do Céu. Já o apartar-se de seu filho não lhe doía tanto. Fez-se um mundo novo naquele espírito. As aves da floresta entoavam por ela louvores a Deus. As flores dos tabuleiros recendiam os perfumes das flores da sua mocidade. O azul do céu já não tinha o aspecto triste e de ferro com que se mostra a olhos marejados de lágrimas. Riam-lhe as aves, e o céu, e as flores. A natureza inteira a dar-lhe as boas-vindas do seu filho! E ele, sempre ao pé dela, com as faces anuviadas de tão doce melancolia, que fazia lembrar o grave e sereno rosto do querubim que, no retábulo do templo, traz à Virgem de Nazaré o anúncio da sua maternidade!

Fugiam as horas do dia. As do silêncio, na breve noite que se seguiu, passou-as desveladas a ditosa mãe ao pé do filho que adormecera de fatigado. De hora a hora despertava-o com a pressão dos beijos, e acalentava-o depois, como doida de felicidade com lembrar-se do amor com que o velara no seu primeiro ano.

Soaram três horas. O criado estava já no pátio com a cavalgadura arreada. Maria, forçada pelas instâncias, tentava, mas não podia acordar o filho.

– Acordá-lo para o ver ir de mim!... – dizia ela, chorosa.

Resolveu-a um recado de soror Joana; mandava dizer que estava esperando o

menino, e que fosse, porque eram horas de coro. As palavras da santa deram-lhe alma para o trance.

Foi Álvaro ao cubículo da religiosa, e sua mãe com ele.

– Entrem, meus filhos – disse soror Joana. – Venha aqui o menino: não há tempo para demoras. Aqui tem a lembrança que leva desta sua velha amiga. Logo que chegue a Lisboa, antes de entrar na sua casa, vá entregar esta carta. A pessoa é bem conhecida. Quem quer lhe dirá onde mora esta pessoa. Agora vá com a Virgem Santíssima. Quando voltar, me dará novas da pessoa a quem escrevo. Enquanto a vós, minha penitente – continuou acariciando Maria – notai bem o que vos digo. Proíbo-vos de ver o sobrescrito da carta que vosso filho leva. Entendeis, Maria?

– Oh minha senhora! – disse a conturbada mãe, beijando-lhe a mão. – Sou incapaz de desobedecer-lhe.

– Bem o sei: conheço o vosso coração melhor que vós mesma. Ide com Deus, meus filhos.

Do último abraço que Maria deu em seu filho passou sem sentidos para os braços de Cecília.

Álvaro escassamente chorava. Sentia em si o coração forte do homem. Quando, porém, relançou os olhos para a portaria, que se fechava, não viu senão o alvacentó véu das suas lágrimas.

III

Quem não vê por isto que o mundo é um juiz iníquo?

S. FRANCISCO DE SALES, *Introd. à Vida Devota*.

Temo que me chamem milagreiro, e tomem este livro como aditamento à *Flor dos Santos* de Ribadeneira. Não quero semelhante nota. Vou demonstrar que soror Joana das Cinco Chagas do Senhor não fazia milagres: antevia unicamente, com os olhos de sua virtuosíssima alma, as consequências do que já sabia. Saiba também o leitor que este romance, por ter o mérito da verdade, pouco tem que fazer: é a natureza que o faz.

É já sabido que Manuel Teixeira de Macedo foi a Macau, em 1815, liquidar a herança paterna de sua mulher.

Maria da Glória tinha então vinte e três anos, e muita formosura. Não direi que amava, mas estimava grandemente seu marido, mais velho que ela doze anos. Não casara apaixonada, nem sequer voluntária. Seu pai, comerciante laborioso, simpatizou com o incansável bastardo do titular; tomou-lhe o pulso dos haveres, e achou-o já rico aos trinta e dois anos; e, como deixasse o seu negócio na Índia entregue a caixeiros, acelerou o casamento com um duplo fim de desapressar-se de cuidados, que lhe inquietavam os ócios de ricaço aposentado. Não quero dizer que os esposórios de paixão assegurem felicidade duradoura: sobejam aí exemplos do contrário; estou, porém, em afirmar que os casamentos involuntários é que não asseguram felicidade nenhuma.

Na ausência de seu marido, a vida de Maria da Glória era o amor de encanto à criancinha de três meses. Não a mortificavam grandes saudades, e menos ainda ciúmes. Toda no filho, não curava doutras sensações, como quem já não era sua, e só vivia para ele.

Defrontava com a sua casa um cavalheiro de anos adiantados, quarenta teria, mas sobravam-lhe qualidades para ser prezado. Um dava-lhas a figura, outras a posição e os ditos. Era um magistrado, e chamava-se João de Matos e Vasconcelos Barbosa de Magalhães.

Está o leitor como atónito de ver em romance um galã que não se chama *Alfredo*, *Ernesto*, *Artur*, ou *Júlio*. Aceite-o assim, que era aquele o nome do cavalheiro, que foi depois intendente-geral da Polícia, e ministro de Estado, e holocausto de suas ideias liberais no desterro, se bem que exilado pelo ilegítimo soberano a quem honradamente servira.

João de Matos reverenciava a sã moral, nunca violara os deveres de bom cidadão, respeitava os direitos alheios por amor de si, tinha que farte deste útil egoísmo que equilibra os actos humanos, e forma o pilar das virtudes sociais, sem absoluta dependência dos preceitos religiosos. Pensava com Bentham, e não tinha ido mal com tal guia. O caminho do filósofo inglês não é tão abrolhado de dificuldades como o dos moralistas ascéticos, e tem de bom que conduz ao mesmo ponto – à virtude, sem penitenciar o corpo nem a alma.

João de Matos amou Maria da Glória.

Mandam-me, talvez, cancelar o período em que ficam elogiadas as qualidades do magistrado. Não consentem que se compadeçam as virtudes sociais com aquele amor. Isso é juízo de vulgo errado.

Aqui tenho eu aberto um livro de grande nomeada. É *O Dever*, de um professor de

Moral em França. A Academia premiou-lho, e os seus concidadãos consomem as edições, e moralizam-se. Este livro dá preceitos para regradar todas as propensões da alma. Explora a origem destas, e tenta corrigi-las desde a raiz.

Quando, porém, entende no sublime verbo do «amor», exprime-se destarte: «A origem do amor, e os alimentos que o nutrem, quais são? Como cresce? Como acaba? Não há dizê-lo: tão variável é tal sentimento. No máximo dos casos, é pelos olhos que nos sentimos cativos; mas o amor acha mil avenidas por onde insinuar-se na alma. É notório o modo como o poeta fazia falar Otelo: «Contava-lhe os meus azares: não empreguei outra magia...»

Noutro relanço diz:

«Donde vem o amarmos as coisas belas? Porque são belas; e as boas? Porque são boas.» Vão tomando nota.

Outra passagem:

«Uma paixão nos senhoreia e nos abandona, sem podermos atinar com o porquê. Saímos a negócios, e depara-se-nos ao dobrar de uma esquina a mulher, que vai transfigurar-nos o coração.»

Última citação:

«Como havemos de conjecturar uma paixão que a si mesma se defenda de demasias? Absurda coisa! Para a paixão há um freio somente: é o desgosto ou o fastio.»

Conclusões a tirar em favor da paixão de João de Matos, sem implicância das suas excelentes qualidades:

Não sabia ele como nascera o seu amor' menos sabia ainda como havia de matá-lo. Amou pelos olhos Maria da Glória; mas as mil avenidas da sua alma tinham sido escaladas pelo amor. Amou a formosa porque era formosa. Achou-se transfigurado no coração, quando o cria esmagado sob a graveza dos cálculos ambiciosos de glória. Quis enfrear os ímpetus do sentimento; mas, antes do fastio, não há hora alguma em que o amor, como o leão sezonático, se deixe acorrentar.

Aí está. Se eu não consegui desculpar o magistrado com o livro *O Dever*, perdoem-lhe os leitores por misericórdia.

Quais foram, porém, as demasias do vizinho de Maria da Glória? Escreveu uma, duas, seis cartas, longas e eloquentes como devia ditá-las o coração e o génio. A esposa de Manuel Teixeira pecou lendo a primeira, e lendo todas; mas não respondeu a alguma.

João de Matos subiu um dia as escadas da esposa leal, e ajoelhou-lhe, quando ela saía da sua antecâmara para ir beijar o filho no berço. Maria da Glória estendeu o braço para a porta da saída, e disse ao homem corrido e alucinado:

– Quem lhe abriu as portas para esta infâmia? Saia, senhor!

Não respondeu, e saiu.

A mulher pura chamou o criado, que lhe entregara as cartas, por intervenção da ama. Não lhe viu os olhos. Atirou-lhe com a soldada, e despediu-o. O criado quis explicar a entrada de João de Matos. Maria da Glória fez-lhe um gesto severo de silêncio, e mandou-o descer no rasto de quem lhe comprara a fidelidade. Vacilou em despedir a criada. Nesta oscilação olhou para o menino, e disse à ama: «Perdoo-te por amor do meu filho, e porque sei que a tua culpa é de estupidez e não de imoralidade.»

Maria da Glória tinha este crime: lera seis cartas de João de Matos, e dissera consigo: «Isto entretém.»

Voltou de Macau Manuel Teixeira de Macedo. Depois de abraçar a esposa, acordou o filho, e tanto o acarinhou que pôs a criança a pique de morrer abafada. A bem-aventurança estava ali no viver de Manuel Teixeira. Senhor duma mulher bela, e virtuosa, e meiga; pai dum menino lindo como os amores; rico sem ambições que não pudesse logo comprar a ouro; estimado de uns sinceramente, e lisonjeado por outros;

cheio de saúde e promessas de longa vida... que mais pode dar este mundo?

O mundo não pode dar mais; mas pode tirar num momento tudo isto.

Uma tarde, entrou no quarto de sua esposa Manuel Teixeira, e disse-lhe, com rosto seco e pesado:

– Porque despediste o criado Gregório?

– Porque me não convinha – respondeu Maria, descorando.

– Porque descoras?

– Pois eu descorei?! – balbuciou ela. – Impressionou-me a mudança do teu rosto.

Saiu Manuel Teixeira, porque neste ponto entrou Eufémia com o menino.

Maria seguiu-o, e entrou com ele numa sala.

– Porque me fazes semelhante pergunta?! – disse-lhe ela, resolvida a contar-lhe o acontecimento.

O marido fitou os olhos nela e nas janelas de João de Matos. Maria ia falar, quando lhe ele voltou de golpe as costas, e saiu.

– Deus sabe a minha inocência: nada temo – disse ela.

E certo que Deus vê o crime e a inocência de nós todos; consente, porém (e louvados sejam por isso os altíssimos juízos do Senhor!) que os inocentes sejam condenados em muitas instâncias, antes de serem citados ao seu tribunal supremo, e – nisto vai muito a dizer – parece que vê sem ofensa de sua justiça a impunidade dos que delinquiram. Os teólogos é que sabem dizer como isto é, e convencem a gente de que os romancistas são os menos azados para deslindarem esta meada. Consultem-se, pois, os teólogos.

Na porta vizinha de João de Matos morava um especieiro que fora criado de Manuel Teixeira, e se estabelecera com o crédito deste. O lojista procurou o seu antigo amo, e contou-lhe que vira entrar e sair João de Matos de sua casa, um a vez pelo menos, enquanto o seu protector estivera em Macau. Antes e depois da revelação, o merceeiro deu as razões da denúncia: achava-se obrigado a não consentir que o seu segundo pai fosse desonrado por uma mulher indigna. E tais coisas disse neste sentido, e com tamanha dor, que chorou!

Manuel Teixeira não viu sua mulher durante vinte e quatro horas. Decorridas estas, convidou-a a dar um passeio de carruagem ao campo. Maria da Glória tremia de vago terror, quando se vestia para sair. Já preparada, foi ao berço do menino, e ajoelhou para beijá-lo. Manuel Teixeira contemplava inalterável este lance. Que esforço de homem! não digamos maldade.

Fora de portas estava uma liteira, uma mulher sobre umas andilhas, e dois cavaleiros, que D. Maria não conheceu. A carruagem parou.

– Apeie-se – disse ele depois que saltou rapidamente da sege.

Maria saiu maquinalmente.

– Entre naquela liteira.

– Para onde vou?! – exclamou ela.

– Sabê-lo-á onde a puserem. Não há tempo para explicações. Aquela mulher é sua criada.

– E meu filho?

– Lá irá. Estes homens são seus criados até ao ponto onde a deixarem. Adeus.

– Mas o meu filho! – exclamou, estendendo os braços ao marido. – Dá-me ao menos aquele menino, se me lança barbaramente de ti!...

– Olhe que nos ouvem, senhora! As alterações aqui, além de tardias, são indecentes.

A criada tinha apeado. Maria da Glória foi transportada quase sem sentidos à liteira. Manuel Teixeira já não viu este doloroso conflito.

Deixemos ir aquela mártir e esperemos em Deus.

O capitalista não entrou mais em sua casa. Pessoas estranhas tomaram conta de todo o conteúdo nela. Eufémia e o menino foram recebidos em casa de uma família, e daí levados para outro domicílio, onde os esperava Manuel Teixeira. Nesta nova casa, medianamente adornada, não havia um só móvel da antiga, que sugerisse execráveis lembranças.

Correu a fama a contar os sucessos pelas mil bocas da difamação. Dizia-se que a criminosa esposa do desditoso fora encerrada num convento de Espanha; que os remorsos a matariam ali; que o extremoso marido estava a ponto de enlouquecer; que os seus amigos desvelavam as noites à beira dele, receosos dum suicídio. Isto é o que se dizia no grémio das famílias, onde as atoardas da fama iam buscar a sanção de evangelhos.

No entanto, João de Matos, indigitado amante de Maria da Glória, estava em Barcelos, sua terra natal, convalescendo da enfermidade do coração, medicada a tempo pelas ofensas do amor-próprio. De volta à capital, ouviu a história, e deliberou-se nobremente a procurar Manuel Teixeira, e contar-lhe a inocência de sua mulher, confessando a própria culpa. Era honrada, mas extemporânea a tenção. O ricaço tinha ido viajar pela Itália, com o filho aos peitos da ama, e comprara uma quinta nos arrabaldes de Nápoles.

Decorreram três anos primeiro que Manuel Teixeira voltasse à pátria. João de Matos, já no topo das grandezas sociais, nem deu conta da chegada do negociante, nem é de crer que a lembrança dos passados sucessos o perturbasse no exercício dos seus altos cargos. Imaginava Maria da Glória em Espanha, e, por decoro seu e dela, nunca inquiriu o local, nem lhe parecia fácil averiguá-lo. O homem é isto.

E o homem era também Manuel Teixeira de Macedo. Não há julgá-lo doutro estofo, vendo-o trazer consigo de Nápoles uma gentil italiana, e dois filhinhos, que aposentou em Lisboa num palacete de Belém. Consola, porém, dizer que o filho de Maria da Glória era o mais querido, o que ele apertava ao coração com lágrimas, o que ele desde os quatro anos trazia sempre sobre os joelhos, na carruagem, e oferecia aos carinhos de todos os seus amigos.

Entretanto, a mártir de Vairão, ajoelhando suplicante ou recuando blasfema dos degraus do altar, sentiu-se morrer em agonias atroztes durante os milhões de instantes de quatro anos. Estava da mão de Deus, porque era de Deus um anjo, que ela via ao seu lado, envolvido no hábito de soror Joana das Cinco Chagas do Senhor.

Neste largo espaço, teve notícias de seu filho a longos prazos: eram cartas que Eufémia lhe escrevia de Nápoles. Logo que as recebeu de Lisboa, escreveu a seu marido mui-ias cartas, que ele lia comovido. Não alcançou resposta de alguma. Já sabem o que ela pedia: ver seu filho, antes de ser chamada com o pai ao tribunal de Deus.

IV

Dico vobis: omnia quaecum que orantes petitis, credite quia accipietis, et evenient vobis.

(Eu vos afirmo que todas as coisas, que na oração pedirdes, as recebereis, e suceder-vos-ão).

S. Marc., II, 24.

Em 1825, era empregado, em qualidade de aguazil, na intendência-geral da polícia, um homem que merecera a confiança de João de Matos nos mais importantes segredos daquela magistratura.

Na presença do intendente e deste homem, alguém falou um dia em Manuel Teixeira de Macedo, como suspeito partidário de D. Carlota Joaquina, e dos assassinos do marquês de Loulé, no ano anterior.

Caiu a propósito falar da graciosa napolitana, que vivia ostentadamente em Belém, e da esposa, que fora encarcerada num mosteiro de Espanha.

O quadrilheiro, que assistira mudo a esta conversação, em que João de Matos denotava ainda vestígios do antigo sofrimento, a sós com ele, pediu-lhe, muito em secreto, licença para lhe dizer que a mulher de Manuel Teixeira não estava em Espanha, mas sim em Vairão, onde ele a conduzira com outro homem da sua confiança, diligência de que fora liberalissimamente pago, sob condição de divulgar que D. Maria da Glória tinha sido entregue na raia a pessoas encarregadas de conduzirem-na ao convento espanhol.

João de Matos recebeu de bom rosto semelhante nova, e sem detença escreveu a uma sua tia professa no Convento de Vairão, pedindo-lhe mui reservadamente esclarecimentos acerca de Maria da Glória, entrada no seu mosteiro em 1817. Soror Joana das Cinco Chagas do Senhor era a tia de João de Matos.

A discreta religiosa, sem dar a saber tal carta à sua infeliz amiga, contou ao sobrinho, com piedosas expressões, o atormentado viver da pobre mãe, que, a ser de todo inocente como a ela julgava, devia já ter nas mãos dos anjos a sua coroa de glória.

Escreveu de novo o magistrado a sua tia, confirmando a conta em que ela tinha a enclausurada, por uma confissão exacta dos simples sucessos, que precederam a desgraça da infeliz senhora. Acrescentava ele que punha à disposição de Maria da Glória todo o seu valimento para ela intentar contra o marido acção de divórcio, separação do casal, e posse do filho, visto que o pai escandalosamente amancebado com a mãe de filhos bastardos, não podia curar dignamente da educação nem bem gerir o património do filho legítimo.

Soror Joana contrariou o plano judiciário de seu sobrinho, dizendo que o Senhor não faltava em tempo oportuno aos padecentes humildes, e gostava que os desgraçados fiassem d'Ele a inteira execução da sua justiça.

João de Matos recalcitou ainda na opinião de que a justiça humana era a expressão da vontade divina; mas a freira redarguiu de força que o sobrinho não teve ânimo de contradizê-la, e meditou mais sumária traça a libertar Maria da Glória, sem dependência da vontade do marido.

A ponto estavam estas intenções de serem executadas, quando chegou a Maria da Glória a carta em que lhe era dada a notícia da ida de Álvaro. Soror Joana, naqueles últimos dias anteriores à fausta nova, raras horas saíra do coro. Aí a viam como arrobada

em oração mental, e tão fervoroso devia de ser o seu orar, que as lágrimas, nunca vistas no rosto sereno da santa, eram inexauríveis durante aquelas horas do coro. As vezes, em comunidade, erguia a voz, clamando: «Peçam comigo a Nosso Senhor Jesus Cristo que manifeste o poder do seu braço numa obra de muita necessidade.» E as freiras, e Maria da Glória com elas, rezavam ferventemente.

Dizem que soror Joana estava no coro, a tempo que chegou a notícia da vinda de Álvaro, e que, sem ninguém lha ter comunicado, rompeu em altas vozes de acção de graças, na presença de muitas testemunhas, que não souberam atinar com a causa daquela subitânea exaltação. Eu não afirmo isto; mas quero acreditá-lo para mim. A poesia do Céu é esta. Não sei que hajam aí outros incentivos que me chamem aos olhos as lágrimas do coração. Quem me quiser ver chorar, e vibrar de não sei que veemente e religioso entusiasmo, conte-me casos da natureza daqueles: faça-me acreditar na existência dumas almas que vão entender-se com Deus por um raio resplendoroso de graça divina.

Dispensa o leitor que lhe refresquem a memória dos sucessos decorridos com soror Joana, durante as vinte e quatro horas de visita de Álvaro a sua mãe. Agora sabe que, no tom profético das palavras da santa, não há que ver com milagres. Aqueles acontecimentos vieram de seu, naturalmente, depois da troca das cartas antecedentes, entre a freira e o sobrinho. Per si mesma tem a virtude umas saídas tão maravilhosas que não há que dizer se as lançamos à conta de milagres, nós, os cegos daquela celestial claridade a que as almas escolhidas a si se vêem, e se vão alumando nas escuridades da vida, sempre tenebrosas para nós... *Para mim*, devia ter dito; porque, em verdade, não posso nem devo duvidar das lavadas entranhas e clara fama dos meus leitores.

É tempo de voltarmos a Lisboa com Álvaro. Iremos; porém, vejamos, enquanto ele caminha chorando de alma com saudades de sua mãe, e sorrindo às esperanças que lhe dera a freira, os sucessos que tão triste resultado prometem à temeridade do bom filho.

Ao terceiro dia da sua suposta ida para o colégio, o morgado dos Olivais, Sebastião de Brito e Macedo, e sua filha Leonor, foram a Lisboa, e hospedaram-se em casa de Manuel Teixeira, irmão natural, como se disse, daquele fidalgo de antiga linhagem.

Leonor era a destinada esposa de Álvaro, desde o berço. Neste enlace pusera o bastardo o fito de sua vaidade, e o legítimo da sua ambição. A passo igual, enriquecia Manuel Teixeira, e alcançava-se Sebastião de Brito. Este encostava-se ao plano restaurador dos seus haveres; o outro gozava-se a cada nova hipoteca que o irmão fazia. Se lhe emprestava quantias avultadas, cobrava título delas, armas de vingança com que um dia, infringida a palavra do morgado dos Olivais, cortaria as esperanças cobiçosas de outro pretendente.

Leonor perguntou logo por seu primo, ao subir a escada. Manuel Teixeira disse que Álvaro estava no colégio, e que pedira um mês de solidão para se dar todo a traduzir uma obra. Sebastião de Brito mofou das canseiras literárias de seu sobrinho, e disse que não queria filósofos nem poetas para genros. Censurou que Álvaro não tivesse ainda recebido lições de equitação, indispensáveis num mancebo que era Brito e Macedo. Manuel Teixeira gostou da censura, e disse que o pequeno apenas tinha doze anos, e era de compleição franzina para aturar as fadigas da cavalaria. Redarguiu o morgado que era uso na família dos Britos e Macedos passarem os varões do berço para a sela. Se outrem o dissesse, era epigrama de certo.

No entanto, Leonor dizia que, a não vir o primo vê-la, iria ela sozinha ao colégio, na carruagem do tio. Foi aplaudida a galanteria da menina; e Sebastião de Brito, deixando-a ao irmão, foi visitar alguns primos e primas.

Foram Manuel Teixeira e a sobrinha ao colégio com o intento de surpreenderem Álvaro e trazerem-no consigo. O professor de inglês é que foi o surpreendido.

– Não mande parte a meu filho, disse o negociante, que eu quero aparecer-lhe de repente com a prima.

– O senhor Álvaro não está cá – disse o director do colégio.

– Como?! meu filho saiu?

– Há quatro dias que nos disse que ia passar um mês com os seus parentes dos Olivais – tornou o director.

– Isto que significa?! – replicou, entre colérico e espantado, Manuel Teixeira, interrogando o mestre de inglês.

– O senhor director disse a verdade... – respondeu aquele, denotando enleio e turbacão.

– Então foi o meu filho que me mentiu? – tornou já muito alterado o comerciante.

– Não creio! Aqui há embrulhada!

– Que embrulhada pode haver aqui? – disse com azedume o proprietário do estabelecimento.

– Não sei; é preciso que me digam onde está meu filho.

– Não sabemos, senhor Macedo; já dissemos a vossa senhoria que o supúnhamos nos Olivais: se seu filho mentiu, castigue-o vossa senhoria, e não nos culpe a nós por nos havermos fiado na palavra dum menino, que nos merecia toda a confiança.

Manuel Teixeira saiu de maneira aturdido que deixaria a sobrinha, se o ela não seguisse. A sua primeira ideia foi... quem pode dizer qual foi a primeira ideia do negociante, cujo amor paternal era de extremos? Levar a casa Leonor foi decerto a primeira ideia.

Eufémia, desconfiada do que havia de suceder, logo que viu Leonor sair com o tio, ficou em sezões, e esmoreceu de todo quando ouviu a voz clamorosa de seu amo chamando o filho.

Acudiram os criados todos, menos ela. Leonor foi ao quarto de Eufémia, e achou-a em desmaios. Tornou ao tio, contando-lhe o estado em que deixava a pobre ama.

Nestas aperturas, soou a campainha, e anunciou-se o professor de inglês, que pedia falar particularmente com o dono da casa. Manuel Teixeira reanimou-se.

– Vem dar-me alguma boa notícia? – exclamou o negociante com alegre rosto.

– Creio que sim.

– Apareceu o meu filho? diga, diga.

– Seu filho nunca esteve perdido, senhor Macedo.

– Onde está, pois?

– Vossa senhoria sabe que eu sou o mestre que seu filho mais tem prezado.

– Sei, e merece-o.

– A nobre alma de seu filho não podia ter um segredo que eu não soubesse. Há quatro dias que ele disse ao director do colégio que ia estar nos Olivais algum tempo; a mim, porém, disse-me que ia ver sua mãe ao convento de Vairão.

Manuel Teixeira deu três upas na cadeira, e, à quarta, exclamou:

– Quem disse a Álvaro que a sua mãe está em Vairão?!

– Fui eu, senhor Macedo.

– E como sabe o senhor que ela está em Vairão?!

– Sei-o da voz pública.

– E que lhe importa ao senhor o que diz a voz pública para o comunicar a meu filho?

– Não me importa muito o que a voz pública diz; mas interessava-me muito servir os nobres sentimentos do filho de vossa senhoria.

– Fez-lhe um grande serviço, não tem dúvida nenhuma! – disse ironicamente o negociante. – Quer-me mais alguma coisa?

– Quase nada – disse o professor – restituir a vossa senhoria seis meses da prestação que o director do colégio recebeu adiantados.

E, dizendo, tirou de uma carteira dinheiro em papel, que estendeu sobre a banca a que Manuel Teixeira encostava o cotovelo direito.

Na garganta do negociante ficou afogada uma insolência.

O brioso mestre tinha saído voltando as costas ao ricaço. A inquieta Leonor entrou logo perguntando as novidades. O tio não respondeu, e mandou-a sair com insólito enfadamento. A breve espaço, saiu de carruagem, a dar execução a uma traça concebida rapidamente. Era simples: logo que o filho chegasse, mandá-lo para Inglaterra, demorá-lo anos num colégio, interceptar-lhe a correspondência com a mãe, e removê-la a ela para convento estrangeiro. Chegou a dar ordens para ser procurado Álvaro em Vairão, ou no caminho; mas, reflectindo, entendeu que era mais prudente deixá-lo chegar inadvertido, que não fosse ele evadir-se ao castigo premeditado.

Eufémia foi severamente interrogada acerca das revelações que pudera ter feito ao menino' e, como balbuciasse nas respostas, foi despedida, e ameaçada de cadeia, se ele viesse a descobri-la cúmplice na fuga de seu filho. Saiu a pobre mulher, e escreveu a sua ama; esta carta, porém, chegou a Vairão dois dias depois da saída de Álvaro, e não foi subtraída no correio de Lisboa, porque ia endereçada a uma das criadas de Maria da Glória.

Agora é que temos Álvaro em Lisboa.

Mal apeou, informou-se da residência de João de Matos Vasconcelos Barbosa de Magalhães, e foi apresentar-lhe a carta da religiosa. Estava o magistrado com altos dignatários de Estado em ocupações gravíssimas, quando se lhe deu parte de um menino, que era portador de uma carta de Vairão. Afastou-se 'a parte com Álvaro, leu a carta, muitas vezes interrompida pelo relance de olhos embaciados que lançou ao menino. No fim da leitura, tomou-o para si, beijou-o, e disse-lhe com muita meiguice:

– Sua mãe fez-lhe muitos carinhos? Que horas de felicidade o menino lhe levou!... Ora deixe estar, que há-de ser muito feliz com ela... Espere aqui um pouco, que eu volto já.

Voltando, tocou uma campainha. Apareceu, afastando o reposteiro, o aguazil, que escoltara Maria da Glória a Vairão.

– Onde mora o menino? – disse João de Matos.

– Na Rua de S. Bento, número 12 – respondeu o esbirro.

– Vá já ter à rua de S. Bento nº 12 com aquele homem do Limoeiro – disse o intendente. – Agora vamos, menino.

Esperava-os a carruagem blasonada do sobrinho da santa de Vairão.

– Quem será o *homem do Limoeiro*?! – ia dizendo entre si o filho de Maria da Glória.

V

Os insensatos não compreendem como se enlaçam o merecimento e a felicidade.

GOETHE, *Fausto*.

Numa das suas muitas horas de desgraça impaciente e raivosa, é que estava Manuel Teixeira, ao anunciarem-lhe que parara à sua porta uma carruagem com a libré do intendente-geral da Polícia. Não tinha ele ainda despregado a língua do céu da boca meio aberta de pasmo, quando o guarda-portão fez anunciar João de Matos, e Álvaro. Aqui nos falecem termos com que digamos ao justo o esgar de surpresa com ímpetos de loucura rapidamente figurados no aspecto do negociante. E da alçada de todos imaginar a turbação que devia sentir o marido de Maria da Glória, vendo entrar seu filho ao lado do amante de sua mulher!

Estava já na sala de espera João de Matos, algum tanto embaraçado em sua especial posição; mas tranquilo na aparência. Já o dono da casa se ia demorando, quando a sala imediata se abriu, e o escudeiro veio aí dizer a sua excelência que o senhor Teixeira de Macedo não se demorava.

Álvaro tremia, e enfiava. João de Matos tomava entre as suas as mãos do menino, e dizia-lhe:

– Que medo é esse, menino?! Seu pai não lhe faz mal... Tranquelize-se, que isto não é nada. Porque treme?

– Nem eu sei dizer... Não é medo...

Durante um curto diálogo assim travado entre o homem e a criança, vagava como alucinado o negociante, remetendo contra a porta que o separava da sala em que era esperado, e recuando com o gesto cada vez mais descomposto. Nesta aflitiva oscilação, tornou ao seu quarto, tirou dum estojo uma pistola de dois tiros, acomodou-a na algibeira do chambre de caxemira, e entrou na sala com sinistra serenidade.

João de Matos ergueu-se, e disse com pausada gravidade:

– Não me é difícil ler no rosto de vossa senhoria o abalo que o meu nome lhe fez. E tão natural esse sentimento de ódio, que desonrado seria vossa senhoria se o não sentisse contra mim.

– E vem a minha casa?! – disse Manuel Teixeira com os olhos fitos no pavimento que se interpunha aos dois.

– Venho a sua casa, senhor Macedo, oferecer-me desarmado e sozinho à sua justa vingança...

– E como se acha meu filho ao lado do senhor intendente? – interrompeu o comerciante, relanceando os olhos fuzilantes sobre Álvaro.

– Vai vossa senhoria sabê-lo; mas eu peço que o menino nos deixe sozinho por alguns segundos.

Álvaro saiu da sala; João de Matos fechou a porta; e Manuel Teixeira encostou-se ao bordo de um tremó, e cruzou os braços em postura, que seria dramática, se não fosse incivil.

João de Matos, com a mão esquerda na lapela da casaca, e a direita segurando o chapéu, sobre a cintura, falou assim:

– Creio que o senhor Manuel Teixeira tem sobeja inteligência para conhecer que um homem, como eu, na sua presença e em sua casa, significa um sucesso extraordinário movido por um impulso também extraordinário.

- Eu desejo realmente saber o que vem vossa excelência fazer a minha casa.
- Venho...

Um criado cortou a resposta, dizendo que um meirinho que acompanhava um preso entre soldados queria falar a sua excelência.

- A mim?! – disse o negociante.

– É a mim – acudiu sorrindo João de Matos. – Queira vossa senhoria consentir que o preso esteja às minhas ordens na sua sala de espera.

Manuel Teixeira ergueu os ombros, e disse enleado das estupendas ocorrências:

- Mas esse preso é coisa que tenha relação comigo?!

– É o facto importante da nossa prática – respondeu João de Matos, e acrescentou com tristeza: – É o fecho desta abóbada, debaixo da qual vossa senhoria há-de sentir esmagado o coração... Queira atender-me. Eu morei, há onze anos, em frente do seu palacete. Não era já moço de paixões violentas; mas... era homem. Amei a senhora D. Maria da Glória porque a vi, e porque ela me não dava o mais leve sinal de estima nem sequer de preocupação das minhas constantes solicitações. O coração humano é assim absurdo. Vossa senhoria foi nessa época à Índia, e eu cuidei miseravelmente que a esposa fiel deixaria de o ser na ausência de seu marido. Havia na sua casa um criado, que adivinhara as minhas intenções, e se me ofereceu para entregar uma carta a sua ama. Aceitei e paguei liberalmente o serviço do seu criado; porém, escrevi mais cinco cartas instando pela resposta da primeira. Sua esposa nunca me respondeu. Um dia, fui animado pelo meu confidente a entrar furtivamente em casa de sua esposa, e esperá-la na passagem do seu quarto para uma sala. Cego da minha paixão, não compreendi que praticava uma desonra; mas sua mulher lançou-me em rosto, e eu saí de sua casa, cuidando que me era sobejo castigo o desprezo com que fui expulso por um ligeiro aceno de mulher. Momentos depois, o criado era despedido também, e a esposa sem mácula ficou pensando que Deus abençoara a sua resolução, e que o mundo lhe seria sempre uma testemunha e um aplauso da sua dignidade. Terminei. Agora peço licença para ser trazido à nossa presença o preso.

Manuel Teixeira fez um gesto como de autómatos. João de Matos levantou o fecho da porta, e disse ao meirinho:

- Entrem... Conhece este homem? – disse ele ao negociante, indigitando o preso.

- Tenho ideias... – respondeu Manuel Teixeira, afirmando-se.

- Diz a este senhor quem és – tornou o intendente com terrível sombra ao preso.

– Eu sou aquele criado, chamado Gregório, que cá estive há onze anos em casa de vossa senhoria.

Mal o preso proferiu estas palavras, caiu de joelhos aos pés de Manuel Teixeira.

– Mande erguer esse homem – disse o intendente. – O juiz aqui sou eu. Levanta-te, e responde. Entregaste alguma vez cartas minhas a tua ama, esposa deste senhor?

Gregório balbuciava, e João de Matos atalhou com formidável e colérico acento:

– Se faltas num só ponto à verdade, mando-te espedaçar os pulsos com dois anéis de ferro. Responde. Entregaste cartas minhas à senhora D. Maria da Glória?

- Sim, senhor – disse o preso.

- Entregaste-me algumas cartas da senhora D. Maria da Glória?

- Não, senhor.

– Quem me disse que entrasse na casa de tua ama, e me encaminhou até ao lugar onde ela havia de passar?

- Fui eu, senhor.

- Qual foi o procedimento de tua ama, quando me viu ajoelhado a seus pés?

- Mandou-o sair de casa...

- E a ti que te disse?

– Mandou-me embora.

– Que disseste tu a teu amo, quando ele voltou de Macau?

O preso ajoelhou outra vez aos pés de Manuel Teixeira, exclamando:

– Eu menti a vossa senhoria, e fui a causa da desgraça de minha ama; mas quem me aconselhou foi um lojista, que tinha sido caixeiro de vossa senhoria. Perdoe-me pelo amor de Deus, que estou há três meses com ferros aos pés numa enxovia sem ar nem luz!

João de Matos fez um sinal ao quadrilheiro. Este, puxando pela gola da véstia de Gregório, quase o arrastou para fora da sala, a tempo que Manuel Teixeira, como se espertasse dum sonho vertiginoso, engatilhava a pistola, visando com olhos convulsivos e escarlates de sangue o peito do preso.

João de Matos colocou-se entre o negociante e o preso, dizendo:

– Este homem não se castiga assim, senhor Macedo. É preciso matar-lhe uma existência em cada fibra. A morte instantânea deste miserável não vale onze anos de lágrimas.

O negociante, ofegando, já com as lágrimas no rosto, e a voz embargada pelos soluços, lançou-se a um canapé.

Álvaro, alvoroçado pelo ruído, correu à sala. João de Matos tomou a mão do menino, e aproximou-o do pai, dizendo-lhe:

– Diga a seu pai que sua mãe lhe perdoa; e peça-lhe de joelhos o perdão para quem unicamente precisa dele, que sou eu.

Álvaro ajoelhou, e sentiu-se apertado nos braços do pai, que escassamente balbuciava exclamações cortadas de gemidos.

João de Matos, abrasado daquela flama eléctrica que experimentam as almas apaixonadas da terrível sublimidade da angústia, tirou da algibeira uma carta, que leu com voz solene, cava, e pungitiva por seu tremor nervoso:

Meu sobrinho,

Quando esta carta receberes da mão do filho de Maria da Glória, pede a Deus, no fervor de tua alma, que te dite ao coração as palavras com que hás-de convencer o pai desse menino da inocência desta santa. Não seja contra ti e contra a vontade Divina, a soberba da tua posição. Vai, filho de meu irmão, vai, e não peças perdão para Maria da Glória, que não tem culpas; pede-o para ti, que foste a causa da sua desgraça, e doutra que te há-de castigar ainda, se fores testemunha dos remorsos do marido. Vai, meu sobrinho, vai, guiado por esse anjo, e Deus te ajudará nessa hora a alumiares o coração do infeliz marido; infeliz, sim, porque eu tenho uma quase certeza de que as horas de agonia desse homem podem bem comparar-se às desta sublime e nobre desgraçada. Vai já, meu João, não demores o resgate desta mártir que é pura aos olhos do Senhor, mas está perdida no conceito das pessoas a quem Deus não conta os segredos do coração das suas criaturas escolhidas. Eu espero com ânsia que me digas o que o meu coração espera. Se a minha fé tem luz do Céu, Maria da Glória cedo estará com seu marido e com o filhinho que lhe leva o coração. Eu perco a companhia do anjo desta comunidade; mas ganho-a para a sua felicidade, e onde quer que ela esteja dar-me-á sempre o mais doce dos seus sorrisos, e a mais amarga das suas lágrimas. Não te digo mais nada, porque as minhas muitas enfermidades, bendito seja Nosso Senhor Jesus Cristo, não me deixam escrever. Eu te deito a minha bênção, sobrinho da minha alma. Escreve-me na volta do correio. Deus te guarde. Tua tia muito amiga

Joana das Cinco Chagas do Senhor.

– Que hei-de eu responder a esta carta, senhor Manuel Teixeira? – disse João de Matos.

O negociante ergueu-se, enxugando as lágrimas; estendeu a mão a João de Matos, e disse:

– Eu vou levar a resposta a sua tia.

O magistrado pôde suster-se contra o ímpeto do coração que o impelia aos braços do negociante. Conteve-o a lembrança de que nunca podia merecer a amizade do marido de Maria da Glória, porque a paixão não era desculpa, nem a impossibilidade do delito inocência.

E este sentimento adivinhava o de Manuel Teixeira. Qualquer que fosse a comoção sentida, ouvindo o sobrinho da religiosa de Vairão, não era isso bastante para que o homem compadecido oferecesse a sua amizade a outro que entrara em sua casa suplicando de joelhos a desonra de uma família, embora o efeito da tentativa criminosa fosse apenas a desgraça de onze anos, e a certeza da causa vilipendiosa dela. Sem embargo, não era tudo dor no ânimo de Manuel Teixeira. Era-lhe de grande alegria a evidência da lealdade de sua mulher; sentia-se como reabilitado perante sua própria consciência. Nisto vai muito para a vaidade, quando não seja tudo para o coração do homem. Se remorsos o alanceavam, o muito amor às vítimas da injustiça é a penitência destas culpas. O arrependimento inventa carinhos novos; e a inocente parece vingar-se, perdoadando, e sorrindo ao algoz, que exora perdão com lágrimas. Assim é, assim quer Deus que seja; mas o que não pode ser é um marido, que amou sua mulher e se amou a si por orgulho de a ter, perdoar ao homem, quer ele seja primeiro ou ínfimo, que pôs em acção os meios de empeçonhar uma legítima felicidade, embora a pureza invulnerável da mulher mais depure o quilate da sua virtude, encarecendo a vaidade do marido. A toda a luz se vê que Manuel Teixeira, no recesso de sua alma, odiava João de Matos; e este, homem de altos espíritos e coração, conhecia o ódio, e apertara a mão do negociante por não poder, sem desaire, recusar-lhe a sua.

Álvaro não desfitava os olhos lagrimosos do afável e majestoso semblante do intendente.

Trinta e quatro anos depois, o padre Álvaro Teixeira, apontando o retrato de João de Matos, me dizia naquela casa dos Olivais:

– Contemplava-me assim com aquele rosto de graça! Nem a minha alma conserva tão fiel a cópia do momento em que me ele disse: «Se seus pais lhe derem licença, menino, seja meu amigo; aproveite a minha velhice; eu lhe direi o que é o mundo, e o amargo castigo das acções mas.»

Foram estas as palavras do homem virtuoso, ao despedir-se de Manuel Teixeira. Este escassamente curvou a cabeça respondendo à cortesia do intendente. E que, esfriado o momento do abalo, o negociante pejava-se talvez já de ter oferecido a mão a João de Matos com a veemência expansiva de amigo.

VI

Apollon prend les armes.

VOLTAIRE, *Sat.*

Num dos últimos dias de Setembro de 1825, amanheceram embandeiradas as janelas, e as torres do mosteiro de Vairão. Os sinos repicavam desde o abrir da manhã. Feixes de murta, e as flores da estação entravam às cargas e em tabuleiros para o convento. As criadas chilreavam de janela em janela, e em magotes, à portaria. As religiosas, misturadas com as moças, e as velhas com as noviças, tinham provisoriamente rasoirado as hierarquias da posição e dos anos. A criada passava a correr por diante da ama; a noviça não beijava a mão à prelada; a prelada consentia que as moças lhe desfolhassem rosas sobre a touca. Das noviças algumas vestiam trajes masculinos: esta remedava um alferes de milícias, aquela um desembargador, uma um campónio, outra um pescador. E à volta de cada qual eram tantos os grupos, quantas as estrídulas risadas, que aplaudiam o chiste da noviça mascarada.

Estas folias celebravam um abadessado, em que devia ser reeleita pela duodécima vez a prelada, a quem todas davam mais o coração de filhas, que a submissão de súbditas.

Do meio-dia em diante, começaram a confluír de diversas estradas uns sujeitos bem postos sobre as suas cavalgaduras, e de semblantes radiosos, que de si mesmos estavam dizendo cujos eram, e que altíssimos destinos ali vinham a cumprir: eram os poetas. Destes, uns vinham por convite, outros espontâneos, ou esporeados pelo furor métrico. Uns tinham ali os seus idealíssimos amores; outros já os tinham tido e encanecido com eles; e alguns iriam com esperanças de merecê-los. Poetas de Guimarães eram três; do Porto um, que valia por muitos, o celebrado Ferro; de Braga dois cónegos em Apoio, e alguns abades circunvizinhos; de Vila Real o famigerado Mormo, e o não menos conhecido Mesquita, cujo nome se laureara entre os contemporâneos da Universidade.

*Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva;
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro, e do sempre verde louro.*

Pelas capelas tecidas de ouro não fico eu; mas que as monjas hospedavam lautamente os seus poetas das mais raras gulosinas e caríssimos licores com que já de meses antes enriqueciam a frasqueira, isso juro eu, e ainda estão vivos alguns, que deram como esgotada a Castália, no dia em que os garrafões monásticos secaram requeimados pelo sol ardente da civilização, a qual (digamo-lo muito à puridade) trouxe consigo o segredo de civilizar pela fome, e de restaurar direitos, violando-os.

A noite iluminaram-se as janelas, e os postigos, e os frisos das torres, e as cornijas da igreja. O chá foi servido na espaçosa grade da abadessa, primeiro aos vates e seus amigos, depois aos notáveis daquelas cercanias. O terreiro do espaçoso pátio estava colmeado de gente, ansiosa de versos. As freiras, mais expeditas em improvisação de motes, estavam a postos. As senhas tinham já sido pactuadas entre a freira e o seu poeta, entre a noviça delambida e o seu incógnito versista, e entre a própria criada, ou *tacho*, e

o bardo menos aristocrata, que não se dedignava incensar a mocinha conhecida, e dadivosa das mais recheadas cestinhas de bolos e garrafas de vinho furtado à ama por amor de Apoio.

Rompeu o outeiro auspiciosamente. O doutor Ferro improvisara um magnífico soneto, sem ressaibos da sua costumada licença. Os cónegos bracarenses traziam odes de grande fôlego, que o Ferro dizia serem *odres* e não *odes*. Os de Guimarães chamavam à octogenária prelada a páfia deusa, e décima musa. Tudo isto ia intervalado por libações amiudadas, que acendiam a fúria sonora, e transbordavam do peito em colóquios rimados de tanto amor que o próprio patriarca S. Bento, se ali estivera, e tomara quinhão dos enfeitados cestinhos, que desciam das reixas, pediria mote para uma décima, sem dano da sua santidade e bom siso.

Depois da meia-noite, é que o gloriosíssimo santo não queria de certo tal camaradagem. Os poemas rebentavam já, não da veemência do coração, mas da exuberância do espírito. Qual este espírito fosse, vai dizê-lo um dos próprios inspirados.

Era este o abade Mormo, de Vila Real, inimigo do seu patrício Mesquita. Nunca se haviam encontrado em outeiro donde não saíssem malferidos de estocadas métricas, e desafiados para o outeiro próximo. Mesquita era filho dum cortador de carnes, e gastara muitos milhares de cruzados para conseguir cartas de bacharel, que a estultícia do tempo não concedia sem atestados de sangue limpo. O ingeneroso Mormo mais de uma vez, em redondilha maior, aludira cruelmente à filiação de Mesquita, e este como desforço único, lancetava a devassidão do abade.

O doutor Mesquita foi vexado do demónio da sátira mais cedo que o seu patrício Mormo. Os remoques eram já pungentes, como este:

*Já cede Pégaso o passo,
Escoucinha, espirra, e rincha,
Ouvindo ornear o pechincha,
O abade sujo e devasso, etc.*

A isto o concitavam as gargalhadas de alguns seus contemporâneos; e a mais se substituiria a musa alcoolizada, se um mote não viesse impor aos poetas mais respeitosa linguagem. Era o mote: «A melhor de entre as preladas.»

O abade Mormo ergueu-se de sobre uma alfombra de relva onde parecia sopitado, e bateu as palmas, apenas soou o mote.

Lá vai! – disse ele. – *A melhor de entre as preladas.*

*Boas-noites! vou-me embora,
Já não posso estar com sono,
Nem me apraz sofrer o mono,
Borrachão a toda a hora.
Oh! quanto melhor lhe fora
Ter as facas amoladas,
E ir cortar as coladas
No outeiro sanguinoso,
Enquanto eu louvo ditoso
A melhor de entre as preladas!*

Não podia ser mais nu o insulto ao filho do magarefe! A multidão riu muito, salvo os partidários de Mesquita. Este, espicaçado pelos glosadores da injúria, procurou o velho abade entre a populaça, que o vitoriava, e remeteu com ele a murros fechados. O

agredido não podia com o adversário' mas sobravam-lhe ali admiradores que o defenderam, imolando-lhe o nariz contuso de Mesquita. Acudiram os amigos do doutor, e a briga assanhou-se entre os dois partidos a ponto de ficar despejado o pátio do mosteiro. As freiras de compleição mais débil desmaiaram. As noviças fugiram das janelas para não insultarem com o riso as monjas velhas. As criadas estendiam as bugias e lanternas fora das grades para alumiar o terraço, onde estalavam as bordoadas ora nos paus, ora nas cabeças com um som mais surdo. As lajes do pátio estavam juncadas de chapéus e capotes. O reboliço afastara-se em turbilhões cujo alarido redobrava o terror. A prelada ordenou que se apagassem as luzes, e mandou tocar a silêncio. Meia hora depois, os poetas e os demais hóspedes do mosteiro voltaram à hospedaria conventual, e passaram o restante da noite em regalado sono, excepto os dois cónegos bracarenses, que dali se partiram logo para suas casas com as melhores odes inéditas, e sem chapéu. O doutor Ferro, como es tivesse já na cama, e soubesse que os cónegos não voltaram, nem voltariam ao outeiro das seguintes noites, ergueu-se de golpe, e de pé sobre a cama, com um lençol sobre as espáduas, lançado em forma de clâmide grega, e os cabelos descompostos, improvisou um soneto, que começava assim:

*Altíssimo Senhor, que tudo podes!
Transfigura em cajadas os cajados
Que puseram em fuga os desalmados
Estômagos, que têm só vinho e odes.*

.....

Queria a abadessa dar por concluída a festividade da eleição, à conta da desordem, e do receio que se ela repetisse. Conjuraram muitas religiosas em demovê-la da tenção, e os poetas, acaudilhados pelo doutor Ferro, foram incorporados solicitar a continuação do outeiro. Os requerimentos em verso foram afinal deferidos, e à noite seguinte concorreram, afora os cónegos bracarenses, os mesmos poetas, sem excepção de Mesquita e Mormo, que vieram às boas, mediante as diligências de algumas senhoras, que muito podiam com eles.

Correu a noitada muito a prazer de freiras e poetas. Nenhuma senhora deixou de contribuir com os seus aplausos para a glorificação dos vates, salvo Maria da Glória que passava a noite no quarto de soror Joana, recontando-lhe pormenores da sua feliz infância, e tristonha mocidade. O pendor de todas as conversações de ambas era para Álvaro. A religiosa consolava com a esperança; Maria chorava de saudades, e temores do futuro incerto. Se, porém, a santa lhe punha os olhos expressivos de repreensão, a turbada senhora, dizia em tom de súplica:

– Perdoe, minha amiga, perdoe à minha desgraça a sua tibieza de fé. Eu sei que Deus a escuta; mas, se me olho inculpada, e tão infeliz, pergunto a mim mesma que virtudes novas tenho eu agora para merecer que o Senhor esqueça as minhas culpas passadas! Eu pensei sempre como hoje. O crime nunca teve para mim outra cor nem o meu coração se abriu aos encantos do vício. Sou a que era; penso que serei sempre desgraçada como tenho sido.

Soror Joana fez um esforço para ajoelhar à beira da poltrona em que estava sentada, e conseguiu-o coadjuvada por Maria da Glória. Esta, sem convite da santa, ajoelhou também, e ouviu da freira estas brandas palavras:

– A Nosso Senhor fala-se com humildade. Suplique, filha; mas não se queixe. Job tinha uma pedra por leito, e outra com que se aliviava da flagelação das suas chagas. Esse ousou perguntar a Deus, porque o tirou do ventre materno. A misericórdia divina perdoou-lhe ao tom arrogante da sua aflição. Não duvide de ser também perdoada,

Maria. Afervore-se e reze comigo.

Durava a oração mental alguns minutos, quando subitamente se levantou um grande reboliço nos dormitórios. Maria da Glória alvoroçou-se, e disse:

– Será outra vez bulha lá fora?

A freira não respondeu, nem sequer desfitou os olhos do Senhor crucificado.

Cresceu o rumor já perto do quarto, e vozes distintas, clamando «milagre»!

– Gritam *milagre!* – exclamou Maria da Glória, erguendo-se, com os olhos na freira.

Soror Joana sorriu e disse:

– Não é milagre, filha: é a justiça de Deus, que a razão humana compreende.

Entrou uma chusma de freiras e noviças, conclamando à mistura:

– Aí está o menino!

– E acho que vem também o pai!

– E muita gente a cavalo!

– E duas liteiras com senhoras!

– E traziam archotes!

Soror Joana estava em pé, encostada a Maria da Glória, cujas pernas tremiam de modo, que ela chamou Cecília para se amparar.

– O filhas! vós falais todas juntas, e quebrais a minha pobre cabeça! – disse a santa. – Fala tu, Cecília, diz o que viste.

– Vi o senhor Álvaro, e um senhor com ele, que deve ser o pai. Vi mais pessoas a aprear dos cavalos, e umas senhoras saltaram das liteiras, e já lá ficou a senhora abadessa à portaria.

Maria da Glória, posto que sustentada nos braços de Cecília, dobrou os joelhos para orar; mas a perturbação era tanta que perdeu a consciência de si, se não é antes que a sua alma se entranhou toda no seio misericordioso do Senhor.

Novos estrondos se aproximaram do quarto, e logo entraram três senhoras de mui gentil presença, e entre estas uma ainda menina de treze anos, que o leitor já viu e reconhece agora por aquela Leonor dos Olivais, sobrinha de Manuel Teixeira. Com estas senhoras vinha também Álvaro, a quem os seus poucos anos consentiram, por segunda especial graça da prelada, ingresso no convento. Fora da portaria tinham ficado o marido de Maria, Sebastião de Brito, pai de Leonor, e três cavaleiros casados com as três damas. Entrara depois destas damas uma mulher, que não ousava mostrar-se ao pé das outras, receosa de que o amor fizesse mal à sua humildade: era a criada Eufémia.

As senhoras cercaram Maria da Glória, chamando-a todas, e perguntando cada uma se a conhecia ainda. Leonor dizia-lhe que era a sua sobrinha. Álvaro dava-lhe aquele doce nome, a cujo som toda ela se estremecia. Eufémia, essa, obscura a um canto do quarto, estava como esperando que sua ama a chamasse.

– Onde está Eufémia? – disse Álvaro admirado. – Ela vinha connosco!

– Estou aqui, senhor Álvaro – disse a criada, a quem as freiras abriram passagem.

– Venha cá ao pé de minha mãe, Eufémia...

Maria da Glória abriu os olhos apavorados, relanceando-os por todos até encontrar os de Álvaro, que fora ao encontro de Eufémia. Reconheceu-os ambos, ergueu-se, expediu um grito, e abraçou-os juntos com tamanho ímpeto, que foi preciso ampararem o grupo as senhoras mais chegadas. Leonor acudiu de novo dizendo quem era. Maria fitou-a com amor, e disse-lhe:

– Bem-vinda sejas! isto é uma festa de anjos!

As três senhoras ofereceram-se aos olhos dela, perguntando se as não conhecia.

– Conheço – disse Maria com a voz extenuada –, conheço as minhas amigas de há catorze anos. São as mesmas formosas meninas. A felicidade não deixa envelhecer... E a

mim, conhecer-me-iam?

Não responderam: tão absurda seria a lisonja, se quisessem mentir ao seu próprio assombro.

– Senhora D. Maria – disse a abadessa –, à portaria está seu marido. Vossa senhoria poderá descer até lá?

– Pode, pois não pode?! – disse soror Joana das Cinco Chagas. – Se eu lá vou com os meus oitenta e oito e a minha gota, por que não há-de ir ela? Ora vamos. Quem lhe dá o braço sou eu, e o senhor Álvaro dá-me o braço a mim. Imaginem que levam a eternidade no meio; e acho que não é mal posta a comparação: a boa eternidade começa pela inocência da vida, que é o menino, e continua-se na bem-aventurança do sofrimento, que é a minha Maria, e esta, demais a mais, chama-se *Glória!*

No entanto, a poesia do pátio estava estagnada nos corações repletos dos vates espantadiços. Tinham eles visto chegar a caravana ladeada de archotes, e por pouco que o doutor Ferro não improvisa uma elegia àquele simulacro de saimento. Dos poetas novéis, alguns rodearam as esbeltas matronas, saídas das liteiras, e sentiram entumecida a veia da poesia ao profano. O Mormo queria ver naquilo tudo uma violência de clausura feita àquelas senhoras, e teve o zeloso desafoço de ir perguntar aos próprios maridos que senhoras eram aquelas, e por ordem de quem eram enclausuradas à meia-noite. Os maridos tiveram a complacência de desvelar o mistério, com a qual explicação se afoguem os filhos de Apoio, e em cada lábio borbulhou uma estrofe de entusiástica ode à redenção de Maria da Glória.

O Ferro, sabendo que se maquinava um fogo preso de odes, disse em voz alta, que dava uma peça a quem fosse buscar num carro os dois cónegos de Braga e as odes correlativas.

Com estas e outras facécias mantiveram os poetas o outeiro animado, apesar de saírem das janelas todas as freiras, noviças, e criadas atraídas pelo espectáculo novo, e mais levadas do coração que da curiosidade.

Ficou de memória a primeira quadra de um soneto declamado nesse intervalo pelo doutor Ferro:

*Vão freiras, vá noviça, e vá a moça
Gozar dum coração que desabafa;
Mas deixem na janela quem nos ouça,
Seja um vulto qualquer... uma garrafa!*

VII

Na oração que há senão aquela duplicada força, capaz de amparar-nos na queda, ou solicitar-nos o perdão, se nos despenhamos?

SHAKESPEARE, *Hamlet*.

Manuel Teixeira esperava encostado a uma coluna do pórtico. Os amigos cuidavam em prepará-lo para a impressão. Tão agitado o viam que receavam o efeito do abalo que a primeira vista de Maria da Glória devia fazer-lhe.

Dizia Sebastião de Brito:

– Deves estar prevenido, mano Manuel, para veres uma mulher muito diferente daquela gentil dama, que era Maria da Glória há onze anos. No ar do convento dizem os santos que as almas respiram regaladamente; mas eu, que não sou médico, nem sequer santo, defendo que o ar do convento deve ser como peste para os pulmões de uma menina galante.

A comitiva fez o favor de rir à graça do morgado dos Olivais; o negociante, porém, fez um gesto de enfado, e limpou o suor da fronte.

Abriu-se a porta: era a prelada, à frente duma procissão de monjas, noviças e criadas. Entre todas, vinha Maria da Glória pelo braço de soror Joana das Cinco Chagas, e esta com a mão apoiada no ombro esquerdo de Álvaro. A luz, que as alumiaava, era de tochas de cera, ao clarão das quais procurava Manuel Teixeira, com espavorido olhar, sua mulher. Viu-a e reconheceu-a. Levado da sua ânsia, chegou a transpor o limiar da porta; mas a prelada, estendendo para ele a mão, disse com afectuoso sorriso:

– Queira ter a paciência de esperá-la aqui: não é permitida a entrada nem mesmo aos maridos penitentes.

Maria da Glória não podia ver claramente os vultos que divisava fora da portaria. Quase suspensa do frágil braço da decrepita freira, pediu a Cecília que a amparasse pelo outro braço. Porfiavam em sustentá-la todas, e quase no colo a trouxeram à porta. Aí sentiu ela que uns lábios lhe osculavam a mão com afogo e tremor. Era Manuel Teixeira, que dobrara o joelho diante dela.

– Es tu? – disse ela. – E pudeste conhecer-me?

– Quando te não conheceria eu, infeliz? – respondeu ele afogado de lágrimas e gemidos.

– Também tu tens cabelos brancos!... – tornou Maria da Glória, sorrindo. – Os felizes envelhecem tanto como os desgraçados! Não estejas assim, Manuel... Aos pés de uma amiga não se ajoelha... Ou ela perdoou antes da posição humilhada; ou não perdoa nunca. Ergue-te...

– Ajoelhe diante de Deus, diante de Deus, senhor Manuel Teixeira – disse soror Joana – e dê-lhe muitas lágrimas de louvor e gratidão por este anjo. Agora, torno a fugir-lhe com ela; por ora é nossa; amanhã lha daremos. Vá vossa senhoria e mais os seus amigos para a hospedaria do mosteiro. A nossa boa prelada lá lhes manda o chá. Vão repousar, ou façam versos, se são poetas, que esta noite todos somos poetas, todos temos no coração hino em acção de graças ao Senhor da misericórdia e da justiça.

Maria da Glória apertou a mão do marido, balbuciando algumas palavras, e o mesmo fez ao cunhado, que a saudou com esta tirada de palaciano e enamorado de todas as palacianas:

– Olhe que eu não a esperava ver tão encantadora, mana Maria! Agora vejo que o

condão das perpétuas se mudou para as rosas da sua formosura (Sebastião de Brito havia dito isto, meses antes, a uma marquesa bem conservada, e soubera que a marquesa repetira em ar de enfado a toda a gente a fineza; porém, gostosa de que a metáfora fosse aplaudida, como de feito era). A graça do mundo – continuou ele, oferecendo simonte em caixa de ouro à abadessa – desbota as flores, e a de Deus reflorece-as. A mana Maria está como era; e, se não fosse a simpática palidez que lhe realça o mimo, seria menos bela, ou tão bela como foi.

Maria da Glória riu-se, e as senhoras de Lisboa com ela, mas delicadamente. Ao mesmo tempo espirraram de um grupo uns frouxos de riso, que estalaram em gargalhada mais longe: eram as noviças, gente bravia, como a abadessa lhes chamava, que traziam o mosteiro em desordem, e nunca podiam dar grande saída pelos caminhos do Céu.

A madre porteira fez menção de fechar a porta, quando Brito calou o refohudo cumprimento. Manuel Teixeira beijou a mão de Maria, e perguntou-lhe se o menino ficava.

– O menino fica – disse soror Joana com ar alegre – porque tem de me levar à cela. Estas senhoras, se quiserem, e a senhora dona abadessa consentir, podem também ficar. O patriarca 8. Bento tudo tolera hoje, por amor do nosso anjo, que não pediu a felicidade só para si. Ora vamos com Deus.

Fecharam-se as portas. Maria passou a noite de vigília, com o seu leito rodeado das antigas amigas, das freiras mais da sua alma, e do filho acariciado, que adormecera com a fronte encostada ao travesseiro de sua mãe.

Manuel Teixeira e os seus companheiros, excepto Sebastião de Brito, pernoitaram na hospedaria do mosteiro. O dos Olivais, tão amante das musas, quanto o elas tratavam esquivamente, foi até às quatro da manhã o primeiro entusiasta do auditório, batendo palmas delirantes, e bradando os *bis* com todas as potências da sua admiração pulmonar.

Agora, abro mão do seguimento da história, para acudir a uns reparos dalgum leitor.

Diz ele:

«Eu estava preparado para ler algumas páginas bonitas e sentimentais, ocasionadas pelo encontro de Maria da Glória e Manuel Teixeira. Fiquei logrado. Nenhum deles disse coisa que fizesse chorar, nem escassamente comover a gente. O autor deixa perder as marés cheias de poesia. Aqui era que devia ostentar os tesouros do seu estilo lamuriante. Nem um aprendiz de romances deixava, pelo menos, de tirar do peito do marido quatro apóstrofes com grande chuva de lágrimas. Era belo fazê-lo discorrer uma hora de joelhos aos pés da esposa, desfalecida de cinco em cinco minutos. Que ela perdoasse, isso sobre ser justo, era dramático; todavia, a palavra misericordiosa devia fugir-lhe do coração, depois que as freiras todas chorassem em coro, e soror Joana discorresse dilatadamente acerca do perdão das injúrias. Além de que, nenhum desmaiou! O tocante era ir ela nos braços das esposas do Senhor para cima, e ele ficar cá fora, se não sem sentidos, ao menos declamando um quarto de hora, e cair afinal extenuado nos braços dos amigos. Isso sim, era uma passagem que bastava à reputação da novela, e a venderem-se mais alguns milhares de volumes. Escrever as coisas como elas se passam no mundo, como nós as vemos por aí! Então é melhor não dar cópias da realidade. O que a gente quer é que o romancista nos pinte a sociedade, a vida e as paixões melhores ou piores do que são. Regala estar lendo uma cena sem naturalidade, e dizer «isto não é assim; mas, se assim fosse, era mais agradável o mundo». Onde está a imaginação do novelista, que repete o que viu, ou leu, ou lhe contaram?! E como dizerem que o teatro deve ser a fotografia da vida! Vão para lá com os seus dramazinhos verdadeiros, e verão que nem os músicos da orquestra lhos aturam. O romance é tal e

qual a mesma coisa. Se nos não maravilha, enfada-nos. Viram coisa assim?! Deixar o autor correr glacialmente aquela cena da portaria do convento! Ainda agora podiam estar os cônjuges a dissertar a respeito da calunia que custou onze anos de martírio à esposa sem nódoa! Pois o remorso não era agulhão suficiente para fazer andar o marido em bolina naquele local tão poético, e obrigá-lo a raivar contra si, e a desentranhar-se em eloquência de frases e lágrimas aos pés da mulher! Nem um *ah!* nem um *oh!* lhe ouvimos!... E demais! Pode ser que assim acontecesse, e que o facto assim descrito o lesse o autor no manuscrito do padre Álvaro Teixeira; mas isso não indulta o artista, que recebe das mãos da natureza uma pedra, e faz dela uma Níobe, ou um Laocoonte. O romancista é o escultor das paixões: enfeitá-las, corrija-las, dar-lhes com palavras a expressão que elas esteticamente não podem exprimir, é seu ofício. E, se o autor me não entende, eu lhe aclaro a ideia: é de crer que as pessoas testemunhas do lance, entre Manuel Teixeira e sua esposa, se comovessem, porque lhes viram nos semblantes os movimentos da alma; nós, porém, que os não vimos, precisávamos de receber da fantasia do escritor uma descrição, que nos sacudisse os nervos, e levantasse o espírito à altura em que o levantam os romancistas da moda. Fique-lhe, pois, de memória esta amigável censura; e, para outra vez, belisque a imaginação, se quer que o seu nome de romancista reverdeça, orvalhado com as nossas lágrimas, ou festejado com as nossas gargalhadas. Chorar ou rir, é onde bate o ponto. Quem não conseguir uma das coisas, não nos importune.»

Respondendo, digo ao leitor sisudo que me conformo com o seu parecer, e de experiência tenho que a verosimilhança, qualidade em que tenho aperfeiçoado esta minha arte, me tem grandemente desmerecido a valia dos meus romances. Há muito tempo que não mato ninguém senão de moléstia: quando muito, para aformosentar a morte com um nome benquisto dos poetas, e dos leitores sentimentais, tenho denominado tísica pulmonar, ou congestão cerebral, o que em boa patologia se denomina hidropisia ou inflamação intestinal. Não se tem suicidado ninguém nos meus últimos romances, nem mulher alguma perdida tem sido reabilitada ao amor virginal. Isto é nocivo às minhas curtas aspirações, bem o sei; mas já agora não arrepio a carreira; hei-de ir indo assim, dispendendo-me pouco em imaginações, de que me sinto muito alcançado, e pondo as melhores tintas e pincéis na cópia da verdade, embora a verdade seja descorada e dissaborida aos amigos das visualidades. Já noutros livros me tenho cansado a responder a reparos que a crítica, não impressa mas em família, me tem feito. Paciência. A França, de Bernardin de Saint-Pierre menosprezava a história singela de Paulo. Arguiam de infecundidade o autor que o não fez carpir-se em desesperado monólogo ao pé do cadáver de Virgínia. Quem me dera a mim para um dos meus livros uma sombra do renome daquele romance! Quantos milhares de romances, decantados uma hora, pensa o leitor que a voragem do esquecimento engoliu, desde que a obrinha do grande naturalista recebe o tributo de lágrimas, que Napoleão lhe dava em Santa Helena?

Neste género de escritos, o selo da perpetuidade grava-o a natureza. O templo dos livros imortais é servido de poucos sacerdotes; mas, grande glória lhes é esse culto sem estrondo! Não vão agora cuidar que eu estou já daqui espreitando o nicho do templo da eternidade em que me hão-de encolher os vindouros – encolher, digo, porque não podemos lá caber todos! Não, senhores! Eu no que penso é em converter o meu leitor à religião da verdade, e levo em vista movê-lo a ler outra vez aquela fria e frouxa cena da portaria de Vairão. E, se alguém disser que eu estou dando satisfações impertinentes, respondo que é isto respeitar os meus leitores, e propósito de adelgaçar as rudezas de alguns raros, que me trazem entre os dentes da sua crítica, porque os eu não faço chorar nem rir.

Respondi, e volto ao outeiro.

Alvorecia a manhã, quando a maior parte dos poetas se retirou com as musas roufenhas da friagem matinal. As damas lisbonenses, cativas da novidade do outeiro, nem se deitaram, e com Leonor andaram, de grade em grade, pedindo que lhes ensinassem a dar motes. Notaram as freiras que particularmente a menina, se o verso que lhe davam era para assunto sagrado, não ficava contente, nem se entusiasmava a repeti-lo ao poeta. Se, porém, no mote vislumbrava ideia amorosa, era muito de ver e admirar o desembaraço com que a azougada menina se espevitava, proferindo com certo requebro as palavras do verso. O pai, que andava, como dissemos, entre os poetas, regozijava-se de ouvir a voz da filha, e como tal a apresentava aos trovadores embelecados da voz argentina e insinuante, que ela tinha. Destes, o mais verde em anos, e mais verde em esperanças, sentiu-se namorado daquela voz, e de amor tão engenhoso que, até dos motes ao divino, profanava a ideia convertendo-os em madrigais. Leonor estava encantada de ouvir o seu poeta, e já perguntava com ansiosa curiosidade quem ele era. Disseram-lhe que era um filho segundo de uma nobre casa de Vila do Conde, tão bom poeta como mau filho, que tinha dado grandes desgostos a seus pais. Esta última parte da informação não a desviou de já, sol-nado, sustentar com algumas noviças o outeiro, cujo único poeta era o de Vila do Conde. Não queria ela retirar sem ver o rosto do vate dos amorosos sonetos. Viu-o, e ouviu-o em prosa, e achou-o na simpatia igual ao poeta. Disse-lhe de entre as grades um adeus afectuoso, e foi passear na cerca, e cismar, como podem os corações fatídicos cismar aos catorze anos.

VIII

Oh!
Nec te aleator ullus est sapientior.....
 (Nunca velhaco algum mais destro fora).

PLAUTO

Maria da Glória, Leonor, e as damas, depois do almoço do dia seguinte, saíram com Álvaro para o recinto exterior da grade mais ampla do mosteiro. Aí eram esperadas pelos cavalheiros, tirando Manuel Teixeira, que fizera pedir à prelada uma grade especial em que ele pudesse estar a sós com sua mulher. Maria da Glória, sabedora da petição, escreveu a seu marido estas linhas:

A tua dignidade e a minha impõe a nós ambos a delicada obrigação de não proferirmos uma palavra com relação aos acontecimentos que me trouxeram a esta casa. Sobeja e inutilmente te falei da minha inocência: emenda tu agora a culpa de me não teres atendido, portando-te aos meus olhos como se a consciência te não doesse. Se precisas desafogo, procura-o em Deus, e sentirás alívio. A Divina Providência escuta os inocentes e os criminosos.

O pedido, que fizeste à senhora abadessa, não pode ser por minha parte satisfeito. Irei à grade; mas Álvaro estará connosco. Sei que te hás-de coibir de confessar as tuas culpas, na presença de teu filho, que as ignora.

Estava já Manuel Teixeira na grade, quando recebeu o bilhete, e minutos depois chegou Maria e Álvaro. O marido apertou-a ao coração, e disse-lhe:

– É assim que te vingas, Maria?

– Que me vingo!

– Sabias que estas dores do remorso só podiam as lágrimas aliviá-las e proíbes-me de falar, e chorar, para que eu não ouça da tua boca a palavra «perdão»!...

– Perdoei... – balbuciou ela.

– E o teu perdão, minha amiga, devo tomá-lo como esperança de me poderes, um dia, restituir o amor que tão mal paguei?

– Cala-te... Não me fales em amor... Que vens tu pedir a uma desgraçada mulher, que envelheceu e morreu aqui?! Parece que não sabes imaginar os dias e as noites de onze anos! Quem espera achar coração em mulher que padeceu tanto! Pergunta-me se eu posso amar meu filho, e mais nada. E que mais queres tu de mim, Manuel?

– Queria ter com meu filho quinhão do teu amor. É impossível? não me queixarei. Aceito a tua indiferença como castigo; mas não me odeies, filha, não. Fui teu algoz porque era teu verdadeiro amante...

– Basta!... – disse com esforço Maria, relanceando sobre Álvaro os olhos sem lágrimas. – Esqueces o meu pedido?

Manuel Teixeira obedeceu a sua mulher e contemplou-a em silêncio, a tempo que Maria encostava ao coração a face do filho. Nesta contemplação de minutos o que seria o espírito daquele homem? Uma agonia mortal, tormento sem nome, nem remédio, quando a piedade recusa abrir-lhe o espiráculo das lágrimas. Que via ele? As relíquias duma grande formosura, os cabelos brancos, as pálpebras roxas, as rugas sobre os ossos áridos, a decomposição de um rosto que fora a imagem, o símbolo vivente da graça e da harmonia. Que fizera ele durante os onze anos que devoraram a beleza e o coração daquela mártir? Devia de ser esta a pergunta que ele a si se fez, quando o choro lhe

borbulhou dos olhos. Que fizera ele? Vivera em toda a parte a vida exterior da alegria e da opulência. Tivera palácios em Nápoles, e alteara-se em suas pompas a tão elevado ponto, que deram dele fé os indiferentes de Paris. Enquanto a esposa pura dali pedia uma visita de seu filho unicamente, e deixava ao pai o gozo inteiro das regalias do seu património dela, quem era aquela mulher que, fatigada de felicidade, se reclinava no espaldar-cetim das suas carruagens, e se aborrecia do luxo dos seus palácios de Nápoles e de Belém? Como pôde ele tão depressa mitigar as saudades da esposa com as venais carícias da italiana, a cujos pés ele rolava o ouro, que trouxera de Macau granjeado pelo incansável labor dum pai, que a si tirava o que lhe parecia necessário à futura magnificência de sua filha!

Devia ser este o afligido meditar do negociante, ou maiores seriam suas dores, quando ele de ímpeto se lançou aos pés de Maria, exclamando:

– Tu não podes perdoar-me!

Acudiu Maria a erguê-lo, e disse-lhe:

– Se te mereço compaixão pelo passado, não me aflijas. Ergue-te. Vamos sair, que me sinto aqui sem ar. Vamos experimentar as minhas forças. Dá-me o teu braço, Manuel. Iremos ver de perto as árvores, que eu vejo há onze anos, da minha cela.

Manuel Teixeira recobrou vigor dos alentos e sorrisos de sua mulher. Saíram, e sozinhos, e silenciosos. Queria Álvaro chamar Leonor, mas o pai rejeitou a lembrança.

– Vamos sós – disse ele. – Sejamos egoístas desta felicidade... embora minha somente...

Maria sorriu-se, e disse com acentuação melancólica:

– *Felicidade!*... Tem-la conhecido no amor deste anjo?... Creio-a, se me disseres que sim... De resto... como poderias tu ser feliz, se há Deus!...

Teixeira sentiu o golpe involuntário destas palavras, e murmurou:

– Deus, que deixou a tua inocência nas trevas de onze anos... Que Deus!...

– Não ofendas a mão Divina que me amparou... – tornou Maria.

As famílias, reunidas na grade, sabendo que os esposos tinham saído do pátio, desceram a segui-los. Sebastião de Brito bradou de longe:

– Olé! Esperem lá, que nós vamos também. Duas luas de mel é muita lua! Conversem sozinhos em Lisboa, e dêem à gente uma partícula da sua felicidade.

Quando se juntaram, continuou o morgado dos Olivais:

– Queres saber, Manuel? A tua sobrinha Leonor está poeta... Não fala senão em versos. E preciso que Álvaro seja poeta.

Riram todos, porque de todos era sabido o projecto de matrimónio entre os dois primos.

– Então gostas muito de versos, Leonor? – disse Maria.

– Muito, principalmente dos que faz o senhor Sotto-Mayor.

– Quem é o senhor Sotto-Mayor?! – tornou Maria da Glória com espanto.

– Já conhece os poetas pelo nome – respondeu o pai com alegria. – O Sotto-Mayor é um rapaz de Vila do Conde, por cuja musa a pequena perdeu a noite, e perderia a vida, se ele lhe promettesse uma eternidade de sonetos.

– Já é paixão de versos! – tornou a mãe de Álvaro. – Sabes tu fazer versos, meu filho?

– Não, minha senhora: sou ainda muito novo – respondeu Álvaro. – A prima Leonor é que tem lido muitos versos.

– Já li o Bocage; – acudiu a menina, acompanhando a expressão de trejeitos esquisitos – li também o *Belmiro*, e as poesias do Garção, e do Quita, e do Lobo, e muitas outras que o papá lá tem. E a senhora D. Catarina de Balsemão, e a senhora marquesa de Alorna gostam muito de me ouvir recitar sonetos, e ensinam-me quando eu

não declamo bem.

– Bem está – disse Maria – estás uma doutora, minha sobrinha!... Queres tu ser freira para gozares as delícias dum outeiro de três em três anos?

– Freira! Deus me livre! Eu não sei como há quem possa viver num convento! Antes morte que tal sorte!

O morgado achou muita graça à esperteza da menina, e concordou com ela em não saber também como houvesse gente que quisesse sequestrar-se do mundo, que, segundo ele, não era tão mau como os misantropos o caluniavam.

Todos os passeantes se empenharam nesta questão, que Maria da Glória defendia encarecendo a felicidade dos mosteiros, quando reina a paz no coração e na consciência. Nisto apareceu o poeta de Vila do Conde, e Leonor, estremecendo, exclamou:

– Ele lá vem! E ele!

– Quem? – disseram algumas vozes.

– O meu poeta!

– O *teu* poeta! – disse, com molesta acentuação, Maria da Glória; e chamando a segredo o cunhado, disse-lhe ao ouvido: – Não deixe assim falar sua filha, que não é bonito aquilo!...

– Porquê, mana? – disse em voz alta o morgado. –Aí está o efeito dos conventos! Temos bioquice! Que tem que ela diga *o seu poeta*? Palavras naquela boca não significam nada, mana Maria! E uma criança: deixá-la falar.

Miguel de Sotto-Mayor tinha chegado ao grupo, e cortejou-o com desembaraço e elegância.

– Viva o poeta! – disse Sebastião de Brito. – Eu amo os poetas, e gosto das suas relações. A sua bela musa está acesa para a noite?

– A minha musa – disse o moço – está sempre fria; e, se alguma fortuna tiver, devê-la-á aos calorosos louvores que vossa excelência lhe dá, posto que os não mereça.

– Pelo contrário: minha filha está encantada dos seus versos, e já sabe quem o senhor é. Ali tem uma criança que já leu os melhores poetas portugueses!...

– Razão de mais – redarguiu o de Vila do Conde –para não gostar das minhas poesias incultas e sem mais mérito que o da natureza.

O poeta foi indo no grupo, respondendo com frivolidades a outras do palavroso morgado, e agradecendo com delicados olhares à expressão penetrante dos olhos de Leonor, que parecia embevecida nas palavras dele.

Esmerou-se a comunidade em lauto e primoroso banquete naquele dia. A dona abadessa, que também era capitão-mor de Vairão, infringiu amplamente a regra da ordem, admitindo as famílias de Lisboa a jantarem com ela e outras religiosas de mais graduação. Ao mesmo tempo, os poetas, que o não eram senão de noite, comeram durante o dia como quem não fora ali senão para versejar, e honrar o refeitório das monjas. Estas, porém, de ricas e generosas que eram, não se queixaram, como as do tempo de el-rei D. Dinis, do muito que os ricos-homens e infanções lhes comiam ⁹.

Os hóspedes do convento saíram ao cair da tarde para o cruzeiro do pátio. Era um

⁹ Aos leitores da Introdução ao Dicionário dos Sinónimos, de Fonseca, é bem conhecida esta antigualha, divulgada por João Pedro Ribeiro: Dom Danys, pela graça de Deus, Rey de Portugal... A vos meu Meyrinho moor saude. Sabede, que a abadessa do moesteyro de Vairam mi enyvou dizer que Ricos homens e Infançoens, etc. que son naturaes do dito moesteyro veem a este moesteyro comer as naturas e albergar i desmesuradamente, e con mays ca he contheudo no meu Degredo, de guisa que ela e as outras Donas, que iam a servir a Deus, não podem i viver, nem manter o dito moesteyro; isto non tenho eu por bem, se asi he, por que vos mando que não sofrades aos desusuditos, etc. Unde al non ffaçades se não a vos me tomaria eu porem, e faryavos coreger de vossa cassa todos danos, etc. Que fidalgos aqueles que iam de caso pensado albergar-se no mosteiro para comerem as naturas (quer dizer – os rendimentos) das monjas!

formoso entardecer de Estio o daquele dia de Setembro. Maria da Glória não respondia às alegrias de tanta gente que a felicitava, e não sabia entender a tristeza dela. Falavam-lhe da sociedade de Lisboa as suas amigas desejosas de lá se verem. A melancólica senhora respondia:

– Que tenho eu que ver com a sociedade!... O braço, que fere com a infamação, jamais recua arrependido sem deixar ferida incurável. Eu não detesto, mas desprezo o mundo. Dêem-me uma casinha e o meu filho, que eu não quero mais. Se este menino tivesse morrido, há muito que eu dormiria, na claustra desta casa; ou, se Deus me quisesse provar até mais tarde, nunca sairia daqui.

Manuel Teixeira ouvira estas palavras, e interrompeu-as com muita amargura:

– Tens-me em conta de nada na tua vida, Maria?

– Es o pai de Álvaro: estimo-te e respeito-te, hoje como sempre. Que mais queres de mim? A felicidade da mulher é muito frágil, e de certo irreparável, depois que a matam com a peçonha da ingratidão... Desculpa-me, meu amigo. Não queiras milagres, que as orações das servas de Deus não conseguiram. Houve aí muito quem pedisse ao Senhor um raio de conforto e de alegria para mim: o que o Céu me concedeu foi a conformidade, e o amor deste menino.

Maria já evitava o praticar a sós com o seu marido. Magoavam-na os termos amorosos com que ele enfeitava a sua paixão para dar lenitivo aos pungimentos do seu remorso. Não o amava ela: afoitamente o digamos em nome da verdade e da natureza: não podia amá-lo. Deveria perdoar e perdoou à paixão do ciúme, enfurecido pelo orgulho; mas ao pertinaz desprezo de onze anos, ao silêncio afrontoso àquelas apaixonadas cartas de mãe, que implorava em vão deixar no rosto de seu filho as últimas lágrimas, não, não podia perdoar a virtuosa mulher.

Ao diante veremos que nobres e singulares espíritos eram os de Maria da Glória.

Estamos na última noite de outeiro. A partida das famílias para Lisboa foi marcada para as quatro horas da seguinte madrugada. Os poetas encarregaram-se de espancar o sono dos viandantes até essa hora, e galhardamente se tiraram da dificuldade. Bons tempos aqueles em que a poesia era inimiga do sono!

Quem de certo nunca bocejou foi Leonor. O vate de Vila do Conde excedeu-se a si próprio no mimo, na doçura, no amável dos seus sonetos e décimas. A paixão palpitava em todas as metrificações: no soneto, impetuosa e enérgica; na décima, toda em flores e maviosidades. O Ferro ouvira-lhe alguns versos de relance, e cantou-o assim num soneto, que, a meu pesar, me não repetiram completo:

*Que doces rulos rula aquele pombo
A pomba enamorada e toda sécia!
Cuidado! que a virtude sofre um tombo,
E vamos ter alguma peripécia!*

Miguel de Sotto-Mayor, posto em riso pelas chulas da plebe, azedou-se contra o repentista portuense, e quis desafiá-lo. Intercederam as senhoras religiosas, cónscias do conflito, e Leonor pediu com elas, dizendo em voz de quem manda e não pede:

– Faça o que eu lhe digo, senão não sou sua amiga.

Ora o Ferro, que fingira escassamente entender que o desafiavam, apaziguada a sanha do trovador de Vila do Conde, deu mostra da sua impenitência num soneto de cujos tercetos resta memória:

.....
Tão negro quadro meu pincel não toque!

Calcarem do perdão as santas leis,
Matarem-me por causa dum remoque!...

Que homem tão cruel, ó Deus, fazeis!
Se me ele ao ventre aponta o agudo estoque,
Que dilúvio de vinho e de pastéis!

Não averigui as inocentes manhas de que usou Leonor para sair da roda das senhoras, e sumir-se entre as criadas, que conversavam em prosa com os seus conhecidos, em janelas afastadas dos pontos concorridos. Miguel de Sotto-Mayor devia ter aviso desta mudança, porque desalojou também do local dos seus triunfos, dando a desconfiar de que saíra estomagado das facécias do doutor Ferro. As criadas convizinhas de Leonor ouviram este breve diálogo entre a menina e o poeta:

– Daqui a uma hora vamos para Lisboa – disse ela.

– Para nunca mais nos vermos?! – respondeu ele. – Este outeiro foi-me fatal! Permisso o Céu que os meus olhos se fechassem antes de eu vos ter visto, Leonor!

– Pode ser que eu vos torne a ver; mas vós me esqueceréis quando me não virdes!

– Primeiro esquecerei a vida, sentirei morrer o coração devorado de saudades. Jurai-me um eterno amor! Prometei escrever ao infeliz poeta, que, de ora em diante, contará pelas lágrimas os minutos da existência.

– Juro amar-vos eternamente...

– Jurais?! mas esqueceis que já sois a esposa prometida de vosso primo?

– O meu coração é livre – replicou ela... – Adeus, que me procuram; adeus, amai-me, e tende esperança!

Estavam as senhoras já na portaria, quando Leonor desceu. Faltava Maria da Glória, e havia no convento, além do rebuliço, aflição em muitas freiras. Maria da Glória tinha entrado no quarto de soror Joana das Cinco Chagas, a dar-lhe o último beijo e desfalecera nos braços da religiosa e de Cecília. Voltara a si, rompendo em gemidos, como se a partida fosse um arrancarem-na à felicidade. Álvaro chorava ao pé dela. Eufémia já pedia que a deixassem ali ficar com sua ama e com o menino. A santa, simulando coragem, impunha-lhe o dever de demudar o semblante para alegre, e feliz do bem-estar de seu marido. A força dos acontecimentos venceu afinal; e Maria da Glória, abraçando com frenesi o filho, cobrou ânimo para trocar por ele a amizade angélica daquelas senhoras.

Rompia a luz da manhã, quando partiram, caminho do Porto. Tocou a matinas o sino de Vairão. As religiosas entraram no coro, e já encontraram soror Joana das Cinco Chagas do Senhor. Findos os salmos, a santa ergueu a sua voz, sempre ouvida como a palavra dum anjo, e disse:

– Supliquemos à Misericórdia Divina que aceite o cálix da inocente Maria da Glória, como desconto às futuras amarguras desta família, se os misteriosos juízos de Deus lhas reservam.

Quais seriam as tuas visões, ó santa!?

IX

*Proichè suo fui, non ebbi ora tranquilla,
Nè spero aver...*

PETRARCA, *Rime*.

Em breves termos darei conta do viver de cinco anos em casa de Manuel Teixeira de Macedo. Seria talvez do agrado do leitor a história minudenciosa dos menores actos, que naturalmente se encadearam para reflorir a primavera de Maria da Glória, e adoçar o agro que uma suposta desonra devera ter instilado no ânimo do banqueiro. E um engano. As primaveras da alma, se a asa negra duma tormenta as esfolha, nunca mais reverdecem; e os algozes, que afiam o gume de seu orgulho para lhe imolarem sem piedade as vítimas, a si se golpeiam, e tal chaga abrem de remorso que nem o bálsamo do arrependimento a cerra.

Maria da Glória, ao entrar em casa de seu marido, lhe disse a ele, sem testemunhas:

– Recebes em tua casa uma tua *irmã*, meu amigo. Desta casa dá-me um quarto ao pé do quarto de teu filho. Se isto me concederes, enches o meu coração ambicioso: nada mais quero; e violentar-me a aceitar mais do que isto é mortificar-me. Acostumei-me à clausura: hei-de continuá-la aqui. Se me lá era penosa por me Deus abençoar com o ardente amor de mãe, aqui, na tua casa, serei feliz porque tenho comigo tudo que me prendia à vida pela esperança. Não me leves à sociedade, nem me peças que a receba nesta casa. Ser-me-ia doloroso contrariar-te, ou contrafazer-me. Não alteres, tu, Manuel, os teus hábitos. Continua a ser o que eras antes de me ir buscar para a tua companhia. Nada te pergunto do teu passado, nem quero que mo digas; basta que eu o tenha ouvido da malévola curiosidade de pessoas, que, ainda há quinze dias, te absolviam a ti para me infamarem a mim. Isto bastaria para eu odiar o mundo, e prezar viver em ódio dele. A tua bondade tem-me ouvido com indulgência para ser em tudo generosa. Dás-me assim a vida, que te peço, de portas a dentro?

– Vive como quiseres, Maria – respondeu Teixeira com semblante magoado. – Hei-de obedecer a quantas condições estipulares, se delas depender o teu bem-estar. Disseste-me que eras, em tua casa, meramente minha irmã.

– Tua irmã.

– Confirmas o que já me tens dito: o teu coração morreu para mim.

– Coração de irmã não é coração morto, meu amigo. A esposa há-de conhecê-la nos extremos com que ama teu filho, e na estima respeitosa com que há doze anos te prezava. A mesma te sou hoje e serei sempre.

– Compreendi... Serás obedecida, Maria. Não me revolto contra o castigo: descontar em amarguras a culpa é alívio de remorso nas almas, que não estão de todo pervertidas. Aceito tudo.

E cumpriu religiosamente.

Aquela italiana do palácio de Belém achou-se de repente aumentada em riqueza; mas a riqueza era o último saldo de contas. O milionário dera-lhe, com o dinheiro, o conselho de retirar-se a Nápoles com os dois filhos. A cantora ficou com o dinheiro, e devolveu-lhe o conselho. Se até ali a perfídia fora clandestina, dali em diante até por soberba se patenteava. O novo amante orgulhou-se da substituição, e ostentou-se redobrando a magnificência da napolitana. Quis Manuel Teixeira tomar conta dos

filhos; ela, porém, respondeu que as veleidades da mulher não tinham nada comum com o coração de mãe; e não lhe deu os filhos.

Álvaro não voltou ao colégio, a não ser para ir mostrar ao seu mestre e amigo as lágrimas de alegria.

– Minha mãe – dizia-lhe ele – é agora a minha mestra. Tudo o que eu sabia era muito pouco comparativamente ao que ela me ensina. Disse-me que as horas de resignação, que teve em onze anos, as dera ao estudo. E um prazer ouvi-la discorrer a propósito de qualquer passagem de história; mas o que mais me prende é o que ela diz da vida.

Seu pai – disse o professor – deve sentir-se feliz, ouvindo-a...

– Meu pai raras vezes entra nestas conversações. Há dois anos que minha mãe veio do convento, e desde então não sei como explicar o ar sombrio de meu pai. Fala-lhe com brandura e contentamento a ela; mas, se o encontro sozinho no seu gabinete, parece que vejo estarem-lhe os cabelos a embranquecer, e não tem ainda quarenta anos, penso eu. Começo a entender tudo, e o meu amigo há-de dizer-me o que eu não souber. Lembro-me que meu pai é desgraçado porque minha mãe involuntariamente o mortifica com os sinais do sofrimento a que ele a obrigou. Ela é que envelheceu, e está para pouca vida. Muitas vezes me diz a chorar: «Quererá Deus que eu não vá deste mundo sem te ver homem, e no caminho da felicidade?» Receio muito que ela sucumba aos efeitos dos padecimentos passados...

Um dia, Álvaro Teixeira encontrou João de Matos, sentado ao lado do conde de Basto, na carruagem deste. João de Matos viu-o, e fez parar a carruagem. O ministro da Justiça apeou, e abraçou Álvaro.

– Nunca mais se lembrou de mim? – disse-lhe ele.

– Lembro sempre; mas não me atrevi a procurar vossa excelência.

– Pois procure-me, e nunca esqueça as minhas últimas palavras.

Este encontro é posterior cinco anos à visita do intendente-geral da Polícia a Manuel Teixeira.

Em 1830, o negociante abandonou inteiramente o tráfico comercial. Faleciam-lhe forças para o trabalho, e sobravam-lhe os haveres. O seu estado era relativamente limitado. As antigas equipagens tinham sido reduzidas ao indispensável. Maria da Glória apenas ia com seu filho aos Olivais, a horas em que não pudesse ser observada. Álvaro, e só ele, era a sua constante companhia. As antigas amizades de sua casa retiraram ofendidas do ar cerimonioso e reservado com que eram recebidas, e mais se irritaram contra uma feroz virtude que não pagava visitas. As bem-vindas palavras ao quarto de Maria da Glória eram as cartas de Vairão, umas da santa, outras de Cecília, e muitas de todas as religiosas, a quem ela respondia sempre. As de soror Joana cessaram ao cabo de cinco anos; dizia, porém, Maria da Glória que a via em sonhos, e a ouvia do Céu. Depois ela, como se a santa fosse eleita para guia da bem-aventurança, algumas outras levaram a sua luz ao altar do Eterno. Os dias destas novas eram celebrados com muitas lágrimas de Maria. «Se tu não existisses», dizia ela ao filho, «estas santas criaturas teriam expirado nos meus braços.»

Manuel Teixeira piorava de dia para dia. A medicina aconselhou-lhe os ares de Itália, depois um passeio recreativo pela Europa. Perguntou a sua mulher se o acompanhava, e ela respondeu que a magoava a pergunta, sendo esse não só o dever dela, que também a sua mais ardente vontade. Lembrou-se o pai de Álvaro levar também Leonor. Maria aprovou a lembrança e Álvaro não soube esconder a alegria que lhe ela dava. O morgado dos Olivais folgou também com o convite; Leonor, porém, nem sequer por condescendência contrafez o desgosto de tal viagem. Disse que não tinha inclinação a viajar, e fez com que o pai inventasse desculpas que dispensassem a

filha.

Maria da Glória, como adivinhasse a tristeza do filho, falou-lhe assim:

– Álvaro, o coração não se esconde a tua mãe. Tens dezoito anos: posso falar-te sem reбуçar as palavras. Tu amas tua prima?

Álvaro corou, e balbuciou.

Maria prosseguiu:

– Já respondeste, meu filho. Amas tua prima; e eu te digo que faças tudo quanto podem forças humanas para esquecê-la.

– Porquê minha mãe?!

– Aquela menina tem condão fatal. Os instintos seriam bons; mas a educação degenerou-lhos. Podes tu imaginar que espaço vai abrir-se diante de teus olhos? A chave das maravilhas deste mundo há-de dar-tas a riqueza. Não quero dizer que o teu ouro descubra corações nobres e dignos de ti; mas é certo que em volta do homem que tu hás-de ser, se ajuntam os tesouros mais raros, e tu escolherás então o mais primoroso. Esquece Leonor, filho. Faz de conta que viste uma víbora enroscada entre as flores, que amavas desde a infância. Um dia verás secas as flores, e a víbora em toda a sua peçonha. Perguntarás então à imagem de tua mãe que voz do Céu lhe disse à alma a profecia, que te faço hoje. Álvaro não respondeu, senão com um sorriso de complacência, triste sorriso, e dolorosa significação de uma angústia, que se peja de confessar-se. Estas linhas escritas de Álvaro a Leonor dizem mais:

Eu cuidava, minha prima, que eras feliz acompanhando a nossa família. Meus pais amam-te muito, e eu... bem sabes quanto te amo. Não és grata ao nosso amor. Deus sabe os motivos, que tens para ficar. Lembra-te de nós, e de mim; e vem dar-me um abraço antes da nossa partida.

No dia seguinte, veio o morgado e a filha a Lisboa.

– Não sabe quem eu hoje encontrei nos Olivais?! –disse Sebastião de Brito a Maria da Glória. – A mana lembra-se daquele poeta, chamado Miguel de Sotto-Mayor?

– Perfeitamente... Está nos Olivais?!

– O mesmo em pessoa. Perguntei-lhe o que fazia por ali, e ele respondeu que viera a Lisboa, e andava visitando os arrabaldes. É o caso é que o rapaz viaja como grão-senhor! Traz criado de libré, e dois bonitos cavalos. Pelos modos, há poetas que têm libré e cavalos.

– Isso, que admira?! – acudiu com azedume Leonor. –O pai não ouviu dizer que ele era filho segundo da casa mais antiga de Vila do Conde! E boa! Querem que os poetas sejam todos uns maltrapilhos, porque Camões, Bocage, Tolentino e outros não tiveram senão versos que mostrar ao mundo! Eu cá de mim, não lhe admirei os cavalos nem a libré; o que mais notável vejo no poeta é o seu talento!

– É o fogo que tu tomas nestas coisas da poesia, minha sobrinha! – disse Maria da Glória.

– A pequena é maníaca por versos – replicou o pai. –E o mais é que já os faz também. Tu ainda não fizeste versos a teu primo, Leonor?

– Meu primo não gosta de versos... – respondeu ela com fastio.

– Eu não desgosto; – disse Álvaro – e, se fossem teus, gostaria muito, prima...

– Ora! não há muitos dias que eu estava a ler-te o *Oriente*, e tu disseste que os versos do padre José Agostinho eram gordos e atoucinhados como o autor.

– Pois sim, eu disse isso a brincar; mas se não gosto do *Oriente*, poderei, lendo os teus versos, tomar gosto pela poesia.

O coração de Álvaro estava cheio de lágrimas. Fizera-se-lhe uma luz súbita no espírito. Recordou-se do entusiasmo pueril de Leonor pelo poeta de Vila do Conde, e concluiu dele para a visita aos Olivais. Apenas nascido, o abutre do ciúme recurvou-lhe

as garras no seio. A paixão deu-lhe o desembaraço, e a dor a eloquência. Buscou ensejo de estar só com Leonor, e disse-lhe com os olhos marejados de pranto:

– Tu decerto não vens connosco para Itália?

– Que pergunta! Eu já disse que não ia.

– E porque não vais, Leonor?

– Porque não quero deixar meu pai, nem troco os regalos de ver mundo pelos afagos dele.

– Mas teu pai tem vontade que venhas...

– Deixá-lo ter; se ele não preza a minha companhia, prezo eu a dele.

– Há outro motivo, minha prima – redarguiu Álvaro com muita tristeza corada por um suave sorriso de artifício.

– Qual?

– Tu amas o poeta, que hoje viste nos Olivais.

Leonor descompôs-se numa risada toda da garganta, e disse afinal:

– Tens graça, primo! Estou eu agora feita castelã, com trovador debaixo do balcão do castelo a chorar amores!... Valha-te Deus, Álvaro! A mim importa-me cá o homem de Vila do Conde!

– Mas ele decerto ali foi por tua causa...

– E, se foi, que culpa tenho eu! Os poetas têm aquelas coisas, e eu não posso ser responsável das tolices alheias...

Leonor lançou mão do primeiro pretexto para rematar o diálogo. Álvaro, quase repellido quando ia a falar, foi ter com sua mãe, e desabafou por estas palavras no seio dela:

– Tem razão... devo esquecer minha prima.

Menos, quando ela for desgraçada... – disse Maria da Glória. – Lembre-te isto sempre, meu filho.

Saíram para Veneza.

Auras bonanças lhes assopre brandamente as velas, e renasçam para eles debaixo doutros céus as lágrimas do coração!

X

Se alguém provou já o golpe dum desprezo aconselhe à minha dor os remédios da sua.

D. F. MANUEL, *Epanáforas*.

Não estava em si Leonor enquanto se não viu nos Olivais. A olhos enxutos vira ela sumir-se o navio, e já dizia ao pai que lhe doía o braço de agitar o lenço para responder ao adeus de Álvaro.

Miguel de Sotto-Mayor, decorridos dois dias, apareceu nos Olivais, de volta de Sacavém, e Vila Franca, para aceitar a honrosa hospedagem de Sebastião de Brito, oferecida no primeiro e casual encontro, casual digo com respeito ao morgado.

Leonor sabia que Miguel de Sotto-Mayor ali vinha. O juramento, feito em Vairão aos catorze anos, não tinha sido ainda quebrantado aos dezenove. Recebera sempre cartas, e respondera a todas do seu poeta, na esperança de ser um dia, embora tarde, sua esposa.

Havemos de esboçar a índole deste moço, se trinta e dois anos podem adornar-se com as graças da mocidade.

As freiras tinham dito que Miguel de Sotto-Mayor era mau filho; péssimo devia ele de ser, quando as virtuosas línguas do mosteiro não escrupulizavam em murmurar do próximo. Fora ele académico, duas vezes riscado por contumaz na desordem e outros efeitos da vinolência. Este vício dominava-o no seio da família, e desafogava por maus tratos e injúrias aos pais e irmãos. Entendera ele que o estro da poesia carecia a confirmação da extravagância. Lera de Byron os atrevimentos do génio conformados com os desvarios da vida, e não achou coisa impossível nascer em Vila do Conde o Byron de Portugal. Em verdade, as musas não lhe eram avessas; mas, posto que na desordem se avantajasse ao lorde inglês, o génio ficava-lhe aquém, na distância que vai dum soneto de abadessado às *Peregrinações de Childe Harold*.

Por vezes alcançara a casa de seus pais, exigindo dinheiro para excursões ao Porto: davam-lho para se livrarem dos escândalos na terra, e tinham muitas vezes de ir resgatá-lo à cadeia onde o levavam os escândalos de fora.

Em 1828, morrera o morgado, e sucedera Miguel no vínculo, onerado de grandes dívidas. Muita gente espantou-se do favor que a Providência dá aos maus: gente vã dos seus juízos que quer com olhos do rosto abranger o infinito dos juízos divinos.

Constituído senhor da casa, vieram de seu os desperdícios, com o nome de despesas necessárias à sustentação da dignidade de seus maiores e sua. Os sustentáculos desta dignidade estavam na estrebaria: eram os arrogantes cavalos, que escouceavam os velhos machos de seu pai.

Posto que Miguel de Sotto-Mayor mantivesse correspondência com Leonor de Brito, o coração era estranho àquela constância, umas vezes passatempo, e outras cálculo. Enquanto filho segundo, convinha-lhe o património de Leonor, se bem que desfalcado pelo pai. Informara-se, e sabia ao certo o valor da morgada dos Olivais. Depois que sucedeu no vínculo, curou de agenciar mulher mais rica, e tê-la-ia, se a reputação lhe não deslustrasse o nascimento e os bens da fortuna. Nestas tentativas, malbaratou novos empenhos levantados sobre a casa, e em menos de dois anos eram-lhe escassos para viver limpamente os rendimentos dela. No entanto como quer que nunca deixasse de escrever a Leonor, ao ver-se assim repellido das ricas herdeiras, e ameaçado

duma fidalga pobreza, reacendeu a poesia das cartas, e afogueou à mais alta temperatura o coração da donzela. Animou-o ela a pedi-la ao pai, ainda que não asseverava o bom êxito da petição; todavia, tão da alma era escrava dele, e tão livre se sentia nessa escravidão que, no dizer dela, quando o pai a negasse, o coração se obrigava a emendar o erro do pai.

Tinham assentado nisto, quando Miguel de Sotto-Mayor, explorando o cansado veio das dívidas, levantou dinheiro para a jornada e consequências dela.

Agora o temos nós em casa de Sebastião de Brito, como passageiro que se faz recomendável pelos dois cavalos e laçao. Aí, primeiro, desenrola o hóspede os pergaminhos da sua linhagem, e diz quantos reis godos lhe giram no sangue. Sebastião de Brito, regalado com uma prática de sua maior predilecção, mostra os retratos de alguns avós, e lastima que os não retratados fossem mais antigos que a arte da pintura.

No dia imediato, falaram em casamentos desiguais, e prostituição da nobreza ao ouro das classes mecânicas. Sotto-Mayor verberava os indignos herdeiros dum castelo avoengueiro, que o arrasavam para erguerem palácios, à custa de dotes ganhados ao balcão e na balança.

Brito foi remisso nos gabos à soberba de Sotto-Mayor, porque tinha de lhe dizer que sua filha ia casar com o filho dum negociante seu irmão bastardo, e duma filha doutro negociante de Macau. Dito isto, perguntou o de Vila do Conde se era irrevogável o plano de tal consórcio. O morgado dos Olivais deu a sincera explicação do casamento, descrevendo o mau estado da sua casa, e a necessidade de braço forte que a subtraísse aos vexames da usura. Desanimou algum tanto o poeta-fidalgo; mas a súbita aparição de Leonor, linda como o ouro aos olhos dum avaro, fulminou com um relance de amoroso olhar a ideia sórdida que surgira da baixa alma do seu poeta. Ousou Miguel pedir a filha ao pai, na própria presença dela. Sebastião de Brito disse a Leonor que respondesse: tamanha segurança tinha de a ter conforme nos seus cálculos, e no conhecimento do seu desvalidado dote.

Leonor respondeu que não podia ser esposa de outro, com aprovação da sua alma. Gelou-se o sangue nas veias do pai, e nunca o ela vira tão mal assombrado e iroso. Mandou-a sair da sua presença, e disse ao hóspede que, em sua casa, só eram benquistos os amigos, que lhe não traziam planos de completarem sua ruína.

Miguel de Sotto-Mayor mandou aparelhar os cavalos, esperou no pátio que o laçao lhe apresentasse o seu, e disse ao capelão de Brito:

– Diga ao cavalheiro que lhe não pergunto quanto devo de hospedagem, porque hei-de fazer contas com ele, quando for seu genro.

Isto entendeu ele que era puro *byronianismo*; o dono da casa, porém, é que deu à coisa o seu verdadeiro nome, chamando-lhe «patifaria»; e lamentou que os seus criados lhe não pusessem o espírito e a carne em lençóis de vinho.

Ao romper da manhã do dia próximo, Sebastião de Brito foi com Leonor para Lisboa, e deu-a em guarda a parentes, que lhe vigiavam as mínimas acções. Daí a dias, foi ela intimada para recolher-se ao convento das Comendadeiras, e esperar ali que seu primo voltasse da viagem para se realizar o casamento. Leonor ostentou brava reacção; mas cedeu, por fim, à força, dizendo que o tempo era a arma e a vitória dos fracos.

Miguel de Sotto-Mayor, abonado e recomendado por cartas que apresentou ao ministro da Justiça, vindas de Barcelos, tentou remover judicialmente do convento Leonor. João de Matos, ouvindo do próprio morgado dos Olivais as razões da sua negativa, afastou de si o pretendente, e foi em pessoa ao convento para despersuadir a filha rebelde, e concitá-la a reservar o coração para Álvaro, que, no dizer do ministro, havia de ser o herdeiro dos centenaes de contos de seu pai e do angélico espírito de sua mãe. Leonor passou da contumácia à dissimulação, e prometeu submeter-se à vontade

paternal.

A traça ardilosa desta condescendência fora-lhe sugerida por Sotto-Mayor. João de Matos era barreira mais insuperável à primeira tentativa que os muros e grades do convento. Apesar de sua ousadia, o de Vila do Conde receou que o Limoeiro lhe embargasse o passo. A inimizade do ministro da Justiça equivalia a um cerco de esbirros lançado no seu encalço. Socorreu-se, por isso, da velhacaria, e, delineado o plano por cartas a Leonor, saiu de Lisboa.

Sebastião de Brito duvidou da reforma da filha. Decorreram seis meses, sem que os rogos de Leonor o movessem a tirá-la do convento.

– Há-de sobejar-te tempo de seres feliz – dizia-lhe o pai. – Teu primo não pode demorar-se... Que te diz ele nas cartas?

– Diz que o tio está cada vez pior.

– Pois aí tens, Leonor. Se piora, vem; e, se morre, mais depressa vem, e mais depressa és senhora da enorme riqueza de teu sogro.

– E que dirá meu primo – replicava ela – vendo-me reclusa num convento?! O pai não receia que ele me rejeite, sabendo os motivos que eu dei para ser aqui encarcerada? Se ele tiver dignidade, não me quer; e, se não a tiver, não o devo eu querer a ele.

– A tua fama não está manchada –olveu o pai. –Teu primo decerto perdoa a inocente volubilidade duma menina, engodada por um homem matreiro, ou apaixonado por ti. Não há dama da corte a quem não tenham sucedido estes episódios trinta vezes, e raras saem deles com a sua reputação ilesa como tu. Que culpa tens tu, se por ti enlouqueceu o poeta minhoto? E quem pede contas da sua fascinação a um espírito noviço, incauto, e impersistente duma menina da tua idade? Se toda a gente te desculpa, que fará Álvaro que te ama desde criança?!

Replicava a tudo isto Leonor instando por sair do mosteiro, e mostrar-se com o arrependimento, e quietação na casa do pai, mais digna de desculpa. A passo igual cresciam as suspeitas, e o morgado dilatava a época da saída. Leonor, levada da sua irritabilidade, resolveu fugir, e preveniu Sotto-Mayor. Não era sujeito de emendar desatinos alheios o poeta: quando muito, mais por medo da justiça que do descrédito, abstinha-se de os aventar primeiro. Pareceu-lhe heróica e byroniana a fuga da morgada. Deu-se pressa em chegar a Lisboa, avisando Leonor por intercessão de terceira pessoa, que os trazia vendidos ambos a Sebastião de Brito. E o caso foi que Miguel de Sotto-Mayor, horas depois que chegava a Lisboa, era preso por malhado, e conduzido ao castelo de S. Julião da Barra.

João de Matos fora estranho àquela vil arteirice do morgado dos Olivais, e, cõnscio dela, deu-lhe o nome que ela devia ter; chamou-lhe infâmia. Contra vontade do intendente-geral da Polícia, chefe dos quadrilheiros, mandou o ministro da Justiça dar liberdade ao preso, e chamá-lo à sua presença.

Miguel de Sotto-Mayor teve uma hora de lucidez, na presença de João de Matos: adoptou o conselho de sair de Portugal por algum tempo, única saída por onde podia salvar-se da perseguição política, e dos tormentos que ele testemunhara nas cavernas da Torre. Partiu, pois, sem demora para França, onde então o núcleo do partido liberal fomentava a restauração dos legítimos poderes. No entanto, João de Matos, suspeito liberal por este e semelhantes actos de consciência honrada, atraía sobre si acusações, que mais tarde lhe sortiram a deportação para Abrantes.

Por esses dias, recebeu Leonor esta carta de Álvaro:

Estou sem pai, minha prima. Deixei minha mãe num letargo para vir escrever-te estas linhas. Estava tudo pronto para a partida, quando meu pai morreu, nos braços desta santa. Como ela o amava, ou como é o amor das mártires neste mundo! Em

quatro meses de agonia, minha mãe nunca desamparou o leito do infeliz, que parecia contar os instantes de vida nas dores do coração. Foi uma aneurisma que o matou. Dizia em cada dia: «Que tristeza! contemplar-vos, amar-vos tanto, e ter nesta agonia a certeza de que hei-de deixar-vos breve! Viver sem ti os melhores anos da vida, minha querida esposa, e chamar-te para mim, quando já via esta morte! Que fiz eu da tua felicidade e da minha! Que espectáculo eu te dou para levar a tua desgraça à perfeição! Cinco anos de doença, de desgosto, e de pedir a Deus, por intercessão da tua santa alma, que me abrevie estas penas! Se as padeço como expiação, diz tu ao Senhor que me perdoaste as culpas. Pede-lhe, Maria, que me deixe viver três anos por amor de ti e deste filho, deste anjo da reconciliação que nos veio das mãos de Deus. Pede-lhe, minha virtuosa amiga, que me dê horas de descanso e horas de tribulação. E, se Deus quer que eu acabe, roga-lhe que seja já, antes que eu perca a fé na misericórdia Divina.» Minha mãe debulhava-se em lágrimas; sentia-se extremosa amante pelas palavras de consolação que lhe dava; ia invocar a alma da santa de Vairão; e voltava cheia de esperança ao leito de meu aflito pai a pedir-lhe paciência e confiança. Aqui tens a nossa vida nos últimos quatro meses. Bem fizeste em não vir connosco: terias um quinhão destas amarguras, minha prima. Mas, ao mesmo tempo, que alívio para mim, se te eu visse ao pé de minha mãe! Eu não sei como hei-de consolá-la. Tu saberias, Leonor, porque no coração da mulher é que Deus depositou as suas palavras de consolação para os desgraçados sem culpa... Chama-me a minha pobre Eufémia... Minha mãe está delirando; faz contra si própria acusações que me trespassam a alma. Pede perdão a meu pai por lhe não ter podido dar felicidade, que ela em si não tinha!... Não te acuses, minha santa mãe! Tu foste o anjo que se fez nas cinzas do teu coração, anjo de ternura e de piedade, anjo de perdão e de súplica por todos que te injuriaram, e te mataram, primeiro que a meu pai... Não posso mais... Logo que minha mãe tenha forças, vamos para Portugal. Adeus, minha querida Leonor. Chora uma lágrima, que ta merecem os infelizes que mais te amam neste total desamparo de amigos.

Nápoles – Maio, 15 de 1831.

*Do teu
Álvaro.*

Leonor não tinha lágrimas. Requeimara-lhas o ódio ao pai, e o anseio da vingança. Pouco antes de ler aquela carta, recebera ela a notícia do desterro violento de Miguel de Sotto-Mayor.

As comendadeiras do convento houveram horror e não piedade dos esgares frenéticos da morgada.

XI

C'était Ninon de Lenclos qui disait qu'elle remerciait Dieu, tous les soirs, de son esprit, et qu'elle le priait, tous les matins, de la préserver des erreurs de son coeur.

MIRABEAU, *Lettres à la marquise de Monnier.*

Já Leonor não estava no mosteiro, quando Maria da Glória, mês e meio depois da morte de seu marido, chegou a Lisboa. O pai, temendo que a exasperação a alucinasse até o extremo do suicídio, levou-a para os Olivais, e cuidou em amaciar-lhe a braveza com os antigos carinhos e distração de amigos e parentes, devotados todos a delir-lhe da lembrança a imagem do expatriado.

Álvaro, no dia imediato ao da sua chegada, recebeu recado urgente de João de Matos, para ir falar-lhe.

– Chamei-o – disse-lhe ele – para lhe dar o que o senhor Macedo me não pede: é um conselho. Seu pai, que Deus haja, tinha em vista casá-lo com sua prima Leonor de Brito. O senhor consultou alguma vez o seu coração sobre este desígnio de seu pai?

– Sim, senhor, e achei-o conforme aos meus mais ardentes desejos.

– Tem o senhor Álvaro alguma espécie de confiança nos merecimentos de sua prima? Crê que ela o estima?

– Devo supor que sim.

– Está num erro. Agora o conselho sem preâmbulos:

não case com sua prima, nem exponha o seu bom coração ao escárnio e à desonra que inevitavelmente lhe há-de vir com o arrependimento extemporâneo. Se não pode esquecer-la, converta essa lembrança em estima, e a estima em virtude: quando a vir desgraçada, ampare-a. Imagine que sua prima há-de passar pelos elos duma cadeia fatal. Não está nas suas mãos quebrar-lhe a cadeia; mas a misericórdia pode muito, e a caridade faz milagres. Ainda o chamei para outro fim. Eu vou depois de amanhã deportado para Abrantes, à ordem do senhor D. Miguel. Vou ralado de desgostos, e vaticino que toda a força de minha alma e a muita energia que me dá a consciência pura, me não sustentem na queda. Se eu cair, e o não tornar a ver, lembre-se, no longo curso da sua vida, destas lágrimas que viu na face dum velho, e por elas lhe rogo que, em meu nome, ajoelhe aos pés de sua santa mãe, e lhe peça perdão para mim que lhe matei a felicidade de toda a vida.

João de Matos apertou ao seio o filho de Maria da Glória, e disse-lhe:

– Vá... Eu não o verei mais... Na eternidade saberei se sua mãe me perdoou.

Álvaro apareceu a sua mãe ainda com lágrimas. Interrogado acerca delas, contou o sucesso, e fez de joelhos a súplica. Maria da Glória ergueu as mãos, e disse em seu coração: «Vós bem sabeis, meu Deus, que eu perdoou a quantos me fizeram mal; e a este, que pecou, e se reabilitou pela contrição da honra, dai Vós, Senhor misericordioso, as consolações que a mim me dais por intervenção de meu filho.» E acrescentou em voz alta:

– Vai dizer a esse nosso *amigo* que tua mãe lhe deu este nome. Pede-lhe licença para saber as intimidades da sua vida. Se ele quiser emigrar, e não tiver recursos, diz-lhe que és rico: pede-lhe com encarecimento que tos aceite. Ouvi dizer à santa de Vairão que seu sobrinho era pobre, e morreria pobre. Disse-mo em elogio da sua probidade. Vai, meu filho, que esse homem perdeu tua mãe para a felicidade; mas restituiu-ta para o amor.

João de Matos ouviu da boca de Álvaro as textuais palavras de sua mãe. Balbuciou muito comovido expressões de reconhecimento, e, apontando para um grande painel, disse:

– Guarde de mim aquela lembrança: o retrato de um pai honrado é um constante pregão de honra; o do amigo verdadeiro, e inflexível no infortúnio, é um consolador, quando não pode ser um conselheiro mudo.

Agradeceu Álvaro a dádiva, e ajudou a deslocar o quadro para o levar consigo. Foi esse mesmo o que eu vi nas ruínas dos Olivais.

Deste probo e desditoso estadista não falaremos mais. Logrou ser profeta do seu repouso. Finou-se com pouco tempo de desterro. A sua última carta ao filho de Maria da Glória era uma reminiscência dorida dos dias em que a paixão o ensandecera a ponto de não ver o abismo em que a virtude e a paz duma mulher se despenhavam com a honra dele. Esta carta denotava desconcerto de espírito; e, por ser a última, de perto se seguiu o apagar-se aquela grande luz, que de mais, no entender dos magnates e dos áulicos, alumia a ignomínia e a protérvia daqueles que empeçavam na virtude do homem, leal ao trono; mas leal ainda mais à honra.

Choraram-no Álvaro e sua mãe. Tão afeiçoado lhe era o moço, que pedira licença a Maria da Glória para o ir visitar em Abrantes, e conduzi-lo para sua casa, indultada a sentença. Algumas horas, cismando nele, pensava Álvaro em ver sua mãe ligada em segundas núpcias a um homem de quem ele já tinha no coração palavras paternas, e segura base para o amar e respeitar no futuro com o amor e veneração de filho. Deu mate a estas doces cogitações a morte; mas a saudade ficou imperecível no coração de Álvaro, e a gratidão no espírito de Maria da Glória.

Se não caísse a propósito este incidente, logo de começo teria eu dito que Sebastião de Brito foi logo visitar sua cunhada, e oferecer-lhe a sua casa dos Olivais. A viúva não aceitou, porque a soledade com seu filho era tudo o que lhe restava bom e aceitável neste mundo. Leonor, algum tanto desvanecida de Miguel de Sotto-Mayor, cujo silêncio de alguns meses a desmemoriara, e a o mesmo tempo industriada por amigas e parentas, mostrou afável sombra ao primo, por entre uns gestos de tristeza insinuante. Dizia ela que um ano de vida lhe modificara em muito o génio, e que ainda agora começava a sentir-se no coração. Recebia carinhosa, ou antes desafiava os agradamentos de Álvaro, já comovendo-se com arte às saudades com que ele relembra o pai, já seguindo-o às inspirações da vindoura felicidade, e fantasiando-a com ele na vida do campo, na ausência dos esplendores sociais, e na permutação íntima e obscura dos sentimentos de duas almas apaixonadas. Com Maria da Glória não era ela menos artificial, ou encarecendo-lhe as virtudes do filho, ou pedindo-lhe conselhos para o igualar em merecimentos.

Escutava Álvaro sua prima com assombro e desconfiança; e Maria da Glória ouvia a sobrinha, notando-lhe a sagacidade, em que fora industriada pelo pai ambicioso, e pelas mulheres da roda ilustre, professoras no logro e nas fraudes do coração. E daí, o silêncio de ambos no tocante a casamento; e os sustos de Sebastião de Brito, e os despeitos da filha orgulhosa, à conta daquele silêncio.

Secara a fonte perenal dos recursos do morgado com a morte do irmão bastardo. A cunhada não se afoitava ele a pedir as grandes quantias, nas ocasiões apertadas; e ainda menos ao sobrinho, o qual, se bem que tivesse dezoito anos, nada pedia nem aceitava dos grandes haveres de sua mãe. Lastimava-se o morgado à filha, arguindo-a de ser causa de tantos desgostos e vexames com o seu proceder. Esta, que os principiava a sentir em certas faltas que a superabundância sem regímen faz conhecer, duplicava as ciladas ao coração do primo e à benquerença da tia.

Uma vez estava ela a sós com Álvaro. Este entretinha-se nesse tempo a escrever

as memórias da sua infância, e deixara o manuscrito aberto na mesa de estudo. Pediu Leonor licença para ler algumas páginas, e ele hesitou; mas insistiu Leonor tão meigamente que o primo deixou-a ler as duas últimas. Tinham estas referência aos oito anos de sua idade, e terminavam assim: *Não esqueceria nunca os dias dos Olivais, ainda mesmo que da afeição, então nascida, mais odiosa me fosse a lembrança.* Seguiam-se algumas reticências.

Leonor depôs o manuscrito, e disse triste:

– Estes pontinhos que significam?

– Nada, minha prima.

– Dás-me licença que eu complete o teu pensamento? Deixas-me escrevê-lo sobre as reticências?

– Escreve – disse Álvaro risonho.

Leonor, sem demora de pensar, continuou assim a escrita:

Aquela criança, inocente e formosa como um anjo aos meus olhos, naquela idade, amava-me, e não sei que amor era o seu, porque o amor dos anjos deve ser misterioso, e é. Mais tarde, eu não podia amá-la, porque não pudera entendê-la. Senti-me enfastiado dela, como as crianças das flores com que brincam uma hora. Não a esqueci porque a vejo sempre; mas esquecê-la-ei quando a mulher, que vagamente me fala nos sonhos, me disser: Sou eu. A tua Leonor era o amor da inocência; e eu sou a mulher da paixão.

– Aqui tens – disse ela. – Agora, sim; está completa a página.

Álvaro leu, fitou os olhos em sua prima, e disse:

– Porque te enganas a ti própria, ou porque me mentes, Leonor?!

– É uma nova injúria que o meu coração te agradece assim... – E dizendo, beijou-lhe a face e retirou-se.

Ai! Maria da Glória, como hás-de tu combater o veneno corrosivo daquele beijo?!

João de Matos, varão justo, que tinhas no tom e no gesto a modulação e a postura do profeta, as tuas palavras esculpíam-se no espírito de Álvaro; mas o coração não fora chamado a jurar nas promessas do espírito!

Venceste, Leonor, venceste!... Uma vitória só te falta: olha se rebelas o filho submisso contra a vontade da mãe; espedaça os liames, que prendem essas duas almas; e então levarás a rojo da tua astúcia os mais sagrados deveres do coração.

XII

Como se é criança!... Como se é criança!

GOETHE, *Werther*.

Viu Maria da Glória seu filho amargurado, e misterioso. Notou igualmente a ausência prolongada de Leonor e do cunhado. Industriosamente, se fazia admirada, a ver se surpreendia o coração do filho. Malogrados estes meios, foi em direitura à chaga suspeita, e descobriu-a.

– O teu sofrimento são saudades de tua prima, Álvaro.

– Eu não posso mentir a minha mãe...

– São? – interrompeu Maria.

– Saudades, e dúvidas que me atormentam.

– Que dúvidas? se te ama?

– Penso que temos sido injustos com ela, minha mãe...

– Diz-me o que te faz assim pensar, Álvaro.

Não se fez rogar o moço: contou a cena das «memórias da infância» e mostrou o acrescentamento escrito da mão de Leonor. Maria leu, sorriu, e disse:

– Tanta palavra! tanta palavra!... Crês isto, filho?

– Diga-me a minha mãe se não devo acreditar.

– Não deves. Vai ao convento das comendadeiras e pergunta o que fez ali tua prima, durante oito meses.

– Minha prima esteve no convento das comendadeiras!?

Maria abriu a gaveta de uma escrivaninha, e mostrou a Álvaro uma carta, recentemente recebida, de uma senhora, sua amiga de colégio, que a predispunha contra o enlace de seu filho e uma *doida furiosa*, dizia a carta. Era isto o prólogo de miúda notícia de todos os actos de Leonor, desde a entrada e tentativa de fuga, até às contorções de possessa que a fizeram supor demente.

Álvaro dobrou a carta, e encostou a fronte à mão Para *I* esconder de sua mãe as lágrimas.

– Crês no arrependimento de Leonor? – continuou a mãe serena e afável. – É possível; mas o segredo que teu tio escondeu de nós, e o ar de candura com que ela se tem oferecido à nossa estima, qual provam mais, arrependimento ou astúcia? A culpa arrepende-se, confessando-se. Estas palavras são uma hipocrisia, e o beijo dessa menina e...

Maria da Glória susteve a palavra que era a própria, e corou-a assim:

– É uma liberdade que deve magoar um coração delicado como o teu.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, e, após eles, Maria continuou com veemência e majestade:

– Álvaro! tu és um homem. A tua dor é questão mais de honra que de coração. Eu tenho ciúmes dos bons sentimentos da tua alma, e, por vontade minha, hei-de cedê-la unicamente a quem te chamar «esposo» com o extremoso amor com que te eu chamo «filho». Se Deus não quer que as minhas contas com o infortúnio estejam saldadas, casa embora com Leonor. Não te lanço da minha alma; mas não contarei mais com a tua. A minha vida não alcançará a tua desgraça. Morrerei a tempo de ir pedir a Deus que te dê forças para ela.

Álvaro ergueu-se de golpe, e apertou nos braços a mãe lavada em lágrimas.

– Não me fale assim, minha mãe! – exclamou ele. – Perdeu a confiança no poder da sua vontade?! Eu não lhe disse que casava com Leonor, nem mesmo lhe disse que a amava com paixão... Deixe-me ser para ela o que minha mãe uma vez me disse que eu fosse: amigo dela, quando a visse desgraçada...

– Seja assim, filho! – disse Maria com desafio e alegria – seja assim, converte em sentimentos de bom irmão esse amor, cuja profundidade tu não sabes sondar ainda... Ainda mais te cede a tua boa mãe... Escuta, meu querido Álvaro... Fazes-me a vontade?... Olha... estuda dois anos o carácter de Leonor, espera-lhe o desenvolvimento que ela há-de ter neste prazo; e, se, decorridos dois anos, a vires igual, toda absorvida na esperança de ser tua, e tão amante como virtuosa, dá-ma como filha, e eu do amor que te tenho farei um segundo coração para lhe dar a ela.

Desanuviou-se por momentos a fronte do moço; mas a tempestade lá estava na alma. A carta da comendadeira estava ainda ali sobre a banca, e contra a exactidão daquela história é que o prazo do estudo não podia prevalecer.

Coincidiu com estes sucessos a vinda do morgado dos Olivais, a convidar seu sobrinho para festejar os vinte anos de Leonor. Não trocaram palavra ressabiada de despeito, nem o semblante de Maria denotou diferença.

Álvaro é que notou magreza e palidez no rosto da prima. A natureza tem às vezes a caprichosa benevolência de entrar nestas comédias humanas. Duas noites mal dormidas, um defluxo, uma dispepsia, sombreiam o aspecto das cores mórbidas duma certa tristeza, que fica bem. Pode ser, e de certo é, não ter parte o espírito nas contingências do ar atmosférico, da insónia, e do alimento indigesto; mas a crítica de poetas, e amantes, mesmo sem poesia, é tão fantasiosa, que quer ver, nas desfigurações do rosto macerado, o desfibrar-se o coração a si mesmo com as presas da sua própria paixão.

Se aos trinta e aos quarenta anos há muita gente que se prende ao visco desta armadilha, que fariam os dezoito anos de Álvaro Teixeira? Sinceramente acreditou que sua prima padecia as dores do arrependimento e as do amor sem esperança. Se, porém, ia no exórdio duma fala carinhosa, assalteavam-lhe a lembrança as palavras daquela carta da comendadeira, e o coração retraía-se-lhe sobre si, como se o sangue congelasse súbito.

Estavam sozinhos na janela de uma saleta. Leonor apoiara a testa na mão e o braço no peitoril. Álvaro tinha os olhos no céu estrelado, e ouvidos e coração banhados das ondas de harmonia que vinham das salas.

– Porque me não amas tu?! – disse Leonor encarando repentinamente no primo.

– Que fizeste tu no convento das comendadeiras, Leonor? – respondeu serenamente Álvaro.

– Expiei um desvario do espírito em que o coração não tinha parte alguma; obedeci à fatalidade, e abrandei-a com as agonias que padeci. Purifiquei a minha alma das manchas que me deixou a indiscreta educação que me deram. Paguei amargamente a culpa de perder minha mãe aos treze anos. Aqui tens o que fiz no convento das comendadeiras, Álvaro. Quando alguma mulher virtuosa te fizer semelhante pergunta, responde-lhe pela minha boca.

Retirava-se; mas Álvaro susteve-a, e disse-lhe com muita ternura:

– Tu não amavas aquele homem, Leonor?

– Não o amava; via nele a minha desgraça; obedecia-lhe à fascinação; sentia de antemão o prazer de me sentir despedaçar na queda ao meu abismo. Poupa-me, Álvaro; não festejes assim os meus anos. Tenho vinte; e, se pudesses ver a minha alma, tão extenuada, tão envelhecida, chorarias, e dirias às *virtuosas* do convento que o seu rir das minhas loucuras era como atirar lama ao rosto de quem chora... Vamos para a sala, que

é tempo.

Álvaro ficou naquela janela com os olhos sempre fitos na mesma estrela. Era ali que ele a via e ouvia, vinte e nove anos depois, àquela janela, quando o eu contemplava na outra das ruínas. Era ali!... que tristeza para quem tiver de Deus ou da desgraça o condão de compadecer-se nas dores alheias!

«Não serão precisos dois anos para te estudar o lento suplício da tua purificação, minha pobre Leonor!» Isto dizia Álvaro em si, quando Sebastião de Brito o chamou para pedir à inflexível Leonor que dançasse um minuete da corte. Álvaro pediu, e foi obedecido com um ar de vítima contente do seu martírio. Depois dos aplausos, sentou-se junto à prima, e disse-lhe:

– Amas minha mãe, Leonor?

– Afiz-me a julgá-la também minha: queria poder... e cuidei que devia chamar-lhe mãe.

– Hás-de chamar, Leonor... Porque não vais vê-la?! Porque lhe não contas esses desgraçados desvarios, que se deram durante a nossa ausência?!

– Quis contar-lhos, antes que a sociedade lhos dissesse; mas a minha confissão devia ser do coração, e esse não tinha que confessar, e, se tivesse, só a ti se confessaria. Além de que, tua mãe deve ter vaidade da sua virtude sofredora, e seria intolerante comigo.

– A mãe não tem vaidade da sua virtude, prima! –redarguiu mansamente Álvaro.
– Eu queria que te ela amasse como a mim, e sei que tu o conseguirás, se quiseres. Vai amanhã ver-nos, conversa muito com ela, e não te molestes, se a vires menos risonha que de seu costume, não?

– Irei lá amanhã; mas não me peças o suplício de relatar extravagâncias, que me envergonham. Sei que tua mãe mas perdoaria aos meus anos; sei-o porque ela é boa, e padeceu. Os felizes é que não perdoam nem sabem os amargos descontos da leviandade... E demais... – continuou ela passando da brandura à irritação: – Que crime foi o meu? Em que perdi? Que desaire pratiquei de que deva envergonhar-se meu futuro marido, ou minha futura sogra?

Álvaro ia responder, quando viu o rosto inflamado e o olhar sinistro de sua prima. Era o natural colérico de Leonor superando os empecos do artifício, e mostrando-se em toda a sua deformidade e nudez. A menina estorcia-se na cadeira, e arquejava de modo que lhe rangiam os espartilhos. Este acesso durou minutos, e tamanha força teve com ela que a obrigou a ir raivar sozinha no seu quarto, enquanto Álvaro, procurando o tio, lhe dizia que a prima Leonor saíra de ao pé dele incomodada.

Voltou já outra, depois de meia hora, e explicou o acidente com dores de peito causadas pela compressão do colete.

Álvaro contou na manhã do dia seguinte estes acontecimentos a sua mãe, sobre o que dizia respeito a ela, e o conflito do colete.

Maria da Glória respondeu a tudo nestes termos breves e secos:

– Muito bem, meu filho. Principiaste os teus estudos: continua-os. Tens dois anos, e vagar para estudá-la.

Decorreram oito meses, sem que Álvaro descobrisse sensíveis desigualdades no amor de sua prima. Se a encontrava triste, a si se dava conta daquela tristeza, atribuindo-a ao fastio de esperar na incerteza. Se lhe ela respondia com enfado agora, a arte corrigia logo as saídas inconvenientes da natureza; e os reparos do moço desvaneciam-se. Neste longo intervalo, Sebastião de Brito falou à cunhada na realização do casamento, e esta decidiu-se pela vontade de seu filho: tão segura estava da palavra dele. O morgado, porém, infatigável em desbaratar a casa, e forçado não tanto pelos credores como pela vocação do desperdício, pediu dinheiro avultado à viúva, e obteve-

o. Este resultado esfriou a actividade do morgado, e comprazeu a Leonor.

Em Março de 1832, foi Maria da Gloria com seu filho e Leonor a Vairão visitar algumas das suas amigas que ainda viviam, orar de joelhos sobre a sepultura de soror Joana das Cinco Chagas do Senhor, e apresentar à prelada um aviso régio que concedia a Cecília viver fora do mosteiro por tempo indeterminado na convivência de Maria da Glória.

Uma freira de Vila do Conde, amiga da família Sotto-Mayor, falando de poetas, disse que Miguel tinha escrito aos parentes, da ilha Terceira, donde o duque de Bragança brevemente sairia com uma expedição para desembarcar em Portugal. Álvaro, durante a narrativa, não desfitou os olhos de Leonor, e viu-a muito atenta e excitada com a notícia. Interrogou-a particularmente, e recebeu como explicação uma casquinada de riso, com que o seu coração, absurdo como todos, se deu por satisfeito.

De volta de Vairão, dois meses depois, Leonor e Álvaro subiram à colina dos arvoredos dos Olivais, onde estão aqueles escabelos de pedra musgosa em que me eu sentei com o padre em 1859. Levava Álvaro um álamo para plantar, e, segundo ele, essa árvore era o símbolo da aliança eterna. Mal escolhida árvore, cuja folhagem tão movediça é! Noutra já mais entroncado talhou ele as duas letras: *L. A.*, e dos sarmentos da árvore fez duas grinaldas com arte entretecidas, e as deixou pendentes dos braços tenros da árvore.

Finda esta bucólica, Leonor olhou para o interior de sua consciência e coração. Chorou, e disse:

– Quem me dera ser feliz, meu Deus!

Nunca da consciência e coração de mulher saiu tão sincero grito! Se há fatalidade, era aquele pressentimento da desgraça que lhe fazia tomar como escárnio e mentira o que para Álvaro estava sendo sacratíssima poesia, pacto do coração confirmado por Deus, e uma festa de anjos celebrada com a inocência da mais santa fé e esperança.

– Pois não és tu feliz, Leonor!? – exclamou o apaixonado moço, apertando ao seio a incompreensível mulher.

– Sou feliz, sou, primo... Tenho momentos de louca, de perdida... Nem sei o que quero, nem o que digo!... Talvez que o mais acertado fosse desejar a morte...

– A morte!... – atalhou com espanto Álvaro. – E eu amar-te tanto, e a não pensar senão na vida, na felicidade deste mundo, em que eu creio como nas palavras de minha mãe...

Leonor não replicou: tomou-lhe o braço, e desceu para o palacete, onde os esperavam Maria da Glória e Cecília.

Quando, alta noite, Álvaro ia contando na carruagem a misteriosa cena do bosque, Maria saiu dum recolhimento profundo, e disse:

– Já lá vão dezenove meses de estudo, e parece que não estudaste ainda nada, meu pobre filho!... Espero que a Providência te abra os olhos... Foi o que eu pedi à alma da santa de Vairão, e descansei na eficácia da súplica. Hás-de ver Leonor como eu te vejo a ti Álvaro.

XIII

«Adeus!»... *palavra fatal!*

BYRON, *O Corsário*.

Um mês ao certo, depois da plantação do álamo simbólico de eterna aliança, e do entalhe das iniciais, desembarcou no Mindelo a anunciada expedição do duque de Bragança. Miguel de Sotto-Mayor era um dos sete mil e quinhentos, e soubera validar-se em inteligência e linhagem para ocupar entre os homens de porte uma apreciação distinta, sendo que o facto do exílio por amor à legitimidade, depois dos cárceres de S. Julião, lhe bastaria a merecê-la.

Sabia Sotto-Mayor que as suas cartas, enviadas do estrangeiro, nunca chegariam às mãos de Leonor, se as escrevesse. Apenas saltou em Portugal, aproveitou a desordem dos espíritos, e expediu aos Olivais um caminheiro sagaz com carta a Leonor, prevenindo-a da sua chegada, caso ela estivesse fora do convento. O enviado devia aventurar-se a entrar em Lisboa, e levar-lhe a nova às comendadeiras. O hábil confidente pernitoou na própria casa de Leonor, disse aos criados que vira desembarcar o exército, e conseguiu entrar à presença do morgado e de sua filha. Enquanto aquele, praguejando contra malhados e agourando-lhes derrota inteira em quinze dias, passeava na sala gesticulando, o hóspede, que o aplaudia, deixou cair no regaço de Leonor a carta, e pronunciou subtilmente a palavra *Sotto-Mayor*.

A sobressaltada menina saiu da sala, e leu a longa carta com arrebatada alegria e convulsões de louca.

Miguel, exaurida a linguagem maviosa do amor, falava da sua esperançosa posição e dos grandes destinos a que o chamavam os seus talentos. Se não era modesto, seria injusto acoimá-lo de visionário. Capacidades somenos o igualavam no imoderado das ambições, e lograram realizá-las muito além do escopo em que punham o fito. Dizia, porém, ele que renunciava à glória, se Leonor a não quinhoasse com ele, e que poria o peito às primeiras balas dos inimigos, se a encontrasse infiel aos juramentos.

Respondeu Leonor contando-lhe mentidamente o assédio em que seu coração tinha gemido até àquela hora. Louvava-se da sua constância, atribuindo-a mais à doce fatalidade que os aproximava, do que às débeis forças de mulher. Pedia-lhe que a salvasse sem demora dos últimos assaltos do amor do primo e da ambição do pai. Sujeitava-se a fugir para o Porto, com qualquer pessoa da confiança de Sotto-Mayor, e ser sua esposa lá, como da alma o era desde a primeira vez que o vira.

O portador da nova, sem o menor empeco, entrou no Porto, e saiu dias depois a nova comissão para os Olivais, onde a ansiedade de Leonor alongava as horas intermináveis. A resposta correspondeu à ânsia. Na saída da aldeia estavam as cavalgadas, tomadas em povoação fora da estrada real, e o confidente, espiando hora propícia, entregara a carta, e planeara o momento da fuga.

Era no último dia de Julho daquele ano de 1832.

Álvaro Teixeira e sua mãe saíram de Lisboa numa tarde de muita calma, e foram gozar a fresca da noite nos Olivais, com o intento de levarem Leonor, no dia seguinte, ao Vale de Santarém, onde a viúva tinha um casal, que não via desde que fora enclausurada.

A inesperada visita conturbou Leonor. Era aquela a noite da fuga, e o morgado, se a cunhada não viesse, iria para Lisboa, curioso de saber se os rebeldes tinham sido

espingardeados no Porto. Como, porém, Álvaro dissesse que se movia o exército em direcção à cidade heróica, Sebastião de Brito esfregou as mãos, e disse que os malhados àquela hora de certo já tinham embarcado para salvarem as orelhas. Leonor intimidou-se, mas o seu brilhante futuro não lho empanou sequer uma sombra de desistência.

Às onze horas, disse-lhe Álvaro:

– Vamos ao lago, Leonor? Vejo-o daqui tão lindo e prateado pela Lua!...

– Vamos – respondeu ela após curta hesitação.

E Álvaro replicou:

– Parece que não vais de vontade!

– Vou; mas deixa-me ir buscar um xale, que estou levemente constipada.

– Então não vamos, não, minha prima... Eu não sabia...

– Havemos de ir... – tornou ela. – Espera um pouco...

Foram. A superfície do lago estava em verdade encantadora. A bacia era franjada de festões curvados e espelhados na água morta e límpida. Entre os arbustos relampejavam os vaga-lumes, e à flor da água saltitavam uns insectos cujas asas reluziam douradas pelo luar. A espaços, ressaltavam os escalos à tona, e abriam muitos círculos e em cada círculo uma zona de prata.

– E dizem que não há felicidade neste mundo?... – murmurou Álvaro, tomando nas suas as mãos de Leonor. – Que é isto que eu sinto, e tu deves sentir agora!...

Leonor não respondeu, e Álvaro prosseguiu:

– Estás em êxtase diante deste formoso quadro, prima? Tens razão! Tudo isto diz melhor o que sentimos do que a pobre linguagem do homem...

– Isto é belo!... – disse Leonor maquinalmente, e ouviu, ou não ouviu o amor eloquente de Álvaro, que naquela noite fora mais que nunca eloquente e amante.

Soaram os três quartos depois das onze.

– Ó primo – disse Leonor inquieta –, vais tu buscar-me a minha capa de capuz?

– Vou; mas tens frio?

– Receio tê-lo e não quero sair daqui...

– É melhor irmos, vamos, prima...

– Não vamos: vai buscar a minha capa, sim?

Apenas Álvaro desapareceu no fundo da rua fechada de murtas, Leonor correu ao longo de uma álea de acácias em direcção oposta. Da extrema deste passeio, desceu por degraus a um pomar de laranja, e tirou da abertura de um aqueduto uma pequena caixa, e um chapéu de veludo emplumado. Dali seguiu rente com o muro da quinta, e abriu uma pequena janela de umas poucas iminentes à estrada, e saltou, auxiliada por um homem que a esperava, e a quem entregou o cofre das jóias de sua mãe. A poucos passos, estavam as cavalgadas, e o caminho franco para celerada fugida.

Álvaro tinha pedido a capa com aquela pressa do amor que nas menores coisas se desvela e impaciente. O morgado acudiu perguntando o que tinha Leonor; e, como o primo não respondesse para ganhar tempo, vieram depós ele Sebastião de Brito, Cecília e Maria da Glória.

Quando abordaram o lago, ouviram Álvaro chamar Leonor.

– Onde está ela!? – perguntou o pai. – Fala, Leonor, não andes a fazer fosquinhas!...

– O local é próprio para jogar as escondidas... – acrescentou Maria da Glória.

– Eu vou dar com ela – tornou o morgado, batendo os caramanchões, e dando gargalhadas do seu logro, e da esperteza da menina.

Nisto demoraram alguns minutos, até que Álvaro disse:

– Leonor já não está aqui.

– Pois onde há-de estar? essa é boa! – replicou o tio. – Vamos dar com ela no

laranjal.

E foi com o sobrinho pelo caminho, que ela seguira. Correram o pomar, e viram aberta uma janela.

– Aquela janela aberta! – disse Sebastião de Brito.

– Foi por ali que ela saiu – ajuntou Álvaro; mas a última palavra proferiu-a tão afogada como se fosse a última da sua vida.

O morgado debruçou-se no peitoril da janela, e viu um lenço branco. Tentou saltar ao caminho; mas o instinto do reumatismo da perna esquerda conteve-o em contemplação arquejante. Chamou a altos brados os servos; mas ninguém o ouviu: dormiam todos. Chegavam neste conflito Maria da Glória e Cecília perguntando ambas por Álvaro. O morgado não lhes respondeu, de açodado que ia, caminho de casa. Correram o pomar, e acharam Álvaro encostado ao tanque, como se fora uma estátua de adorno. Pôs-lhe a mão na testa a mãe, e sentiu-a fria de mármore, tirou por ele para o seio, e disséreis que a estátua caía hirta e inteiriça, impulsada pelos braços de Maria da Glória.

– A maldita de Deus matar-te-ia, meu caro filho? – exclamou a mãe.

Álvaro desligou-se dos braços de ambas, pediu que o deixassem, e sentou-se, escondendo nas mãos a face.

– Porque não ergues as mãos a Deus, Álvaro? – tornou Maria da Glória. – Vês agora o abismo de que tua mãe te queria salvar?

– Não me fale, minha mãe – disse Álvaro com energia. – A que vem Deus aqui?!... Deixe-me ver se esta agonia acaba comigo.

Maria da Glória sentou-se ao lado do filho, invocou a alma da santa de Vairão, e pediu a Cecília que orasse com ela. Eram passados minutos, quando no palacete se levantou grande rumor de vozes, de portas, e de passos. O morgado mandara aparelhar cavalos, e destinou um criado para a estrada de Lisboa, e outro para Vila Franca. Maria da Glória disse a Cecília que mandasse pôr a parelha à carruagem. Álvaro ouvindo esta ordem, ergueu-se, e disse chorando:

– Tenho ainda minha mãe... Bendito seja Deus!...

Maria, abraçando-o com transporte, exclamou:

– E que coração de mãe tu tens aqui, meu querido filho!... não morrerás, não, Álvaro?

– Morrer!... Não se morre assim, minha amiga... Os seus onze anos de martírio envergonham a fraqueza de quem sucumbe... Hei-de viver, minha mãe...

Álvaro, perpassando certos sítios, parava, e contemplava-os alguns instantes. Ao sair do jardim, voltou-se de rosto para ele, e articulou:

– Adeus!...

– Depois, fitou os olhos em sua mãe, e acrescentou:

– Ora veja que mocidade a minha!... Estou no princípio da vida!...

Não lhe respondeu a mãe: os soluços cortavam-lhe a palavra. A carruagem veio tomá-los no pátio. Sebastião de Brito acudiu à portinhola perguntando se o deixavam sozinho com a sua aflição: Maria disse-lhe que não havia ali ninguém que pudesse consolá-lo.

O cavaleiro, que seguiu estrada do Porto, só de madrugada encontrou almocreves que não tinham visto senhora alguma. No decurso de algumas léguas nenhum viandante lhe deu melhores notícias. Retrocedeu à noite, ignorando que as pessoas, que fogem, só aproveitam o melhor caminho, quando não têm o pior atalho. Ora o confidente de Miguel de Sotto-Mayor tivera tempo de estudar a topografia do terreno, e atravessá-lo por povoações menos praticadas até Coimbra. Daí passou a Aveiro onde tomou um iate, e desembarcou a salvamento em Matosinhos, quando a esquadra de D. Miguel se estava

batendo com a do almirante Sartorius, defronte de Vigo, e a costa do Porto era de difícil acesso.

Miguel de Sotto-Mayor foi surpreendido nos trabalhos do entrincheiramento por Leonor, e apresentou-a como esposa aos seus camaradas, atónitos da formosura dela. O título com que a apresentara foi daí a poucas horas confirmado pelo primeiro padre, que em sua consciência se julgou idóneo para suprir o consentimento paterno. Miguel não daria grande valor sacramental ao acto; mas entendeu que pendia dele a dignidade de Leonor, e o respeito de si próprio.

Não direi que a apaixonada e viril senhora seguisse o esposo às trincheiras, ou fizesse ondear as plumas do seu chapéu ao sopro das batalhas. Seria falsear a crónica afirmar que o poeta se achou muitas vezes ao lado dos Garretts e Herculanos que mordiam o cartucho com tanta seriedade de espírito como escreviam a *Harpa do Crente* ou *O Arco de Sant'Ana*. O fidalgo de Vila do Conde, oferecendo os seus talentos especulativos, conseguiu empregar-se nas rodas intelectuais daquele grande aparelho de guerra; e, tão acrisolado foi nas funções do espírito, que chegou ao termo da guerra com as carnes intactas, e grande fama de prudente. Os bravos, que o viam com mulher tão bela, achavam-lhe racional o medo, e diziam que por tal preço todos aceitariam o estigma de cobardes. Os assustadiços cogitavam na traça de salvarem as imunidades pessoais, à sombra de tão bela égide, sem dano da sua reputação patriótica. Os casamentos, porém, eram difíceis naquela época, e o imperador costumava dizer que a namorada dos valentes era sua filha.

Abriram-se as linhas, entrou o exército libertador em Lisboa, e Miguel de Sotto-Mayor, conquanto não assistisse à vitória de Cacilhas, foi um dos expedicionários. Dias depois chegou a Lisboa Leonor, e procurou notícias de seu pai. Soube que saíra dos Olivais para uma quinta do Alentejo, logo que a tropa liberal estanciou em Leiria. Escreveu ela a seu pai, em termos que os não diria mais amáveis uma boa filha. Convidava-o a aceitar a validíssima protecção de seu marido, e recolher-se a Lisboa, sem temor de desfeita, ou desforço de antigos ódios políticos.

Sebastião de Brito era um tolo com uma boa alma, amigo extremoso de si mesmo, apegado à vida por muitos, posto que apodrentados liames do coração, e namorado ainda de algumas velhas matronas da corte, que tinham tido a temeridade de ficar em Lisboa, sem receio dos bárbaros invasores. Ir para Lisboa, quando toda a sua gente fugia, excepto elas, pareceu-lhe coisa de aproveitar, e foi.

Leonor recebeu-o com muito carinho; deu-lhe de seu marido uma conta que invejariam anjos; ostentou felicidade nos menores incidentes da sua gloriosa aventura; convenceu o pai de que o seu destino era aquele, e rematou pedindo-lhe novas de seu primo.

– Nunca mais o vi – disse ele. – Consta-me, porém, que vive muito triste, e que passa a maior parte do tempo com a mãe no vale de Santarém. Pobre rapaz!...

– Mas não morreu! – acudiu Leonor. – Todas as paixões assim são, meu pai. Uma mulher deixa muitas vezes de seguir o anjo do seu destino para se imolar a um homem, cuidando que o matará, se não renunciar à vida, ao coração, à glória, e às imperiosas exigências da sua índole. A mulher sacrifica-se; e o homem, a quem se deu, passado tempo, não reconhece o sacrifício, nem se julga devedor da abnegação da mártir. E o que me estava reservado com meu primo, cujo génio é perfeitamente o invés do meu. O que seria eu agora com ele? Uma mulher muito rica e muito enjoada da minha riqueza. Assim que sou? Uma esposa que não tem tempo de calcular quantos contos de réis necessita para comprar um capricho. E ele? Sofreu no seu orgulho, sofreria também no coração; mas estas duas dores, quando se juntam, lá se curam uma à outra. Ora aqui tem, meu pai!

– Parece-me que tens razão, filha... – disse Sebastião de Brito, tingindo umas mechas de cabelo, que tinham passado do branco ao escarlate.

XIV

Que direz vous de l'indigence?

MONTAIGNE, *Essais*.

Levantado o cerco de Lisboa, Miguel de Sotto-Mayor foi visitar as herdades de seu sogro, e soube dos caseiros e feitores que os bens livres não valiam as hipotecas, e os vinculados não se remiriam com os rendimentos de cinquenta anos, se os credores chamassem o morgado a juízo. Miguel de Sotto-Mayor disse a sua mulher: «Olha que não tens nada; teu pai não tem um tecto que o cubra, se os credores lho não quiserem dar por caridade.»

Leonor doeu-se do modo seco destas palavras, e respondeu:

– Meu pai não aceita esmolos de ninguém, nem tuas.

O marido achou bonita a reflexão; mas acrescentou que a verdade era aquela.

Convém saber que os haveres de Miguel de Sotto-Mayor em Vila do Conde tinham sido grandemente rebatidos no espaço de dois anos de emigração. Feridos de morte já eles estavam quando o fidalgo foi aos Olivais procurar o bálsamo que tão escasso lá era. Os arrendatários da terra e dos foros haviam adiantado as rendas de alguns anos, descontando nelas a perigosa hipótese de morrer o administrador do vínculo, e apossar-se o legítimo sucessor dos bens desonerados.

Isto, vertido à letra, quer dizer que Leonor podia replicar assim ao marido: «Olha que não tens nada. Não tens um tecto, que te cubra, se os credores to não quiserem dar por caridade.»

Sotto-Mayor fez o que faziam todos os camaradas: pediu um emprego, e ajuizou-se merecedor de tudo o que pedia. Deram-lhe uma prefeitura no Alentejo. Breve tempo exerceu o lugar: minguavam-lhe paciência, habilidade, e recursos para sustentar-se dignamente. Tornou para Lisboa, requereu de novo, e foi recebido dos ministros com frieza, e *esperado* no livro da secretaria.

Neste tempo conjuravam os credores na total ruína de Sebastião de Brito. O velho fidalgo abandonava os processos sem contestá-los. Os bens livres foram penhorados, e os de vínculo obrigados pela renda. Ficou um palácio em ruínas desabitado desde o terremoto, os terrenos contíguos, e uma quinta, bens hipotecados a Manuel Teixeira de Macedo, quando o bastardo, solteiro ainda, não cuidava em saldar contas com seu irmão por um enlace matrimonial dos filhos ambos.

Os homens, que parece gozarem-se em coadjuvar a má fortuna empurrando ao abismo os que para lá pendem, não queriam que Sebastião de Brito pudesse deitar-se em tábuas suas: insinuaram Maria da Glória a senhorear-se do restante dos bens. Esta, sem ouvir seu filho, respondeu:

– Quem castiga é Deus.

O palacete, onde nascera Leonor, passou ao domínio dum negociante, sob condição de ficarem nele como inquilinos por tempo de três anos os devedores. A mobília conteúda foi também penhorada, e Sebastião de Brito depositário dela.

Nestes termos, o espírito de Miguel de Sotto-Mayor passou da inquietação ao desespero. Leonor tragava as impaciências do marido, e enfreava as suas, com medo de irritá-lo. O velho morgado deixou a família, e foi para Lisboa viver das sopas de parentes.

Aqui temos face a face estes dois infelizes. Afigura-se-nos que o severo anjo do

castigo os está contemplando com formidável silêncio. Miguel tem um cavalo, que o leva para longe do semblante amargurado e desbotado de sua mulher. Leonor tem no jardim uns caramanchões, que a escondem a ser observada pelos olhos iracundos de seu marido. No recesso daqueles caramanchões estão os bancos rústicos em que Álvaro se assentava. Ali, à beira do lago, está o escabelo de cortiça em que ela ficara sentada, quando Álvaro foi buscar a capa. Porque não creemos na muita dor e muita saudade daquelas lágrimas, que Leonor está chorando!?

Aí estava sozinha ao entardecer, quando uma sege entrou no pátio.

Leonor admirou-se: já ninguém a visitava de carruagem. A nova criada não conhecia as relações antigas. Disse-lhe que a procurava uma mulher, que não tinha jeito de senhora.

– Isso me quis parecer... – disse Leonor entre si – mas de carruagem!... Alguma nova credora, a quem eu hei-de pagar a carruagem...

– O boleiro traz libré – disse a criada.

– Libré! – murmurou Leonor. – Então enganei-me...

Era Eufémia, a ama de leite de Álvaro.

Fitou com espanto a sobrinha de sua ama, e pediu-lhe licença para a abraçar!

– Abraça-me, Eufémia! e deixa-me chorar no teu seio, que não tenho mais ninguém! – disse a soluçar Leonor.

– Está muito infeliz, minha senhora?! – perguntou Eufémia.

– Estou pobre: escusas de perguntar-me mais nada. E minha tia vive feliz?

– Feliz, não! Com aquele filho sempre triste, como há-de ela ser feliz!... Pobre menina! Quem a viu e quem a vê! Era tão linda!...

– E achas-me feia, Eufémia?! – perguntou Leonor com um triste sorriso, expressão talvez da vaidade ferida, da vaidade, extremo reduto em que a mulher, que foi bela, ainda afronta a desgraça.

– Feia, não, minha querida senhora... Acho-a mais magrinha, e sem aquelas cores de romã, que pareciam dar saúde à gente... Enfim, é conformar-se com a vontade de Deus, e pedir à Virgem Maria que dê saúde a sua tia, que é uma santa. De mando dela é que eu vim aqui trazer-lhe uma encomenda, e dizer a vossa excelência que, nos fins dos meses, cá venho trazer-lhe outra assim.

Eufémia depositou sobre uma mesa um rolo de dinheiro.

– Dirás a minha boa tia – disse Leonor com as lágrimas estancadas nas pálpebras – que a pobre Leonor aceita a sua esmola, e lha agradece com este pranto que vês.

Eufémia pediu nova licença para abraçá-la, e disse-lhe por último:

– De hora a hora Deus melhora, minha menina. Lembre-se que sua tia padeceu onze anos...

– Minha tia era um anjo de inocência, e eu estou expiando culpas enormes: ela consolava-se com a mesma injustiça, eu sinto que mereço o castigo.

Eufémia deu conta da sua comissão a Maria da Glória, e retirou-se quando Álvaro entrava.

– Olha que está muito infeliz a pobre Leonor! – disse a mãe.

– Não Rio tinha eu dito?! Aceitou?

– Aceitou, e agradeceu com lágrimas.

– Deve de estar muito quebrado aquele génio pela desgraça! – tornou Álvaro. – Aceitou a esmola!... Pobre mulher!... Deve estar mudada também de rosto...

– Diz a Eufémia que muito, e até trajada com pouco asseio.

– Perguntaria por mim?

– Não sei, filho... Eu presumo que não teria força para tanto!... Fiz-te a vontade, Álvaro?

- E a sua vontade, minha mãe, não era socorrer também a infeliz?
- Era, era, meu filho...
- Pois não se esqueça de lhe mandar todos os meses o que a mãe julgar necessário à decência dela.
- Mas tu não pensaste ainda na parte que o marido há-de tomar neste socorro?
- Que importa, minha mãe? O nosso fim é melhorar a situação de minha prima, e só o podemos conseguir melhorando a situação de ambos.
- Esperava essa resposta: a tua generosidade, Álvaro, é desinteressada, e nobre. Vejo que não pode nada contigo o ciúme...
- Não, minha mãe – disse Álvaro num falso tom de verdade, movimento de feições que não enganaria olhos e ouvidos mais amestrados.
- Assim é que eu entendo a virtude – continuou Maria da Glória – são estas as jóias de puro ouro que trazem do Céu o sinal da sua valia. Se te deixasses levar dum cálculo, o mesmo seria lançares à balança das culpas estes punhados de ouro, Álvaro. Da antiga Leonor o que resta para ti é a mulher desgraçada, não é assim?
- Decerto... Que mais pode restar?!...
- Mais nada... O Senhor te abençoe o coração, e to encha de alegria e de santos estímulos para a caridade, sem lucro de glória, nem orgulho das boas acções.
- Álvaro, logo que pôde estar sozinho com Eufémia, perguntou:
- Minha prima não lhe perguntou por mim?
- Não, meu senhor.
- E Eufémia proferiu o meu nome?
- Sim, senhor, disse-lhe que o menino andava sempre triste... e ela... ficou assim pensativa... e falou noutra coisa.
- Mas ficou pensativa? e viu-lhe lágrimas?
- Ora, se vi!... quando lhe dei o dinheiro, as lágrimas rebentavam-lhe os olhos como punhos.
- Mas a Eufémia não lhe disse que eu sabia destas coisas de minha mãe?...
- Nada, não disse, porque o menino e a mãezinha assim mo ordenaram.
- Fez bem, e nunca Rio diga, e escusa de dizer a minha mãe que eu lhe fiz estas perguntas.
- Não digo, esteja o meu filho descansado.
- Olhe, Eufémia... Leonor está muito acabada?
- Se está! nem parece ela! lembra-se daquelas rosas que ela tinha no rosto? Nem sinal delas! Está muito magrinha, e tem à volta dos olhos umas pisaduras que parecem de tísica...
- Álvaro recolheu-se ao seu quarto, e escreveu algumas páginas duma saudade tão triste que, se a mãe as visse, cuidaria que seu filho amava Leonor.
- Aqui vai trasladado um fragmento:

Que sentes, que recordas tu hoje, ó desventurada, quando a minha imagem te contempla? Perguntarás a ti mesma o que fizeste de tua beleza, e o que serás amanhã aos olhos desse homem que te encravou na fronte os espinhos da coroa, que eu, a vítima das tuas próprias dores, te arrancaria se pudesse!? O Leonor, que suplício tu mesma escolheste! Porque mio foges daí onde estão as flores da nossa infância! Com que alma podes tu olhar aquele lago, aqueles bosques, e aquelas árvores da colina!? Foi o teu demónio que te acorrentou à sepultura onde enterraste o meu pobre coração!?

Eu mio sou mais feliz que tu, Leonor! O tédio da existência é a maior das tribulações. Tu desejas, talvez, a antiga felicidade, e gozas os tormentos da saudade;

mas eu desejo morrer, e, a cada rebate do passado, é um novo trago de peçonha, que bebo das tuas mãos.

Quer-me parecer que há aí expressões indicativas dum sentimento que não é desprezo, nem sequer desamor. Sem medo de errar, afirmo que só a amizade, paixão muito mais entranhada que o amor, poderia exprimir-se assim. A mim me têm acoimado de paradoxal neste meu sentir sobre a amizade: que monta isso? quero-me até ao fim com o paradoxo; e terei sempre em coisa de pouco o amor, que não enraizou na fibra mais nobre do coração: esta, a meu ver, é a que se diz «amizade», e nada se me dá que a língua humana por aí traga a palavra envilecida nos enxovalhos de falsos afectos, com que a civilidade e a conveniência infamam aquele divino dom da alma humana.

Por me não distrair em dilações impertinentes, irei aos Olivais.

Miguel de Sotto-Mayor, recolhendo noite alta do seu passeio, achou Leonor a pé.

– Esperei-te – disse ela – para te contar que minha tia me remeteu este dinheiro, e a promessa de me dar uma mesada. A nossa posição melhora, e o teu espírito, se me não engano, está livre das aflições da desfortuna doméstica.

– Sendo assim, decerto!... – disse Sotto-Mayor com alegria. – Bem sabes que felicidade e pobreza não se compadecem. Quem teve muito e aspirou a mais, por grande que tenha o coração, esmorece ante o aspecto da miséria. Eu espero a independência, quando entrarem no ministério outros homens; e não me pejo de aceitar de tua tia este dinheiro como empréstimo.

– Agora, outra coisa – prosseguiu Leonor. – Que fazes tu fora de casa até estas horas, Miguel?

– Que faço!? divago sem destino, fatigo o corpo e alma: são exigências do sofrimento, minha Leonor.

– Pois bem – replicou ela entre irónica e meiga – agora que o sofrimento deve ser menos exigente, vive mais comigo.

– Viverei, filha, e compensar-te-ei dos dissabores que te dei involuntários.

Houve grande reforma no viver da morgada dos Olivais: cresceram os criados; cuidou-se no asseio da casa; emparelhou-se outro cavalo, com o que existia, para uso da carruagem; sacudiam-se as librés do pó de quatro anos; a mesa era servida por criado de gravata branca; algumas parentas de Lisboa reconheceram de novo os pergaminhos de Leonor; o próprio Sebastião de Brito voltou à casa de seus avós, com os cabelos cada vez mais variegados de cor do barro e azeviche. Trezentos mil réis mensais, entregues no princípio de cada mês, davam que farte para satisfazer as necessidades do luxo.

Maria da Glória disse uma vez ao filho:

– Tua prima não aprendeu nada no infortúnio.

– Porquê, minha mãe?

– Não a vês toda embebida em pompas, e visitas, e jantares?

– E será ela feliz?

– Parece que é.

– Pois é esse o fim para que minha mãe lhe dá dos seus sobejos. Desgraçada era ela antes dos seus socorros.

– Mas eu achava acertado que Leonor não gastasse em frivolidades o que recebe de esmola.

– Não digamos *esmola*, minha mãe: a palavra é humilhante... Leonor é sua sobrinha; e meu pai daria tudo para não ver em miséria aquela família. Deixá-los ser felizes, que, por mais que o sejam, não nos roubam o nosso quinhão de felicidade que é o melhor.

– Que alma a tua, Álvaro! – exclamou Maria da Glória, abraçando o filho. – E de

que te serve a ti a tua riqueza!? Tens vinte e três anos, e vives como aos dezoito! Porque não compras um trem novo? Porque não vais aos salões, onde um coração perfeito como o teu faria a maravilha da sociedade? Queres tu viajar que eu vou contigo, filho?

– Não, minha mãe – respondeu Álvaro. – Tenho tudo, que mais quero, neste estreito recinto: aqui, minha mãe; ali, os meus livros. As viagens instruem; mas a minha ambição de saber está limitada no que posso aprender lendo e pensando; também distraem; mas, se há mágoas na minha vida, são elas de tal natureza, que o remediá-las seria igual a renovar o coração. Esta obra há-de fazê-la o tempo. Não se é feliz em parte alguma, quando se não pode ser entre as relíquias da infância, e os braços de uma mãe como a minha. Continuemos assim a vida, e cuidemos em a dar com menos amarguras aos que sofrem mais que nós.

XV

Lata porta... quae ducit ad perditionem.

(A larga porta que dá passagem para a perdição).

S. Mat., 7, 13.

A légua e meia distante dos Olivais, morava, em antiquíssimo solar, o morgado de Porto-Alvo, casado com sua sobrinha, filha segunda de uma nobre casa de Alenquer.

Era mui gentil de sua pessoa a dama, e gozava de preclara fama de virtudes, até ao momento em que Miguel de Sotto-Mayor frequentou a família, muito aparentada com sua mulher.

Se a isenção da morgada do Porto-Alvo degenerou, empeçonhada pelas seduções do poeta de Vila do Conde, não serei eu quem o afirme; porém, não terei de que dar contas a Deus, se disser que a sua fama corria desluzida e mareada à conta dele. Aqueles passeios nocturnos, nos arrabaldes de Porto-Alvo, não eram certamente o que Sotto-Mayor dizia serem a sua mulher: *exigências do sofrimento*; exigências de intenção ruim é que eles eram.

Leonor, avisada das suspeitas públicas, não teve mão do seu ciúme ou da sua vaidade, que ambas as coisas correm com o mesmo nome. Invectivou a deslealdade de seu marido, e o impudor de sua prima de Porto-Alvo. Sotto-Mayor recebeu com desagrado os ciúmes de sua esposa, e desprezou-lhos a ponto de amiudar os passeios a horas mortas. Aguilhoada pela raiva congenial da sua índole, Leonor escreveu uma carta anónima ao morgado, prevenindo-o da desonra, que lhe rodeava o palácio de noite, e teria astúcia de o visitar na câmara nupcial.

O velho fidalgo espantou-se da infamação. Nunca sua mulher lhe incutira suspeitas, nem de si arguira leveza de espírito. Calou o aviso como prudente, e sobrerroldou as avenidas da sua casa como acautelado.

Em uma das seguintes noites disseram-lhe os vigias que, a distância de cem passos, parara um cavaleiro, e se estivera quieto contemplando as janelas do palácio; e acrescentaram que, por volta de uma hora, apparecera atrás da vidraça uma luz, que subitamente se sumira depois dalguns segundos.

Eu de mim não tiro conclusões algumas desta luz; mas o morgado tirou-as, e terríveis. Informou-se da janela em que os vigias avistaram a luz, e pôs ponto nas suas indagações. Duas noites passaram sem descobrimento. A terceira, por volta de uma hora, ouviu o velho sua mulher tossir no leito, paredes meias com o seu, e ao mesmo tempo um sinal convencionado e mui subtil debaixo da sua janela. Ergueu-se de golpe, passou ao quarto de sua mulher, e viu-a na cama' atravessou um corredor, e passou, pé ante pé, à sala, cuja era a janela donde fora dado o sinal. Quando entrava na sala, viu uma criada com um castiçal, junta à vidraça. Não fez o mais leve rumor, retrocedeu, e entrou no quarto da criada, quando ela entrava. Em presença dum punhal, estrangulou-se na garganta da moça um pávido grito.

– Morres se gritas! – disse o morgado com a postura e frase de Tarquínio, que não quadra bem aqui, já porque a moça era solteira, já porque, sendo casada, não tinha jeito algum para Lucrecia. – Morres – continuou ele com voz soturna – se me não dizes o que significa o sinal que tens ido dar à janela com a luz!

A criada respondeu, e o morgado retirou-se ao seu quarto, tranquilo como se houvesse descoberto que sua esposa era uma das virtudes teologais em pessoa, e pessoa

que fingia dormir profundamente.

Decorreram três noites depois desta.

Foram dias e noites de suplício para Leonor. A consciência gritava-lhe. Aquela carta anónima podia ser causa à morte de seu marido. Mas o orgulho, e o coração, talvez, diziam-lhe também que ela não merecia uma infidelidade, e os despezos que estava sofrendo, por não poder enfrear o seu ciúme.

Na terceira noite, disse ela a Miguel de Sotto-Mayor, com carícia:

– Não vás, meu amigo, não tornes a Porto-Alvo.

– E quem te disse que eu vou a Porto-Alvo?! – respondeu carregando o sobrolho.

– Diz-mo o coração...

– O coração!... – redarguiu sorrindo o marido. – O que é o coração!... O coração não diz nada. O coração é um vaso onde passa o sangue. O coração, que não é isto e simplesmente isto, é um tolo. Eu não vou a Porto-Alvo. Vou ao Poço do Bispo onde me esperam alguns amigos para conjurarmos na derrota do ministério, e na morte de Agostinho José Freire.

– Mentas, Miguel! – exclamou Leonor.

– Agradeço a amabilidade, e vou, porque não posso deixar de ir.

– Miguel! – tornou ela com veemência e excitada a lágrimas – não vás... Olha que o tio morgado teve aviso, e ele é mau, e tu ficas um dia morto.

– Quem o avisou?! – replicou, risonho, o marido. – Serias tu? Capaz serias da calúnia!... Como sabes que ele foi avisado?!

– Sei-o... Não vás, peço-to com as mãos erguidas!... –e chegou a dobrar os joelhos diante dele.

– Como queres tu que eu deixe de ir a um compromisso de honra, Leonor? O meu destino é o Poço do Bispo, já to disse.

– Juras-me que não vais a Porto-Alvo?

– *Juro*, dizia Molière.

– Mas lembra-te que Molière caiu na cena moribundo, quando disse *juro*.

Achou Miguel de Sotto-Mayor engraçada a observação, e despediu-se de Leonor, beijando-a na testa.

Cavalgou, guiou o cavalo na direcção do Poço do Bispo, e, a grande distância, retrocedeu por um atalho conhecido até sair à estrada de Porto-Alvo.

Parou Miguel a distância de meia légua, e reflectiu. «Se o morgado tivesse sido avisado, já eu teria a esta hora notícia da menor alteração. E verdade que o sinal em duas noites alguma coisa pode significar; mas também é certo que o mesmo caso já se deu, sem significação alguma. Quem inventou o aviso foi o ciúme de minha mulher.» Depois de tão seguro remate, Sotto-Mayor deu de esporas ao cavalo, e venceu o espaço em poucos minutos.

Antes de ele avistar o palácio de Porto-Alvo, é de bom historiador dizer que o morgado, na madrugada do dia seguinte àquela noite do punhal, ergueu-se, tornou ao quarto da criada, fechou a porta, e guardou a chave. Voltando, fechou também a porta de sua mulher, e não respondeu ao modo de espanto com que a sobrinha lhe perguntou a causa de tal novidade. As comidas eram ministradas a uma e outra, às suas horas, por um homem estranho de má cata-dura, que não respondia a pergunta alguma. Esta situação durou dois dias, e durava ainda quando Miguel de Sotto-Mayor fazia galopar o ginete por uma quebrada de cujo topo se avistava o sinal.

Estacara o cavalo na chã, onde o brioso animal já sabia que descansava. Miguel afagava-lhe o pescoço, e dobrava-se sobre os ilhais a examinar-lhe os violentos arquejos, quando, ao erguer a cabeça para examinar a um raio da Lua o seu relógio, dois tiros simultâneos lhe vararam o peito. O cavalo atirou-se em galões impetuosos

ribanceira abaixo, com o cavaleiro agarrado às crinas. A poucos passos, as mãos do cadáver abriram-se, o corpo resvalou ao chão, mas foi de rojo, largo espaço, suspenso num dos estribos.

As três horas da madrugada, os criados da casa dos Olivais sentiram o estrépito das ferraduras nas lajes do pátio, e saiu o cavaleiro a amantar e recolher, como de costume, o cavalo. Como não visse o amo, cuidou que ele havia já subido, como doutras vezes, deixando o cavalo com as rédeas ao pescoço; mas, relanceando casualmente os olhos sobre o estribo esquerdo, viu-o ensanguentado. Subiu as escadarias, bateu à porta, e disse para dentro que acontecera uma grande desgraça. Leonor saltou do leito, e desceu ao pátio a examinar o sangue do estribo. Fugiu, como seguida por um espectro; entrou no seu quarto com os olhos esgazeados da demência, e soltou estas pavorosas palavras:

– Fui eu que o matei!

Dali em diante, o que ela dizia eram palavras sem nexos, e blasfémias, acompanhadas de medonhos trejeitos.

Saíram os criados, uns na direcção do Poço do Bispo, outros na estrada de Porto-Alvo, por alvitre de um que sabia os segredos de seu amo.

Os segundos, a três quartos de légua, ao voltar de uma charneca para um atalho pedregoso, acharam o cadáver de Miguel de Sotto-Mayor. A maceração e retalhado do rosto era tal, que escassamente Rio reconheceram. Camisa e colete cheiravam ainda a queimados: os tiros tão à queima-roupa tinham sido apontados, que as mesmas buchas se lhe pegaram ao sangue empastado do peito.

Volveu um dos criados a buscar a carruagem, que devia transportá-lo para casa. Leonor não atinava a dar ordem alguma para o enterro de seu marido. A notícia levada a Lisboa, onde então estava Sebastião de Brito, chamou aos Olivais algumas famílias, a quem as desventuras de Leonor tinham restituído a antiga estima. Curaram da sepultura, e a justiça dos seus deveres. Foi a justiça ao local onde estava o morto, e lavrou o auto. Prosseguiu na devassa; mas era tudo escuro e indecifrável. Entre os parentes da casa, que assistiram ao funeral, estava o morgado de Porto-Alvo, de casaca preta e aspecto lagrimoso. Leonor, ao vê-lo, ergueu-se de golpe, apontou-o de perto, e exclamou:

– Foi este o assassino de meu marido.

O morgado abriu a boca e os olhos, cruzou os braços, circunvagou a vista por todos, e perguntou:

– A infeliz acho que endoideceu?... Pobre senhora!

Os circunstantes confirmaram a suspeita do morgado, e lastimaram-na também.

– Porque não está aqui a mulher que matou meu marido? Onde está a devassa, que lhe quero gravar na testa um ferrete com sangue?

Estas vociferações aumentavam as probabilidades da demência.

– Agora diz que foi uma mulher que o matou!... – dizia o morgado. – Não há dúvida! Está louca a infeliz senhora!

– Não estou louca, não, celerado! – bradou Leonor, contorcendo-se nos braços das amigas. – Mataste-o tu, cobardemente, feroz vilão! Mataste-o e cuidas que a boca do morto não há-de revelar a infâmia de tua...

Neste ponto, os lábios de Leonor foram cerrados pelos dedos de mão, que não era de alguma das senhoras, que a estavam a custo segurando. Leonor olhou de revés para quem lhe fazia a violência, e viu Maria da Glória.

O mesmo foi vê-la, e lançar-se-lhe aos braços, exclamando:

– Ó minha tia, eu sou muito desgraçada!... Abra-me por piedade o seu coração, e esconda-me ao espectro do meu remorso...

Maria da Glória abraçou-a com transporte, e disse às senhoras e cavalheiros:

– Eu entendo que não devemos ter minha sobrinha exposta a estes acessos da sua doente imaginação. Consintam que eu me recolha com ela ao seu quarto, e haja aí uma alma piedosa, que nos dispense de cuidarmos do enterro desse infeliz. Vamos, Leonor.

XVI

Suadeo tibi emere a me aurum ignitum probatum, ut locuples fias.

(Admoesto-te a que me compres o meu ouro de fino quilate para te locupletares).

Apoc., 3, 18.

Os primeiros dias de sua viuvez passou-os Leonor no seu quarto, e Maria da Glória com ela. Era de ver os assíduos desvelos com que as famílias de sua numerosa parentela aporfiavam em mitigar-lhe as penas, desde que a souberam restituída à graça da suposta milionária Maria da Glória. E, como fosse notório e vulgar o amor de Álvaro a Leonor, já diziam os arúspices, atarefados em prognosticar a vida alheia, que as segundas núpcias da morgada pobre com o filho único do banqueiro Macedo seriam espectáculo de pouca delonga e muita graça. Houveram sujeitos imaginadores de tragédias que aventaram a verosimilhança de ter sido assassinado Miguel de Sotto-Mayor por ordem de Álvaro de Macedo. A sociedade teve sempre destes carrascos, para assim dizer, encarregados de mostrarem do cadafalso à canalha, sedenta de escândalos, as melhores reputações a escorrerem sangue. Eufémia ouviu, uma vez, numa loja de capelista esta calúnia. Chegou a chorar e espavorida ao pé da ama, repetindo o que ouvira. Maria da Glória respondeu às aflições da criada com um sorriso, e estas palavras:

– Deus sabe quem matou o marido de minha sobrinha: a calúnia é que não mata a honra de ninguém.

Ficou Leonor com seu pai.

Dizer que a viúva se definhava de dia para dia, consumida de saudades do defunto marido, seria inventar. Não seria mais exacto o dizer que a púrpura da juventude lhe retingiu as faces, e que o lindo oval do rosto se recompôs. Leonor nunca mais foi bela, desde o primeiro dia que se viu desmerecida aos olhos do marido pela mesma causa que a sociedade a lançava de si: – a pobreza. Devorou-lhe a vaidade, insofrida e furiosa na dor, a alegria da alma, e o mesmo foi tirar-lhe às flores do rosto a seiva que as alindava.

Em que pensava Leonor, naquela sua rápida mudança de vida? Parecia não pensar. Decorridos seis meses, saiu a pagar visitas em Lisboa, menos a de Maria da Glória, que lhe não dera a isso azo. Viram-na nos teatros, e nos bailes, passado um ano. Apontaram-lhe os binóculos os conquistadores da época; e, conquanto a denominassem «belas ruínas», fosse ela menos esquiva, e teria sobeja beleza, para acorrentar os leões de S. Carlos, jaula então muito mais de aterrar que hoje.

Em que pensava Álvaro? Como cismava ele em sua prima? Amava aquela mulher, que vira cinco anos antes. Não formava ideia alguma da mulher, que era cinco anos depois. Nunca mais a vira, nem quisera ver. Desde que pessoa descuriosa lhe disse, sem propósito, que a vira, muito outra do que era, em casa da prima condessa de tal, e no teatro de S. Carlos, Álvaro deixou de frequentar o teatro, local único onde o levava a suave tristeza da música.

Dizia-lhe sua mãe, um dia, que Leonor se queixava a Eufémia de não ser convidada para casa de sua tia. Álvaro respondeu:

– A mãe pode recebê-la; mas avise-me com antecipação para nos não encontrarmos.

– E, todavia, meu filho – replicou a mãe – estás sempre perguntando-me se a mesada será suficiente para o bem-estar de Leonor!...

– Que tem que ver uma coisa com outra, minha mãe!? É um pouco de dinheiro inútil, dinheiro que nunca me lembrou quando eu pensava em ser feliz com Leonor. Se o dinheiro não entrava por nada nas minhas contas, sinal é de que não representa algum afecto de coração a minha prima.

– E se ela se despenhasse em novo precipício? Se casasse com um homem que a expusesse a novas misérias?

– Dando-me minha mãe licença, continuaria a socorrê-la, e a lutar contra a estrela fatal daquela infeliz.

– E crês tu na fatalidade, filho?...

– Creio, minha mãe.

– E a virtude que fica sendo?

– A fatalidade do bem.

– Não achas mais racional submeter à Providência Divina, e à dedução dos actos humanos o que tu chamas fatalidade?!

– Eu – disse Álvaro com profunda amargura – não sei o que é melhor, nem mais racional, minha mãe... Se quer que eu lhe diga o que sinto... o melhor é... não viver; o bem supremo da vida é esquecê-la. O que é a embriaguez no homem de espírito que conhece o travo da peçonha que bebe? O que é o suicídio, senão a passagem para o esquecimento?

– Deves ter sofrido muito, meu filho, porque te vejo sem religião!...

– Não tenho a religião que ora, tenho a que perdoa, e se amiserava de amigos e inimigos. Minha virtuosa mãe tem esta, e a da oração. Deus me será bom e piedoso pelos merecimentos de minha mãe...

Este diálogo foi interrompido por um recado de uma senhora que desejava falar a Álvaro.

– A mim!?... – disse ele, admirado e foi à sala onde o esperava a senhora.

Viu ele uma dama trajada de preto, com semblante de quarenta anos amargurados, e um complexo de adornos, que denotavam pobreza.

– Não a conheço, minha senhora – disse Álvaro.

– Decerto, não. Eu sou a mãe de dois filhos de seu pai – respondeu ela em italiano. – Sou a desgraçada que acompanhou seu pai do teatro de Milão para Lisboa há dezesseis anos. Vi o senhor Álvaro criancinha ao peito de sua ama, e torno a vê-lo homem com a reputação igual à das virtudes de sua nobre mãe.

A italiana enxugava as lágrimas.

– Queira continuar – disse Álvaro.

– Quando seu pai me abandonou ao meu funesto destino, tinha eu dois filhos, dos quais ele quis senhorear-se; eu, porém, sobre ser infeliz, era caprichosa, e não sei mesmo se boa mãe: não lhe dei os filhos. Enquanto a beleza me inflorava o vício, aturdi-me nas pompas, e nos delírios duma brilhante ignomínia; mas não olvidei a educação dos meus pobres filhos: sustentei-os num colégio, até 1832, época em que eu envelheci, e de repente caí dos ouropéis da minha opulência ao charco da miséria. Tirei do colégio os meus filhos: o mais velho era um demónio, o outro um anjo. O anjo levou-mo Deus um ano depois, quase fulminado pela cólera-mórbus; o outro ficou ao pé de mim como instrumento nas mãos da Providência para minha expiação. Meu filho pedia-me contas do luxo, que vira em minha casa, quando criança: eu não podia responder-lhe. Quis eu forçá-lo a respeitar-me, e ele reagiu com ameaças à minha severidade. Um dia desamparou a minha casa, roubando-me as poucas alfaias de algum valor, que eu guardava para não ir tratar-me na última doença a um hospital. Passados dias, soube que ele estava no Limoeiro, preso por furto. Desfiz-me de quanto tinha para as primeiras necessidades do meu uso, e consegui restituir o furto ao dono, e a liberdade

a meu filho. Fui, depois, lançar-me aos pés dum homem, que me conhecera em tempos felizes... *felizes!*... que falsa apreciação!... Pedi uma qualquer ocupação para meu filho, e alcancei empregar-se na alfândega, em lugar de bastante responsabilidade. O desgraçado parecia regenerar-se; não houve queixa dele em dois anos; eu julgava-me benquista da sorte, e contava com o pão da velhice. Há oito meses que um grande roubo se descobriu na alfândega, e meu filho é convencido de ladrão de grandes valores, valores que ele perdeu no jogo e dissipou na libertinagem. Há quinze dias que o filho de seu pai, senhor Álvaro, foi condenado à grilheta por toda a vida.

A italiana esperou que os soluços a desafogassem, e continuou:

– Eu não venho pedir ao generoso filho do pai do condenado que o salve, pagando o roubo, que sobe a muitos contos de réis. O que venho de mãos erguidas suplicar é que vossa excelência empregue o valimento dos seus amigos para que a pena seja comutada em degredo perpétuo, sem o ferro aos pés, que assim o pede o desgraçado.

Álvaro ergueu a mulher, que ajoelhou, e disse-lhe:

– O nome de seu filho?

– É Júlio de Macedo.

– Farei o que puder. Vá a senhora dizer-lhe que espera alguma coisa dos meus esforços.

A italiana fez menção de ajoelhar outra vez, desconfiada da frieza daquelas palavras: impediu-a Álvaro, e seguiu-a até ao topo da escada.

Maria da Glória, mais por amor de mãe que por curiosidade de mulher, tinha ouvido tudo. Saiu, como despercebida ao encontro de Álvaro, e disse-lhe risonha:

– Com que então as damas de Lisboa vêm assim à hora do dia procurar-te em casa!? Queira Deus que me não raptem o meu Álvaro!...

Sorriu-se o moço, e ficou pensativo, cogitando no modo como falaria a sua mãe.

– Em que pensas, filho!? – tornou ela rindo em gargalhada. – Estás ainda arrobado na visão da deidade, que te veio roubar o sossego?!... Diz o que sentes, Álvaro!

– Logo, minha mãe, logo... – respondeu Álvaro, cada vez mais enleado.

– E porque não há-de ser já?! – redarguiu Maria da Glória com gravidade. – Estarás tu espantado, ou envergonhado de saber que uma boa árvore produziu frutos tão maus!?

Álvaro encarou com assombro em sua mãe, e tartamudeou alguns monossílabos.

– São aberrações – prosseguiu ela. – Não lhe ouviste dizer à pobre mulher que o mais novo era um anjo? Aí tens... Foi como as árvores que dão aromas e veneno... Não tens porque cismar, meu Álvaro. Faz a tua vontade completa e generosa como eu a adivinho. Tens autorização minha para levatares o dinheiro que quiseres. O teu fausto, segundo vejo, é a caridade obscura: pois bem, goza plenamente as regalias que a fortuna te dá.

Álvaro Teixeira foi encarregar o advogado de sua casa de solicitar o perdão do condenado a preço da quantia em que fora avaliado o roubo. O solicitador desanimou quando lhe disseram o avultado da quantia. Álvaro, porém, autorizou-o a advogar o livramento, por todo o preço. Júlio de Macedo foi um dia chamado para receber o alvará de soltura, e apareceu em casa de sua mãe, quando esta, esperançada nas promessas de Álvaro, desfazia os últimos lençóis para fazer camisas, que seu filho levasse para África. O perdoado não sabia dizer como fora livre; a mãe, desvairada de alegria, não atinava a contar ao filho o modo como o salvara. Neste lance, apareceu Álvaro, e recebeu nos braços a italiana, e o filho de seu pai, a quem chamou irmão.

O filho da italiana não conhecia o filho de seu pai. Balbuciava palavras de gratidão, tão envergonhado do crime, como assombrado de uma virtude em que não acreditava. Álvaro atalhou assim as exclamações da antiga locatária do palácio de

Belém:

– Seu filho inutilmente pediria hoje um emprego. A senhora não pode contar com os meios dele para a sua sustentação. Meu pai, como a senhora sabe, tinha uma propriedade nos arrabaldes de Nápoles, que eu conservo ainda, da qual, com o consentimento de minha mãe, lhe faço doação. Acho acertado que a senhora e seu filho vão lá viver, e levem as lições da desgraça para a conservarem.

Dum mesmo impulso, mãe e filho se lançaram aos pés de Álvaro, com exclamações e lágrimas.

– As lágrimas são um segundo baptismo em alguns olhos – disse Álvaro. – Permita Deus que o filho de meu pai se regenere com as que lhe vejo no rosto.

D. Maria da Glória firmou a doação, e a milanesa, com seu filho, partiram para Itália. Vinte e dois anos depois, me disse aquele santo dos Olivais que a antiga actriz morrera velha e feliz; que Júlio de Macedo conservava ainda a quinta, e honrava uma alta patente no exército da Sardenha. Perguntando-lhe eu quanto lhe custou a regeneração daquele homem e a velhice venturosa da amante de seu pai, ele me respondeu:

– A fortuna de duas famílias independentes.

XVII

Un groupe de Dalila et de Sanson avec celui de la farouche Judith serait toute la femme expliquée.

BALZAC

Tinham decorrido dois anos depois da viuvez de Leonor. Na correnteza deste espaço, e quase no termo dele, faleceu Sebastião de Brito, legando simplesmente alguns rolos de pergaminhos e a memória dos seus desvarios senis. De paixão de alma diziam os facetos que ele tinha acabado; mas sérias averiguações, porém, dão que o homem sucumbiu a uma febre gástrica, procedente de uma ceia no Farrobo, em casa do hospedeiro e luxuoso conde daquele título. Não devem esquecer alguns desastrosos sucessos pertinentes a esta época, e vem a ser que o fidalgo de Porto-Alvo morreu envenenado, consoante a fama dizia; e que sua sobrinha passou a segundas núpcias com um primo de Alenquer, e vivia ainda honrada e feliz em 1859. Achei também nota de que a criada, confidente da morgada, dias depois do assassínio de Miguel de Sotto-Mayor, viera à margem direita do Tejo, cuspidora por urna onda, e com claros vestígios de ter sido estrangulada. E de presumir que o fidalgo atirasse ao Tejo com a única testemunha do seu crime. Se o boato da peçonha é exacto, não será pecado dizer que a casa do Porto-Alvo, não desfazendo no seu brasão, encerrava uma tribo de celerados.

Leonor, não podendo com a soledade dos Olivais, pediu a sua tia licença para viver em Lisboa. Maria da Glória hesitava em conceder-lha; mas Álvaro achou razoável o pedido, e desculpou a solicitação de sua prima.

Transferiu-se para Lisboa a viúva e com ela o seu trem. Tomou um palacete em Buenos Aires, e abriu os seus salões a uma partida semanal de parentes e amigos íntimos. Estes chamados «amigos íntimos» são às vezes os inimigos de fora. Tais foram os que vulgaram o cortejo da viúva a um moço sem nascimento nem posição, homem de letras em disponibilidade, insinuando-se, a título de génio, entre as pessoas, também de génio tão benévolo e tolerante que o recebiam.

Soube Maria da Glória as atoardas que corriam à conta de sua sobrinha, e comunicou-as a Álvaro.

– Pois a mãe que esperava!? – disse este. – Leonor teve tréguas de dois anos. A fatalidade refez-se de vigor, e volta à luta.

– E qual achas tu que é o nosso dever?

– Lutar a favor da mais fraca. Aconselhe-a, minha mãe; e, se não puder nada com ela, ampare-a como até aqui.

– E se eu lhe retirasse os meios – replicou Maria da Glória – crês tu que o segundo calculista a não deixaria em paz?

– Deixaria: mas Leonor desceria na escala social até achar um indigente como ela.

– A vista disso, filho, julgas incurável tua prima!?

– Julgo, mãe.

Foi Maria da Glória a Buenos Aires, em hora de não recear concorrência, e pôs logo o dedo na chaga.

– O teu mau anjo não te deixa, Leonor?

– Porque fala assim, minha tia?

– Dizem-me que estás à beira dum segundo abismo. São faladas as tuas inteligências com um homem, que oferece menos condições de felicidade que o

primeiro. Como tens tu coração para o amor, filha? Porque não quer Deus que chegue para ti a hora da reflexão? Como pagas tu o que deves a ti, à sociedade, e a mim? Levanta-te dessa miséria, Leonor! Recobra a tua dignidade enxovalhada! Lembra-te das lágrimas, que choraste nos braços de Eufémia! Medita um pouco no nobre coração de meu filho, cuja alegria mataste, e envergonha-te dos novos ultrajes que preparas àquele anjo, que te protege!

Leonor saiu duma reconcentração de minutos para beijar a mão de sua tia, soltando estas palavras:

– Agradeço a esmola a minha tia, e a meu primo a filantropia. Agora falarei, se me dá licença. Meu primo tem-me beneficiado: eu bem sabia que ele não era estranho à esmola que tenho recebido; mas quisera antes a certeza de que esta beneficência pertencia exclusivamente a vossa excelência. Meu primo tem-me favorecido para me humilhar.

– Explica-te, Leonor... – atalhou Maria da Glória estarrecida de espanto.

– Eu vou explicar-me, minha tia. Se Álvaro olhasse com piedosa vista para os meus infortúnios, aliás respeitáveis por serem do coração, teria aparecido a meu lado, não como o amante despeitado, mas como o parente, que sacrifica os caprichos do coração ao dever misericordioso de reabilitar moralmente uma mulher. Fui muito desgraçada, e era-o mais por entender que meu primo se regozijava a cada escaleira, que me via descer para a miséria, na esperança dele aí descer com alguns punhados de ouro a faltar-se de vingança. Quando minha tia me enviou a sua criada com a primeira esmola, cuidei que mais tarde acharia nos meus parentes próximos a esmola de consideração, que mais necessária me era. Passaram meses, e o vilipêndio do ouro vinha regularmente às mesmas horas, e no mesmo dia; mas uma palavra de amor, o pão do espírito, essa nunca. Eu aceitava o ouro porque tinha um marido que me culpava da minha pobreza; porque tinha um pai que me regalara a mocidade com magnificências superiores às suas posses; porque tinha um nome que as sombras do infortúnio empanavam, como se a árvore de tronco ilustre se atascasse no lodaçal da pobreza; porque tivera uma educação com que a penúria se não conformava; porque, finalmente, humilhada por parentes, começava a sentir-me desprezível aos meus próprios olhos. Depois de viúva, permaneci dois anos nas austeridades que raros exemplos me tinham ensinado. Contrafiz a minha índole para bem merecer a estima de Álvaro; esperei que ele fosse à minha soledade santificar a esmola com uma palavra de irmão. Se ele aí tivesse ido, eu curvaria a cabeça diante do herói e pedir-lhe-ia Licença para beijar a terra honrada pelas suas botas. Vim para Lisboa, depois de dois anos de humilhação; e pedi licença a minha tia, porque receei que meu primo, não saciado ainda da desforra, contrariasse a minha vontade, e me reduzisse a voltar ao ermo dos Olivais por não ter com que comprar a vida luxuosa de Lisboa. Quer minha tia saber como eu denomino este acto de desesperação? E uma coisa que modernamente chamam «cinismo»; é a quilo que eu já disse – o desprezo de mim própria. Agora vamos ao ponto da sua inesperada visita, E certo que eu amo um homem, que nasceu não sei de que mulher, e tem tanto a dizer-me das suas qualidades pessoais que nunca falou das qualidades dos seus avós. E pobre como eu. Não pede a ninguém o pão de cada dia; lava-o com a sua inteligência. E creia, minha tia, que ele acha quem lhe dê por duas horas de trabalho o que me não dariam a mim pelas pedras de armas da quinta que meu pai desbaratou. Este homem pobre é quem convém à mulher nas minhas circunstâncias. Eu hoje compreendo melhor as privações com um amigo do que as pompas na solidão. Tenho vinte e sete anos. E cedo para o claustro, e é tarde para esperar, no recato de donzela, que algum singular amante da Tebaida me vá procurar na minha obscuridade, Se minha tia me vem dizer que retira a sua esmola, beijo-lhe as mãos pelo que lhe devo, e beijaria as de meu

primo também pela sua filantropia. Amanhã voltarei para os Olivais. E verdade que os bens que possuo estão hipotecados a uma antiga dívida de meu pai a meu tio Manuel, e vossa excelência pode mandá-los tomar como seus. Não importa. Está lá uma casinha, que eu mandei fazer para uma velha criada de minha avó. A velha morreu há pouco, e testou-me a casinha, que os credores decerto não querem; irei lá viver.

Calou-se Leonor.

Maria da Glória, já em pé, olhou com muita amargura a sobrinha, e disse:

– Foste injusta, Leonor. Devem até os anjos compadecer-se da alma injuriada de meu filho. Não te castigue Deus, que eu, em nome de Álvaro, te perdoo. Cumpre o teu destino, desgraçada; e, quando o remorso te perseguir no extremo refúgio do que tu chamas «cinismo», fuge para mim que eu te abrirei os braços.

Leonor não ergueu os olhos das alcatifas: era de soberba, e não de abatida, que ela desfitara a vista do majestoso aspecto de sua tia.

Saiu Maria da Glória, e não teve que dizer ao filho. Interrogada por ele, escassamente referia alguns dos queixumes de Leonor, como a necessidade dum amigo, a negação para a vida solitária, o cansaço do sofrimento, e a simpatia que a ligava ao homem, com quem desejava casar-se.

Álvaro aparentou natural placidez, e, noutro ensejo em que falavam sobre o mesmo motivo, disse:

– Esse homem julgará rica a prima Leonor?

– Cuido que não: ele deve saber que Leonor vive da beneficência dos seus parentes.

– Hei-de sabê-lo com certeza. Se o homem a ama pobre, e não conta com o beneplácito nem com os recursos dos parentes para o casamento, é um nobre carácter. Estou que a beleza de Leonor não fascina alguém...

– Como hás-de tu sabê-lo, filho. Conheces porventura o homem?

– Conheço-lhe os escritos, e recordo-me vagamente de o ter visto no colégio, nos meus últimos tempos.

Foi Álvaro ao colégio, e falou largo tempo com o seu antigo amigo, professor de inglês. Dias depois, procurou-o o mestre, e respondeu assim ao encargo, que recebera:

– Falei com o jornalista. Aquilo é uma alma lavada como pedras de amolar! Apenas lhe toquei no assunto, acendeu o cachimbo, cobriu as pernas com as abas do chambre de seda desbotada, refestelou-se na poltrona velha como um turco, para me dizer o seguinte: «Não há dúvida que eu namoro a viúva, primeiro porque é romântica, segundo porque é romântica, terceiro porque é romântica.

– E porque é rica – atalhei eu.

– Ah! sim! e porque é rica: então é por quatro razões, e não por três. Acho eu que vêm a ser quatro as razões...

– Não, senhor, são simplesmente três, porque a quarta é uma sem-razão. D. Leonor é pobre.

– Pobre! ora essa! conte-me isso, meu bom amigo!

Disse-lhe eu que a viúva vivia da beneficência dos seus parentes, e que os parentes da viúva não estendiam a sua caridade até aos maridos inconvenientes das suas parentas necessitadas.

– Mas aquele palacete dos Olivais, que eu ontem fui ver – redarguii ele – e aquele outro de ruínas tão poéticas; e aquelas duas quintas que se espreguiçam na margem do aurífero Tejo... que me diz o senhor a isto?

– Digo-lhe que os palacetes e as quintas não são mais da viúva que meus. Tudo aquilo está hipotecado, penhorado, consumido, etc., etc. Mas – concluí eu – as três razões, que o meu nobre amigo expendeu, prevalecem, apesar de tudo. A viúva Sotto-

Mayor é sem questão três vezes romântica.

– Diz muito bem – acudiu ele: – o casamento há-de fazer-se, quando eu for três vezes romântico; mas, por enquanto, bem vê o meu caro mestre e amigo que eu laboro na prosa viloa do artigo de fundo.

– Quer dizer...

– Que hei-de abrir o meu coração à viúva, e a minha bolsa mesmo, se ela quiser. Se me não engano, a viúva é literata, e sabe da seita filosófica, que tinha, como eu tenho, horror ao vácuo. Resta-me agradecer-lhe as tão espontâneas como miúdas informações, e aqui estou às ordens.»

– Aqui tem o senhor Álvaro – continuou o professor de inglês – o que passei com o literato Mascarenhas. Agora, peço perdão da liberdade com que expus fielmente o texto da nossa conversação.

Álvaro, tendo contado a sua mãe o picaresco diálogo do literato e do mestre de inglês, disse:

– Agora, minha mãe, esperemos. Não estão muito no meu génio estas encobertas operações; mas a intenção é salvar Leonor.

Mascarenhas foi à partida da viúva, como costumava. Nunca tão amorosa e manifestamente se revelara Leonor, a ele e aos hóspedes maravilhados. Ao despedir-se do escritor, disse-lhe ela:

– Extremamente desejo falar-lhe amanhã depois do meio-dia. O cavalheiro de certo não falta.

– Oh! minha senhora!... quem quer faltar à sua própria dignidade!?

– E porque não diz «ao seu próprio coração...»? – retorquiu ela com despeitado sorriso.

– O coração, minha senhora, é tão de vossa excelência, que não se atreve a entrar nos juízos do espírito...

Leonor achou conceituosa a razão alambicada do literato, e esperou ansiosa o dia seguinte.

– Vou responder – disse ela – categoricamente às suas cartas. O pensamento reservado de todas elas é uma ligação, que faça respeitável e sagrada a paixão que o meu amigo encarece nas suas cartas, não é assim?

– Com que outro intento podia eu dirigir-me a vossa excelência?!

– Bem! Resolvido está portanto a ser meu marido?... Não lhe cause estranheza o estilo seco e desornado da pergunta... assim é preciso.

– Respondo, minha senhora. Primeiro que tudo, eu amo tanto vossa excelência quanto a respeito. Acima destes dois sentimentos está o da amizade, que lhe dedico, e o da gratidão à benevolência com que me tem distinguido em sua casa. Vossa excelência não ama os grandes preâmbulos, e por isso vou já direito à matéria sujeita. Se eu aceitasse a honra, que vossa excelência me dá de querer aliar-se à minha vida, sacrificá-la-ia, minha senhora. O mesmo seria obrigá-la a trocar por um coração dedicado as regalias de que se está gozando com grande inveja das suas amigas. Que vale um coração dedicado em confronto do bem-estar, da segurança do dia seguinte, das considerações desveladas, que rodeiam vossa excelência?

– Elucide-me... – atalhou Leonor. – A sua linguagem é escura!

– Escura é a existência sem meios de a fazer brilhar, minha senhora. Eu sei tão bem como vossa excelência, que os seus muitos recursos procedem da amizade duma tia milionária, que vossa excelência tem.

– Não há dúvida; mas eu não disse ainda a vossa senhoria que me dotava com estes recursos, e vossa senhoria, nas suas cartas, fala-me da felicidade da solidão, e da doçura do pão ganhado com o nobre trabalho da inteligência.

– Também é certo – redarguiu algum tanto confuso o jornalista: – era, porém, intento meu fazer o elogio da mediocridade com relação àqueles que não conheceram a opulência. Neste caso não está vossa excelência: estou eu; mas eu é que não devo sacrificar a felicidade real da senhora D. Leonor às minhas fantasias de filósofo. Todavia...

– Queira dizer-me – interrompeu a viúva – a quem pediu informações dos meus recursos?

– Não as pedi, minha senhora: seria grandemente ignóbil o pedi-las; não as averigüei; deram-mas.

– Quem?

– Conhece vossa excelência porventura um mestre de inglês!?

– Conheço.

– Como conhece, minha senhora?

– Falou-lhe esse homem em meu primo Álvaro Teixeira de Macedo?

– Não, minha senhora; limitou-se a dizer-me que vossa excelência não tinha absolutamente nada que lhe segurasse a futura subsistência, se contraísse segundas núpcias contra vontade dos seus parentes.

Leonor ergueu-se, saiu da sala pisando com soberana arrogância, e o literato ficou perplexo com os olhos cravados na porta por onde a vira sair.

Instantes depois, entrou um criado de farda, e disse ao cavalheiro:

– Sua excelência manda sair.

Mascarenhas tomou o chapéu, e retirou-se tão afrontado como se tivesse espírito muito susceptível às injúrias.

Leonor não recebeu alguém naquele dia. O seguinte era o último de Setembro de 1838. Eufémia era esperada com a mesada nesse dia. Não era esperar, era ansiar em frenesis a agitação de Leonor.

Quando Eufémia entrou, estava a viúva vestida de preto, com o fato avelhentado do luto de há quatro anos e já de chapéu.

– A senhora vai sair, e de luto carregado?! – disse a criada. – Que tem, senhora D. Leonor?! A menina tem febre!

– Trazes-me a esmola? – disse Leonor com desabrimento. – Leva-a a tua ama, e ao teu amo. Diz-lhes mais que venham tomar conta do que esta casa encerra. Tudo isto não vale um terço do dinheiro, que recebi; mas é honra pagar pouco, e ficar sem nada. Diz a meu primo que esta nobre desgraçada repele a mão benfeitora que larga o ouro, e aperta o cabo do punhal com que se mata a dignidade dos infelizes. Diz a meu primo que o rótulo da sua caridade é um insulto a mim, que não lhe esmolei o seu ouro, ganhado sobre o balcão. Diz a minha virtuosa tia que a virtude não está somente nos temperamentos de gelo, que facilmente são virtuosos. Diz isto. Agora, vai, ou fica.

Leonor ia a sair, e Eufémia abraçou-se a ela, chamando socorro, por julgá-la demente. Os criados vieram; mas recuaram ante o olhar imperioso de sua ama. Leonor saiu a pé, só, com os olhos raiados de sangue, e o coração em convulsões. A longa distância de casa, entrou numa sege de praça, e deu ordens ao boleeiro.

Eufémia contou o sucedido. Maria da Glória chorou, e pediu a Deus que não desamparasse da sua vista a perdida mulher. Álvaro ouviu serenamente repetirem-se os afrontamentos de sua prima, e parecia gozar-se dos novos espinhos, que lhe sangravam o coração.

– Esperemos... – disse ele a sua mãe.

XVIII

N 'aurez-vous point pitié, jeune homme?... Non, non, j'en ai le pressentiment, une ère nouvelle commence...

R. DE LORGUES, *L. das Comunas*.

Leonor, apeando no pátio do palacete dos Olivais, chamou o feitor, e pediu a chave da casa da Luísa: por este nome era conhecida a casa que Leonor dera à sua velha criada, e herdara dela, meses antes. A passo firme abriu a porta, fechou-se dentro, abriu os dois postigos envidraçados, e sentou-se no baú, que estava aos pés da cama em que morrera a criada. Ali estava tudo como a falecida o deixara, pobre, mas limpo, a não ser a capa de pó que assentara no verniz de alguns velhos móveis, que Leonor lhe dera. O feitor, se bem que proibido de a seguir, teimou em vigiá-la, suspeito do descuido em que a vira vestida, e do desconcerto do rosto. Afoitou-se a pedir-lhe que abrisse a porta, e entrou, rogando que não repelisse o seu velho servo, se estava aflita. Leonor pediu-lhe um copo de água, e a chave do baú de Luísa, parte da herança que ela não tivera tempo de examinar, nem quisera dar a outras criadas, que lha pediam, como farrapagem inútil à herdeira.

Abriu Leonor o baú, e entre a roupa branca, recendendo a alfazema, encontrou um embrulho de dinheiro em prata. «Isto é que é verdadeiramente meu», disse ela; «posso com este legado da minha Luísa resistir à morte da fome por alguns dias.» Como o mordomo persistia em rondar as avenidas da casinha, Leonor deu-lhe dinheiro para lhe comprar um jantar como costumava ser o de Luísa, e acrescentou:

– Não cuide que isto é dinheiro de minha tia... E meu, que mo deixou a minha criada. Achei-o no baú. A boa velha, que criou minha mãe, economizou toda a sua vida para matar a fome de alguns dias à filha da sua ama, a Leonor de Brito, à última morgada dos Olivais.

O tom deste dizer dava azo a que o mordomo a tivesse em conta de doida. Assim o creu, e mandou aviso a Maria da Glória.

Ali passou o restante do dia. Ao trazerem-lhe o jantar, recebeu-o por um dos postigos, e tomou dele o prato menos esquisito, uma pouca de vaca, dizendo que não tinha posses para mais. Pernoitou no leito de Luísa, e abriu alta noite as janelas porque sentiu aquele especial e nauseabundo cheiro das exalações cadavéricas.

De madrugada, abriu a porta, e sentou-se no único degrau. Estava abrasada em febre, e, a intervalos, deixava pender para o seio a cabeça extenuada de vágados. Quando pressentiu passos nos arredores da casa, recolheu-se e fechou a porta: era o feitor, que passara a noite velando a casinha onde dormia a filha de seus amos.

A febre abrasou-se até ao delírio. Leonor prostrou-se na barra, e sacudia vertiginosamente os braços e a roupa. O feitor chamou criados, arrombou a porta, e colocou sua mulher ao pé do leito da febricitante. Como recobrasse alentos, e se visse rodeada de gente pobre da aldeia, Leonor sorriu a todos, e pediu que a deixassem. Queria ficar de força a mulher do mordomo; ela, porém, tão afligida se mostrou da contrariedade, que conseguiu ficar sozinha. Ergueu-se, cambaleando aturdida, e trancou a porta, porque a fechadura tinha saltado aos empuxões de fora.

Depois, abriu o baú, tirou o cesto de costura da criada, e experimentou na extremidade do dedo indicador da mão esquerda a ponta duma tesoura. Feita a experiência e ensanguentado o dedo, escreveu no verso dum papel selado, que era a

certidão de idade da defunta criada, as seguintes palavras, com a cabeça de um alfinete:

A minha tia Maria da Glória.

Não posso com a dependência, nem tive educação para agenciar a independência com o meu trabalho. Matei-me duma só vez para não morrer mil vezes, aceitando esmolas com a condição de me fazer escrava delas. Dou louvores a Deus por me ter defendido de alguma tentação desonrosa, até cair nesta desgraça. A minha memória será longo tempo escarmento para infelizes; mas não será vexame para os meus parentes. Agradeço o bem que me fez minha tia; e sinto não ter tido uma alma bastante vil para se não conhecer aviltada. Escrevo no meu perfeito juízo.

Leonor de Brito.

Dobrou o papel, e colocou-o sobre a mesa em que o escrevera. Arregaçou a manga do vestido, e cravou a ponta da tesoura no sangradouro do braço esquerdo. Como a cisura apenas revesse o sangue, ligou e comprimiu o braço com uma tira de lençol. O sangue espirrou com força; e, de o ver, turvou-se-lhe o ânimo de modo que já não pôde passar à cama.

Era à hora do jantar. A mulher do feitor batera e chamara sobressaltada; o marido veio depós ela, e quebrou os caixilhos das vidraças, por onde saltou dentro.

Estava Leonor caída no pavimento. O braço nu gotejava sangue, que salpicava e fazia rego no soalho. Tomou-a nos braços, e levou-a sem sentidos ao leito. Sondou-lhe o pulso, e achou-a viva. Mandou chamar o cirurgião, que morava a um quarto de légua, e vedou-lhe o sangue com panos adesivados e compressas.

De repente, deram passagem a alguém os muitos vizinhos, que ali chamara a gritaria da mulher do feitor, e se agrupavam à porta: era Álvaro Teixeira.

Foi direito à barra, onde Leonor arquejava, com a vista terrível de mortal espasmo.

– Leonor! Minha prima! – exclamou ele passando-lhe a mão na fronte. – Que sangue é este?! – bradou, vendo as com pressas tingidas.

– É que a senhora morgada abriu a veia do braço com uma tesoura... – disse o feitor.

– A minha carruagem depressa aqui! – bradou Álvaro. – Ajudem-me a transportá-la.

Tomou-a ele em todo o peso nos braços, fez entrar a mulher do feitor na carruagem, e, com o auxilio dela, pôde encostar Leonor ao respaldo, e, com duas cadeiras, formou-lhe apoio para o restante do corpo. Recebeu das mãos do mordomo o papel escrito com sangue, leu-o quanto as lágrimas lhe permitiam, e mandou seguir a carruagem para Lisboa, a passo.

A meio caminho, Leonor reconheceu seu primo, e estremeceu. Fitou os olhos esgazeados nas compressas, e agitou o braço direito como se tentasse arrancar o aparelho. Álvaro segurou-lhe o braço, e disse:

– Que queres fazer, minha prima?! Espera mais algum tempo... Morre, quando me não vires neste mundo... Deixa-me viver, e vive tu, o tempo necessário para ires deste teu inferno com a certeza de que eu te amei sempre...

Dilataram-se os lábios roxos de Leonor num gesto que pudera chamar-se um sorriso, e murmurou:

– Um cadáver...

Álvaro tomou para o peito a cabeça, outra vez, desfalecida de Leonor, e chorou-lhe sobre a face algumas daquelas lágrimas, que são no coração humano, como o

alimento, a seiva das últimas esperanças.

E contemplou-a.

Nunca mais a vira desde aquela noite de Julho de 1832. Daquele viço esplêndido, daquela beleza viva e irrequieta, da exuberância de vida que lhe saía aos olhos em faíscas e em risos expansivos aos lábios, restava a pele cortada dos ardores da febre, os ossos descarnados, o palor da agonia, e a desfiguração inteira de todas as feições. E parecia absorvido naquele atormentador enlevo! A expressão dos seus olhos não a soube dizer ele mesmo! Fora-lhe aquela uma infernal hora de cujas sensações a alma, desmemoriada de tamanho horror, não guardou lembrança.

A carruagem parou à porta de Álvaro. Maria da Glória e as suas criadas, chamadas pelo desvariado moço, desceram ao pátio, e ajudaram a tirar Leonor, e levá-la a um leito.

– Creio que vem morta... – disse Álvaro, e saiu para logo voltar com dois médicos. Do exame rápido que estes fizeram, concluíram por esperanças de vida; mas vida de continuados padecimentos, disseram eles.

– A vida da alma – dizia Álvaro com assombro dos médicos – dêem-lhe a vida da alma, que eu quero que ela me veja, e me julgue antes de morrer! Um corpo varado de dores, não importa; mas um espírito com a luz da razão!

E, falando assim, erguia as mãos suplicantes aos médicos. Destes dizia um ao outro com o frio desdém da ciência:

– Espírito sem luz de razão creio eu que é o dele.

E o outro, bamboando sinistramente a cabeça, dizia ao ouvido do colega que Leonor perdera em sangue o que Álvaro perdera em siso.

Maria da Glória, a mártir sem tréguas, andava repartida entre Deus, e o filho, e Leonor. Invocava o Altíssimo pedindo-lhe a vida da sobrinha, que chamava e beijava, cuidando que o hálito dos seus lábios lhe coavam vida; abraçava-se ao filho alvoroçado, rogando-lhe que esperasse em Deus o salvamento da prima.

Leonor descerrou os olhos quebrantados, mas serenos. Reconheceu a tia e comprimiu-lhe a mão, que sentiu na sua; fitou-os com doçura em Álvaro, e balbuciou:

– Salvam-me as tuas lágrimas, meu amigo!... Pobre Álvaro!... o que tu tens penado!...

Não se enganaram os médicos. A vida voltou lentamente a Leonor, mas jamais a saúde. Afrouxaram-lhe os músculos motores de todas as articulações; generalizou-se a enervação, a atrofia, e a frialdade, excepto na cabeça, de que se ela queixava como de fogo que lhe estivesse calcinando as fontes. A isto sucederam espasmos, se não antes intermitentes de paralisia em parte dos vasos sanguíneos, que formam o coração. O ansiar destas horas era angustíssimo.

Maria da Glória e Álvaro revezavam-se ao pé do seu leito. Um e outro, conversando, chamavam-lhe o espírito às ridentes imagens duma esperançosa viagem que os três fariam aos locais mais pitorescos da Itália. Leonor agradecia-lhes, com sinceras lágrimas de remorso, o amor com que velavam os seus longos paroxismos, e dizia que a viagem a fazer era certa, e de encantadoras visões para sua virtuosa tia e primo; mas não para ela.

É bem de ver que então a mãe de Álvaro se desentranhava em encarecimentos à misericórdia divina, convidando a sobrinha a rezar com ela as orações que soror Joana das Cinco Chagas lhe ensinara. E Leonor rezava, e com ardente fé, e muito pranto, em cujo espectáculo o coração de Maria da Glória se embriagava de santas delícias.

Álvaro simulava jovial semblante a sua prima. Fechado, porém, no seu quarto, desafogava chorando, ou escrevendo páginas de muitíssima tristeza, misto de saudade e desespero, saudade da Leonor da sua mocidade, e desespero de não poder torná-la à

beleza de alma e de feições, perdidas para sempre. Cegueira da sua paixão! Alma, com as belezas da inocência, quando a teve a fatídica Leonor? Ai! a beleza das formas essa é que não há olhos enxutos que a vejam fenecer de hora a hora; essa é que influi ao ânimo um pungimento de saudade tão vivo, que eu não sei se há dor a igualar-se àquela saudade da perda formosura da mulher que amamos, perdida também para nós, no instante em que mais fervorosa adoração lhe dávamos!...

O primeiro dia, em que Leonor saiu do leito, foi festejado não com bailes nem banquetes, mas com liberalidades de esmolas, levadas por Álvaro, de ordem de sua mãe, a muitas famílias indigentes, que a denominavam anjo de beneficência, e glória do Céu. A todos os conventos de religiosas pobres, ou empobrecidas pela mudança do regímen, enviava Maria mensalmente uma delicada dádiva, e Álvaro tinha de sua mão socorrer alguns egressos, que corriam de noite as ruas de Lisboa, estendendo a mão à caridade indiferente daqueles primeiros anos rancorosos do velho ódio civil.

Com o lento crescer de forças, acedeu Leonor ao empenho de Álvaro e sua tia: saíram de Lisboa no Estio, correram as províncias do Norte, e visitaram Vairão, onde Cecília, sempre saudosa da sua cela, se deixou ficar esperando a morte bem-aventurada dos que a esperam ao pé do altar. Nas vizinhanças de Espanha, Maria da Glória, desde muito valetudinária, e então muito quebrantada, causou receios a seu filho, e retrocedeu para Lisboa. Aqui, melhorou de aspecto, e transferiu a sua residência para a quinta do vale de Santarém.

Leonor escassamente se vigorizara para um curto passeio. Tinha semanas de sofrer e chorar, pedindo a Deus que lhe tirasse a vida. Álvaro era o consolador destes desconfortos, umas vezes rodeando-a de improficuas juntas de médicos, outras abalando-lhe o espírito com alegres esperanças. Perguntava-lhe se a convivência com as suas relações lhe seria desagradável; experimentou, apesar dela, chamando alguns parentes e amigos ao campo, e preenchendo as horas tristes, que lá se vivem, com o que podia inventar o seu espírito atento a minorar as amarguras da inconsolável doente: inútil tudo, Leonor rogou a seu primo que a não obrigasse a esconder os seus sofrimentos de pessoas estranhas; que a deixasse gozar os instantes de alívio na companhia dele e de sua mãe.

– Se não podes dar-me vida, Álvaro – dizia ela – que vem aqui fazer esta gente, a quem o espectáculo da dor enfada?! Cuidas tu que os move a piedade deste meu estado? Deixa de ser a cândida alma que tens sido, meu primo! Estas famílias, que vieram a um teu aceno, souberam que eu vivia miserável nos Olivais, e encarregavam-se de exaltar a Providência Divina, dizendo que eu estava expiando; e, como o valerem-me seria contrariar a vontade de Deus, abandonaram-me... Se me eu tivesse esvaído de sangue naquela casinha, onde o nosso fatal anjo te encaminhou, estes parentes, obrigados a falarem de mim a quem lhes perguntasse a razão do seu luto, diriam que o meu fim desastrado tinha sido o natural remate das minhas loucuras. Porque não estudaste o mundo, Álvaro? Quando te eu ralava o coração de desgostos, se tu cedesses à curiosidade interesseira do mundo que te chamava, serias a esta hora feliz!...

– Feliz!... – atalhou Álvaro, contemplando Leonor, e cuidando vê-la formosa, como a tinha amado, quando amava e esperava.

– Feliz, sim; terias odiado, e esquecido a tua pobre Leonor... Se a visses infamada, e perdida nos mais baixos sedimentos da sociedade, passarias por ela, sem que o pejo te dissesse que era nobre estender-me a tua mão. A sociedade não ousaria dizer-te: «valha àquela mulher!» porque a sociedade, se censurasse a tua indiferença lá fora, ao pisar os tapetes das tuas escadas, subiria estudando frases de louvor à tua probidade. E tu, meu Álvaro, louvado e querido em particular e em público, andarias feliz e convencido de tua honra. Muita gente diria de ti: «E tão nobre que nem fala dela, nem dá margem a que

lhe falem. Os seus amigos, com medo de lhe ferirem o nobre coração, não se atrevem a pedir-lhe que dê as migalhas da sua toalha a Leonor.» E não eras tu assim tão venturoso, Álvaro?! De que te há servido a tua riqueza? Poderás dizer-me que tens remediado a pobreza de muita gente, principiando por mim e acabando por essas famílias indigentes, cujas bênçãos te enchem a alma de tesouros de Céu. Pois sim; mas que contentamento é esse da alma, que te não transparece no rosto?! Porque te vejo eu sempre triste?! Porque não há-de a virtude ostentar as exterioridades de júbilo, que eu muitas vezes senti, sendo tão culpada e contando tantas horas cortadas de desgostos?

Álvaro reprimiu a resposta que, repulsa dos lábios, falou em lágrimas. Leonor tomou-lhe as mãos com estremecimento carinhoso, e disse-lhe:

– Porque é, meu querido primo? Porque te não dá Deus a felicidade que mereces?...

– Dá, minha Leonor... – balbuciou o enternecido moço. – Dá... é a tua amizade... são as melhores lágrimas do teu coração... Que lhe tenho eu pedido? Naquele tempo em que eu olhava para esta época, e te via continuando a estação de felicidade que minha santa mãe, me trouxera do seu cárcere... naquele tempo, Leonor, gozei horas de alegria celestial... Eu, sem ti, não sabia recordá-las, e nem o bem da saudade me era dado. Agora, quer Deus que a minha alma se alumie à luz dos meus dias alegres... pálida luz, como a da lâmpada do sacrário ao amanhecer... mas, aqui estou vendo os olhos, que me viram feliz... E tu, Leonor, o teu espírito vive e fala... O melhor de ti era o sentimento que ontem acordou... e a amizade sem os dissabores da paixão... Naquele tempo...

– Oh! por piedade, cala-te, Álvaro!... – atalhou Leonor, afogada de soluços... – Não me castigues tu, meu anjo de desgraça e de compaixão...

XIX

Já dava no rosto a friagem da noite da eternidade: só faltava regelar de todo... e cair.

A. F. DE CASTILHO (*Fr. E. de Montalverne*).

Leonor, ao cabo de dois anos de padecer, dificultosamente saía do leito. A extrema fraqueza e tremor espasmódico das pernas seguiu-se a paralisia, e a inteira inactividade. Se a tiravam do leito, transferiam-na a uma poltrona de rodas, que Álvaro com a sua mão conduzia a uma varanda envidraçada, onde Leonor ficava horas embevecida nas belezas do céu, e do vale de Santarém. Duas maravilhas então ocorreram: nunca mais Leonor se lastimou da sua desgraça. E se acontecia Maria ou Álvaro olharem-na com piedade, sorria ela, e dizia:

– O espírito é feliz; e as dores abrandaram muito, desde que metade do corpo morreu. Vejo-me meia morta, e não me aterro.

A outra maravilha foi o remoçar-se-lhe o rosto, até à formosura que ela naturalmente conservaria, com vida quieta e bonançosa, nos seus vinte e nove anos. A nutrição encheu-lhe os sulcos das faces; a pele amaciou-se e restaurou a antiga alvura; volveram as cores purpurinas, e contornou-se o oval do rosto. Eufémia esmerava-se em tocá-la, enquanto ela, sorrindo, dizia:

– Queres por força que a morte se namore de mim!

Álvaro depunha muitas vezes o livro, com que sua prima se recreava, e extasiava-se nos olhos dela; mas que amargura ele escondia naqueles êxtases!

– Vejo os teus dezoito anos, Leonor! – disse-lhe ele um dia.

– Valho hoje mais, Álvaro! Perdi meio corpo, e ganhei o coração! – respondeu ela. – A primeira paralisia era a pior...

Maria da Glória chamou uma vez o filho ao seu quarto, e disse-lhe:

– Vais ouvir-me, sem sobressalto, meu Álvaro. Eu tenho até hoje escondido de ti o único segredo, que devia esconder – a sensível aproximação do meu fim.

– Que é, minha mãe?! – exclamou o filho, correndo a abraçá-la.

– Não é isso o que eu te pedi, Álvaro!... Escuta-me com sossego: sê até ao meu último dia o homem forte. Pedi ao meu médico que nunca te revelasse a minha moléstia, depois que lhe arranquei a confissão de que ela é incurável. Eu morro do coração. Os rebates desta dolorosa doença senti-os no meu primeiro ano de convento. A minha vida tem sido um milagre. Quis Deus, por intercessão das almas que me prezaram, que eu chegasse até aos teus vinte e sete anos, filho. E choras como aos dez, Álvaro! e tiras-me assim as forças de que eu tanto carecia para te dizer o fim para que te chamei!...

– Diga, minha mãe... – atalhou Álvaro com simulada quietação.

– Pois sim; sossega, escuta-me, filho... Que farás tu, depois da minha morte? Em que destino tens tu pensado? Assistirás à agonia de Leonor, ou acabarás por pedir ao mundo um quinhão do contentamento qualquer que te compense da triste vida que tens vivido!? Acharás um dia uma esposa com o coração de tua mãe, ou ficarás esperando a tua hora final, depois que deres a mortalha a tua prima? E a ti quem te amortilhará, meu pobre Álvaro!?

– Hei-de eu amortilhar-me, minha mãe – respondeu ele tranquilamente após alguns instantes de concentração. – Agora, rogo-lhe, por quanto amor lhe tenho, que me não faça mais perguntas.

No dia seguinte, pediu licença a sua mãe, e foi Álvaro a Lisboa. Apresentou-se ao cardeal patriarca, e demorou-se algumas horas em prática secreta. Cometeu importantes encargos ao advogado de sua casa, e voltou ao vale. No caminho encontrara o médico de sua mãe, e, como quem ouvira da enferma o terrível segredo, obteve do médico a confirmação duma breve morte. Era a doença um cirro no coração, já em seu período final.

Álvaro encontrou sua mãe animada, fora do leito, ouvindo Leonor, que lia os manuscritos de seu primo, na maior parte traduções, feitas no colégio. A que ela estava lendo, era a *d'O Cura de Wakefield* de Goldsmith. Reviam lágrimas suaves os olhos de ambas, quando Leonor lia o XXIX capítulo que eu inculco muito de alma a todos os desgraçados, e que vem assim intitulado: *Demonstração da equidade da Providência para com felizes e infelizes. Resulta da própria natureza do prazer e da dor, que os desgraçados devem encontrar na vida futura compensação dos seus sofrimentos.*

Álvaro não consentiu que Leonor fechasse o manuscrito, e sentou-se a ouvi-la até estas linhas que a leitora já lera a custo, de turvada que tinha a vista por lágrimas: «A morte nada é, e todo homem pode mostrar-lhe rosto sereno; mas os tormentos é que são provações horríveis, que poucos sabem suportar.»

– Não leias mais, filha... – disse Maria da Glória – conta-nos o que fizeste em Lisboa, Álvaro... Devia de parecer-te nova a cidade! Há três anos que lá não tinhas ido!... Com quem falaste, filho?

– Com poucas pessoas, minha mãe. Passados dias, tenho de me lá demorar algum tempo para negócios nossos.

– Algum tempo! – disse Leonor – e com que placidez de espírito dizes isso, primo! Pois tu deixas-nos por algum tempo!? E podes, Álvaro?

– São sacrifícios necessários, minha prima. Eu hei-de aligeirar a minha demora o mais que possa...

– Soubeste – atalhou Maria – se têm sido cumpridas as nossas determinações?

– As mesadas?... têm sido pontualmente pagas, minha mãe... Parece-me que a vejo reanimada!...

– Estou, filho... Porque te admiras?! No final das jornadas parece que o vigor do caminhante se recobra para maior caminho. A esperança é tudo, meu Álvaro, e a morte é nada... não o ouviste ainda agora?

Nos três dias consecutivos, Maria padeceu muito, e perguntou placidamente ao seu médico se seria chegado o termo. Não era. As dores abrandaram; e o descanso de alguns dias faria reviver esperanças a quem as tivesse vivas e ansiosas no espírito.

Leonor, desde que sua tia acamou, pediu que lhe não dessem outro local, senão o quarto dela; Álvaro entregou-lhe à sua vigilância a mãe, e foi para Lisboa.

Ao termo de quatro dias, foi chamado por uma carta de Leonor, atribulada pelo receio de ver morrer sua tia, posto dizer a enferma que não morreria sem ver seu filho, com um ar de certeza e contentamento que parecia instinto do Céu. Em carta, escrita de seu próprio punho ao filho, dizia ela: *Não te apresses nem alvoroces, filho, que eu não morro sem te dar o último suspiro.*

A tempo foram as cartas de estar cumprida a diligência que o levava a Lisboa. Sem respiro, transpôs Álvaro as doze léguas que o separavam de sua moribunda mãe. Diziam as criadas, e Leonor com elas, que Maria da Glória, sem delírio nem fraqueza de espírito, horas antes da chegada do filho, estava sempre dizendo, com sombra de júbilo, estas e outras exclamações:

Como ele vem triste; mas que linda é a sua auréola de justo!

O Senhor condeu-se da mãe inocente, e deu-lhe aquele filho. Bendito seja o Senhor no improfundável mistério dos seus juízos!

Foi Álvaro ofegante ao quarto de sua mãe, que tinha a cabeça encostada ao peito de Eufémia, e os olhos postos no crucifixo. Maria, ao ver o filho, nem sequer se aterrou no rosto, a não ser o sorriso instantâneo, que se abriu, na custosa articulação destas palavras:

– Não te disse eu que não era pressa, filho? Estou agora sossegada; e, se assim morrer, suave é a morte. Tinham-me dito que o morrer deste mal era horrível de agonias! Deus faz o que os médicos não sabem... Estás fatigado, Álvaro? Vai descansar... Almoçaste, filho? Vai tratar dele,

Eufémia... A nossa Leonor, coitadinha, não pode ir... A tua irmã querida... Deixota como filha.

– Eu vou contigo, Álvaro? – disse com muita doçura Leonor. – Ajudas-me? Levas contigo este meu esquite?

– A mãe quer estar sozinha? – disse Álvaro.

– Quero, filho: está aí o meu confessor...

Saíram da câmara, e acharam fora o confessor e o médico. O segundo pediu vénia ao médico da alma para ver a doente. Demorou-se instantes, e disse ao padre:

– Agora é toda sua a missão. Eu não venho em cata de esperanças; vinha espantarme da serenidade da moribunda.

Depois de confessada, preparou-se o quarto para a recepção do Sagrado Viático.

Álvaro, quando soube que sua mãe ia ser unguida, entrou no quarto, beijou-lhe a mão com torrentes de lágrimas, e pediu-lhe licença para vir da igreja acompanhando o Senhor. Maria fez um gesto de gostoso assentimento.

Soava já o toque lúgubre da campainha, e o «bendito» do povo, que acompanhava a extrema-unção. Os servos da casa ajoelharam na antecâmara da agonizante. Leonor estava já aos pés do leito, num recanto escuro, com as mãos erguidas.

Entrou o ostiário, e ao lado dele um outro sacerdote com as âmbulas dos santos óleos.

Ouviu-se um ai agudo, e o nome de Álvaro proferido com espanto. Leonor reconheceu-o, Maria descerrou as pálpebras, e balbuciou:

– Não está aqui meu filho!?

E o levita, que entrara a par do vigário, aproximou-se da cabeceira do leito, e disse:

– Aqui estou, minha mãe.

Maria da Glória estremeceu, estendeu os braços ao vulto que falara na voz de seu filho, abriu a boca para deixar sair a respiração convulsa, correu as mãos na face de Álvaro, que se aproximara da sua, e pôde exclaimar:

– Tu!... Álvaro!... tu!... ministro de Jesus!

– Já vê que fico amortalhado, minha santa mãe... –disse o padre Álvaro.

Maria pôs as mãos, cerrou os olhos, e murmurou:

– Infinitas graças, meu divino Senhor! Bendito seja o vosso nome, Virgem Mãe de Jesus! Joana das Cinco Chagas, santa, filha escolhida do meu Deus! pede um raio da tua glória para a alma da tua serva.

Ajoelharam todos. Maria comungou, e foi unguida. Terminada a cerimónia, e desimpedido o quarto, a moribunda acenou ao filho, que continuava de joelhos. Álvaro foi, e curvou-se sobre o leito, aplicando o ouvido aos lábios. Os lábios de Maria já não tinham palavras; se estavam ainda quentes, era o calor do último suspiro. Tomou-o Álvaro no coração quando a boca se entreabria proferindo a palavra «mãe!».

Fez-se o terror do silêncio ali naquele quarto. Ninguém se desafogou em gritos, porque era de todos a dor que os afoga na garganta.

XX

CONCLUSÃO

Oublie-toi! dévoue-toi! sacrifie-toi!

J. SIMON, *Le Devoir*.

E não há um remansoso abrigo onde saiam a repousar-se e a deleitar-nos estes desafortunados dos prazeres reais da vida!

De força há-de o ânimo do leitor compenetrar-se dos regalos íntimos da virtude, para entender que a virtude é boa?

Quando raiará o dia da felicidade para Álvaro?

Quando entardeceu o dia de contentamento para Maria da Glória?

Pecaminosa pergunta, se o leitor duvida das consolações misteriosas com que Deus acode e se amercea dos que o confessam e chamam nas atribulações.

Que antegosto da bem-aventurança não provou Maria, abraçando aquela mortalha de seu filho! Que suave doer, e dulcíssimo anelar a Deus não será o daquele levita na correnteza dos anos, de penitência voluntária, e de evangélica abnegação? Não duvidemos: abaste-nos o orgulho da nossa miséria, e não façamos do nosso cepticismo um cadafalso injurioso à dor e à fé. Se em volta de nós não vemos senão imagens nossas, e almas aferidas no padrão vulgar; se a nossa ideia do prazer a aceitamos do vulgo, remodelada nas suas apreciações, será justo que não desdenhemos a felicidade que nos fica incompreensível aquém da baliza onde o curto alcance do espírito viciado nos leva.

Se Álvaro foi feliz?! Perguntemos a Deus se os seus mártires correm neste mundo os estádios de suas dores, sem que a luz inefável de seus olhos os não guie ao horizonte da bem-aventurança, assinalado pela cruz! E o caminhar sem desvio nem tropeços à pátria infinita que nome tem, se não é a felicidade suprema?

Oito dias depois do trespassse de Maria da Glória, padre Álvaro falou a sua prima, num tom de voz e majestade de postura, que denotava a mudança do homem, ou o esforço dele sobre o coração do homem amortalhado.

– Leonor – disse ele – bem me vês: vesti-me assim para a mim me ver e convencer de que tudo se acabou para mim, menos a vida da alma e as voluntárias mortificações do meu sacrifício. Este caminho é o das alegrias da virtude, por ele irei indo ao lado da sombra de minha mãe, até me identificar com a luz da sua glória. Se errar o passo dificultoso, a santa pedirá por mim ao Pai compassivo dos que se levantam da queda, chorando. Aqui tens o amigo da tua infância, minha prima; os teus infortúnios ganharam para sempre a dedicação, que a tua paciência merece, e me ensina a praticar. Deus perdoar-me-ia se te eu agora contasse a longa história, os longos trabalhos que me custou o morrer do coração. Tu é que me não desculparias a inútil crueza de te dar um espectáculo de angústias, que eu de mim próprio forcejava por esconder. Lá vai tudo. Agora, perdão e paz. Nem lágrimas me dêes às cinzas da paixão desgraçada! Escuta, Leonor, tu tens nos Olivais uma casa em ruínas. Venho-te pedir que ma cedas para os dias todos da minha vida.

– A casa é tua, Álvaro; é teu tudo quanto o mundo chamava meu...

– Não sei se eram minhas as ruínas dos Olivais, Leonor; sei que sinto prazer em pedir-tas.

– E poderemos ali viver, Álvaro? – atalhou Leonor.

– Eu viverei.

– Tu! e eu não, meu primo?!

– Não, Leonor – respondeu o padre com um ar de firmeza, que não animava a ser contrariado. – Ficas aqui, com as criadas de minha mãe, senhora destes nadas que pouco importam à tua triste existência; mas o teu lugar é este onde recende ainda o perfume da mulher virtuosa, que nos levou a Deus a conta das nossas lágrimas.

– E queres que eu aqui fique, Álvaro? Não poderei pedir-te que me deixes escolher outra residência? Respeitarás, ou terás piedade do coração que ta pede, do coração que não morreu ainda?

– Escolhe, Leonor; queres voltar a Lisboa? queres antes viver na casa que lá temos?

– Não, meu primo. Dá-me uma cela num convento, e uma criada, que me sirva.

– E a chorar me pedes um convento, Leonor?

– Quem deixaria de chorar a esta hora, Álvaro!...

– Eu, bem vês.

– Tu, sim, primo... Só podiam ser do coração as tuas lágrimas!...

– Não são, não devem ser... – Álvaro concentrou-se, levantou ao Céu os olhos, e continuou:

– Irás para um convento, deixando-me sem condições a licença de regular a tua casa. As criadas de minha mãe irão contigo, menos Eufémia, que me embalou o berço, e me há-de fechar o caixão. Amanhã iremos para Lisboa. Se, durante a noite a reflexão alterar o teu propósito, dir-mo-ás, Leonor.

No próximo dia, saiu Leonor com as suas criadas para Lisboa. O padre Álvaro antecipou-se algumas horas, e foi em direitura ao convento de Santa Joana, e dali ao conseguimento das licenças eclesiásticas para a reclusão de sua prima.

Nesse mesmo dia, entrou Leonor de Brita no mosteiro de franciscanas, e depós ela uma sumptuosa mobília.

O padre abraçou-a no pórtilo do convento, e disse-lhe:

– A paciência faz os anjos: pedirás a Deus por mim, quando te sentires alumiada da graça que fortalece e santifica.

Leonor soluçava em gemidos, que lhe tomavam a voz. Álvaro pôs-lhe a mão de leve no rosto, e murmurou:

– Não sejam as últimas que chores por saudade de nossa mãe... Nossa, decerto, minha irmã!... Juntos seremos em cada prece que ela fizer a Deus.

Álvaro cortejou a priora e outras religiosas que assistiam à entrada de Leonor, e saiu.

No mesmo dia, foi o padre para as ruínas dos Olivais, onde Eufémia o estava esperando. Enquanto fazia habitável uma parte do edifício aluído, viveu na casinha, onde encontrara Leonor esvaída de sangue. Reconstruída uma pequena porção do palácio, transferiu-se para lá, e decorou-a com parte dos móveis, que conhecia desde a sua infância em casa de Sebastião de Brita. Entre estes objectos, de sua casa levara apenas o leito em que morrera sua mãe, e o retrato de João de Matos.

Os bens de fortuna de padre Álvaro Teixeira eram ainda grandes. Adjudicou a maior parte deles ao tratamento de Leonor, e a pensões de algumas religiosas necessitadas do convento dela. Para si tomou uma pequena parte dos rendimentos de um capital, que doara a Eufémia. Dizia ele muitas vezes à velha criada «que estava vivendo da beneficência dela.»

Este viver assim durou desde 1839 até 1859. Vinte anos!

Neste longo termo, quando alguém acertava de perguntar por aquele esquisito

Álvaro Teixeira, os melhores informadores diziam em tom de plangente hipocrisia que o pobre moço endoidecera. Lembrem-se do que a tal respeito o sacerdote me disse. Como ninguém soubesse atinar com a razão daquela virtude, os mais cordatos chamavam-lhe misantropia, e os poetas achavam-no digno de ser cantado; mas ninguém cantou o herói obscuro: a piedade era assunto minguido para o estro ambicioso dos românticos daquela época. Esqueceu, portanto, Álvaro Teixeira amortalhado no seu hábito.

É de crer que lesse muito, porque a sua instrução era admirável, e que sofresse muito porque os seus quarenta e cinco anos eram a decrepidez.

Visitava Leonor às temporadas, e a secular de Santa Joana vinha à grade, transportada na sua poltrona de rodas, e chorava a cada traço novo de extemporânea velhice, que divisava no rosto de Álvaro.

Algumas vezes suplicou-lhe que a deixasse ir estar com ele, algum tempo, nas suas ruínas. Álvaro respondia que o seu pacto com ela era encontrarem-se na presença de Deus.

Tinha o padre um amigo em Lisboa; era o seu mestre de inglês, aquele homem que assistiu comigo ao sublime espectáculo da morte do justo. Acrescentado pelas liberalidades do sacerdote, o professor abandonara o ofício, e chegara a merecer por suas virtudes uma distinta posição entre os homens úteis deste país. Se ele tivesse passado, e se a glória da virtude não fosse a modéstia, eu escreveria aqui o nome do amigo digno de Álvaro Teixeira.

Não sei que mais lhes possa dizer da vida daquele padre dos Olivais. Recordem os primeiros capítulos, e suave lhes será lembrar os santos ditames daquela boca ungida das lágrimas que lhe sulcavam o rosto venerando.

Já sabem porque ele se esquecia contemplando a janela fronteira das suas ruínas. Naquela janela ouvira ele, em noite de baile, vinte e nove anos antes, as palavras de Leonor com que o seu amor enflorara a garganta do abismo onde caíra entre os braços da piedade e da honra. Também se lembram da rápida saída, que ele fez para Lisboa, ao anunciarem-lhe a agonia de Leonor.

Eu fui ao convento de Santa Joana, e perguntei a história dos últimos instantes da entrevada. Disseram-me, debulhadas em pranto as religiosas, que a morte de Leonor fora o remate de um colóquio com o espírito de Maria da Glória. E, como eu me detivesse em amiudar os pormenores deste vago dizer, tiveram as senhoras a bondade de me contar que o rosto de Leonor, nos seus últimos meses, brilhava de um resplendor, que não era natural; e, ao sair daqueles êxtases, dizia às suas amigas que estivera vendo no Céu a imagem de sua tia. Num destes arroubamentos é que Leonor expediu o espírito, dizendo estas palavras: «Abre-nos o teu seio, santa! leva para ti os teus dois filhos, e não me lances de ti, que as minhas lágrimas purificaram-me.»

Eu quis, não por duvidar, mas por escrúpulo, combinar dois factos inconciliáveis.

– Se Leonor morreu de repente, como foi avisado o padre Álvaro de que ela estava em agonia da morte?

– Não se lhe deu tal aviso – respondeu a priora. – Leonor, na véspera do seu trespasso, tinha dito que, se o seu primo não viesse vê-la até às quatro horas do dia seguinte, só na presença de Deus a veria. Ora, nós tanta confiança tínhamos nas previsões da virtuosa senhora, que nos apressámos a chamá-lo.

– Deu-se, portanto, um milagre! – atalhei eu.

– Milagre foi, louvado seja por isso o Senhor, que escolheu a sua serva para nos edificar – respondeu a prelada. – O padre Álvaro chegou minutos depois da hora que ela dissera.

– Serei importuno fazendo mais uma pergunta?

– Queira dizer.

– Leonor tinha reminiscências magoadas, ou mesmo saudosas dum passado, anterior a trinta anos?

– Não sabemos – respondeu prontamente a priora. – O que podemos dizer-lhe é que Leonor, logo que entrou nesta casa, quis que as suas criadas lhe chamassem MADALENA.

Pensei na palavra, e pus ponto na minha curiosidade.

Já fora da portaria do convento, meditei no que teriam sido vinte anos de horrível imobilidade, de paralisia, com o coração vivo, e o fogo da índole e do instinto inextinguível nele. Não me entendia com o mistério de semelhante conversão.

Alheado nestes pensamentos ingratos e inconcludentes, ouvi uns sons de órgão, cuja toada vinha do templo do mosteiro. Retrocedi, entrei na igreja, ajoelhei, orei, e tudo compreendi, encarando no retábulo de um dos altares. Era o painel significativo da contrição de S. Pedro; e, à orla inferior, li estas palavras: *Flevit amare*: CHOROU AMARGAMENTE.

Os infelizes chorem, que à última lágrima da penitência segue-se a primeira da santificação.

FIM

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da edição de 1863. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
